

ANÁLISE VISUAL URBANA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO DO CAMPUS MANGUINHOS • FIOCRUZ



ANDRÉA BORDE | ANDRÉA SAMPAIO

2010

prourb
LAURD



 Fundação Universitária
José Bonifácio



ANÁLISE VISUAL URBANA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO DO CAMPUS MANGUINHOS • FIOCRUZ

BASES ANALÍTICAS: PERCURSOS, NÚCLEOS E CONES VISUAIS

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
Paulo Gadelha

DIRETORA DA CASA OSWALDO CRUZ
Nara Oliveira

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO
Márcia Franqueira

CHEFE DO SERVIÇO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO
Ana Maria Marques

GERÊNCIA DE PROJETO
Rosana Zouain

ARQUITETA E PESQUISADORA
Inês El-Jaick Andrade

ARQUITETO DO DPH
Daniel Lopes Moreira

DIRETORA FAU
Profª Drª Denise Pinheiro Machado

COORDENADORA PROURB
Profª Drª Rachel Coutinho

COORDENADOR LAURD
Prof. Dr. Roberto Segre

COORDENADORA DO PROJETO
Profª Drª Andréa de L. Pessôa Borde

VICE-COORDENADORA DO PROJETO
Profª Drª Andréa da R. Sampaio (UFF)

ARQUITETAS
Tainá Reis de Paula
Helena Junqueira Schmidt Pontes

GRADUANDOS FAU/UFRRJ
Mateus Barbosa Seixas Pinto
Karina Comissanha
Jefferson Duarte

COLABORADORES
Prof. Dr. Naylor Vilas Boas
Arq. Cesar Jordão

APRESENTAÇÃO	03	NÚCLEO MODERNISTA	35
		NÚCLEO EVANDRO CHAGAS	40
INTRODUÇÃO	04	SÍNTESES VISUAIS	44
CAMPUS MANGUINHOS: BREVE APROXIMAÇÃO HISTÓRICA	04	CRITÉRIOS NORTEADORES PARA PRESERVAÇÃO	45
PATRIMÔNIO CULTURAL: ÁREAS DE INTERESSE E CATEGORIAS DE PROTEÇÃO	05	LEGIBILIDADE PATRIMONIAL POR NÚCLEOS	46
NÚCLEOS DE INTERESSE PARA O PATRIMÔNIO CULTURAL	07	INTERFERÊNCIAS VISUAIS INTERNAS E EXTERNAS	47
METODOLOGIA	08	PERCURSOS	51
ETAPAS DE ANÁLISE	09	DIRETRIZES DE PROTEÇÃO E VALORIZAÇÃO DO SÍTIO PATRIMONIAL	52
ESCALAS DE ANÁLISE	10	GLOSSÁRIO	53
BASES ANALÍTICAS: PERCURSOS, NÚCLEOS E CONES VISUAIS	12	REFERÊNCIAS	54
MODELAGEM DIGITAL	13	ANEXO 1	55
ANÁLISES VISUAIS	14	MAPAS E EDIFICAÇÕES MODELADAS	
O SÍTIO, OS ACESSOS	17	ANEXO 2	
NÚCLEO HISTÓRICO - NAHM	26	ARQUIVOS DIGITAIS	
NÚCLEO POMBAL	31		

S U M Á R I O [0 2]

Fig. 001- Reconstituição digital do percurso entre a portaria principal e o pavilhão mourisco.
Fonte: EQUIPE LAURD. 2010.



Fig. 002



A **Análise Visual Urbana do Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico do Campus Manguinhos da FIOCRUZ** examina a área deste sítio protegida por tombamento federal (IPHAN, 1981), sob a perspectiva da preservação do patrimônio cultural ali existente, a fim de fornecer subsídios para a proposição de diretrizes para o ordenamento de intervenções e dos processos de transformação a serem contemplados em um Plano de Preservação da Área de Interesse Histórico e Paisagístico do Campus Manguinhos/FIOCRUZ. Esta análise constitui-se, assim, em uma atividade preparatória do referido Plano de Preservação.

Este Plano de Preservação vem se estabelecendo como uma demanda urgente tendo em vista a necessidade de preservação do rico patrimônio cultural deste sítio e a pressão crescente por ampliação das unidades existentes e construção

de novas edificações. Uma tensão que se expressa, por vezes, em situações de incompatibilidade formal entre as novas edificações e ampliações com o rico acervo arquitetônico e paisagístico do Campus.

O **Pavilhão Mourisco**, também conhecido como o **Castelo**, é a imagem-síntese do Campus Manguinhos. Localizado em um dos pontos mais elevados do terreno, o Castelo domina a paisagem local constituindo-se em um marco visual da cidade representativo do conjunto urbano do Campus.

A **metodologia** adotada para realização desta Análise Visual alia procedimentos de **representação** (modelos tridimensionais, fotomontagens e diagramas) e de análise da **paisagem urbana** (identificação de campos e seqüências visuais e de elementos morfológicos) aos do **patrimônio cultural** (valoração dos bens e análise das interferências).

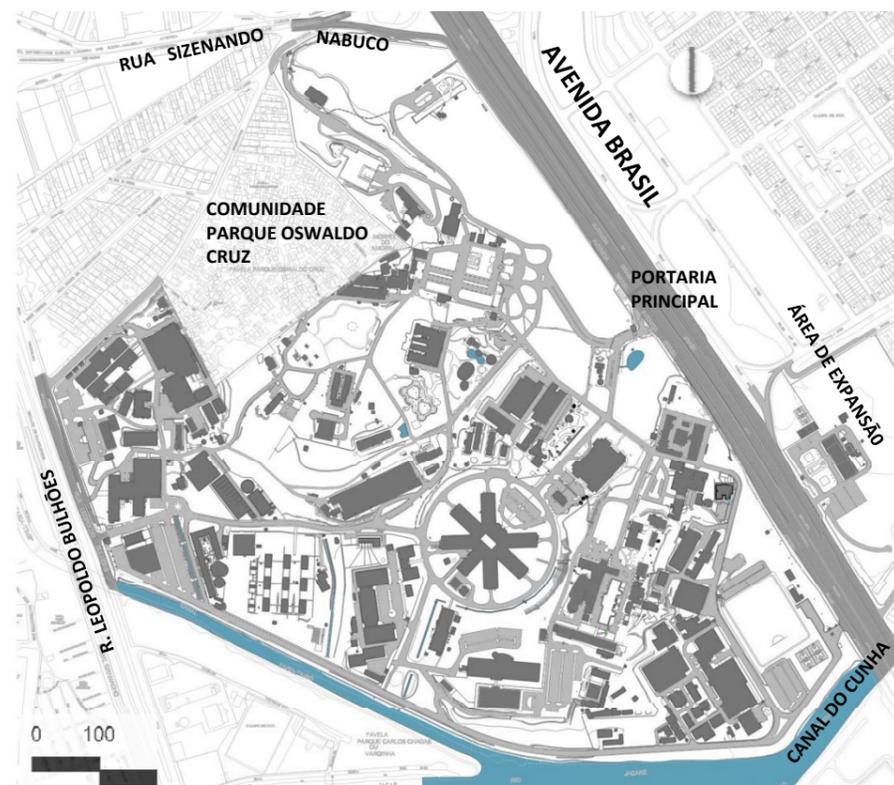
As **análises visuais** foram estruturadas a partir da organização das edificações situadas na Área Protegida (AIHP) em **Núcleos de Interesse para o Patrimônio Cultural**, nos quais os bens culturais foram agrupados de acordo com afinidades históricas e estilísticas.

As **sínteses visuais** concentram os principais aspectos pertinentes às **Ambiências a Preservar** e às **Interferências Visuais** às mesmas.



Fig. 003

MAPA 01 - CAMPUS MANGUINHOS. FONTE: EQUIPE LAURD. 2010.



O **Campus Manguinhos** abrange uma área de aproximadamente 850.000 m² localizada no lado par da Avenida Brasil, entre a R. Sizenando Nabuco, ao norte, e o Canal do Cunha, ao sul. É delimitado, a leste, pela R. Leopoldo Bulhões e, a noroeste, pela Comunidade Parque Oswaldo Cruz. No lado ímpar da Av. Brasil, próximo ao limite sul do Campus, situa-se sua Área de Expansão.

Arquiteturas notáveis, inscritas entre os **bens tombados federais** (BTFs) e **estaduais** (BTEs), edificações destinadas à pesquisa médica, às atividades culturais, educacionais e à prestação de serviços pontuam espaços de grande importância paisagística e conferem uma identidade característica ao lugar.

O Castelo domina a paisagem local:

Fig.002 - Visada privilegiada do Pavilhão Mourisco na chegada pela Portaria Principal. FONTE: EQUIPE LAURD. 2010.

Fig. 003 - Visada do Campus em direção à Av. Brasil, a partir da torre direita do Castelo. FONTE: EQUIPE LAURD. 2009.

Fig. 004 - Visada do Castelo a partir da Área de Expansão do Campus Manguinhos. FONTE: EQUIPE LAURD. 2010.



Fig. 004

CAMPUS MANGUINHOS: BREVE APROXIMAÇÃO HISTÓRICA

Fig.005



A gênese da ocupação do sítio do Campus Manguinhos remonta ao sinal do séc. XIX, quando em 1899 lá se instala o Instituto Soroterápico Federal, em instalações ainda precárias. O atual conjunto edificado concebido pelo arquiteto Luiz Moraes Jr sob coordenação de Oswaldo Cruz em 1903. As primeiras edificações foram o Pavilhão do Relógio, a Cavalariça e o Pombal (1904) e a Casa de Chá (1905), o Castelo (1905-1918) e o Quinino (1919). O Hospital Evandro Chagas (1912) e a Casa Amarela (1922) completam este período inicial de formação do Campus.

O período seguinte, seria marcado pela abertura da Avenida Brasil (1946) e a construção dos Pavilhões Arthur Neiva (1947), Carlos Augusto da Silva (1948) e Henrique Aragão (1955) e da Portaria da Avenida Brasil (1954). Os períodos mais recentes não

Fig. 006

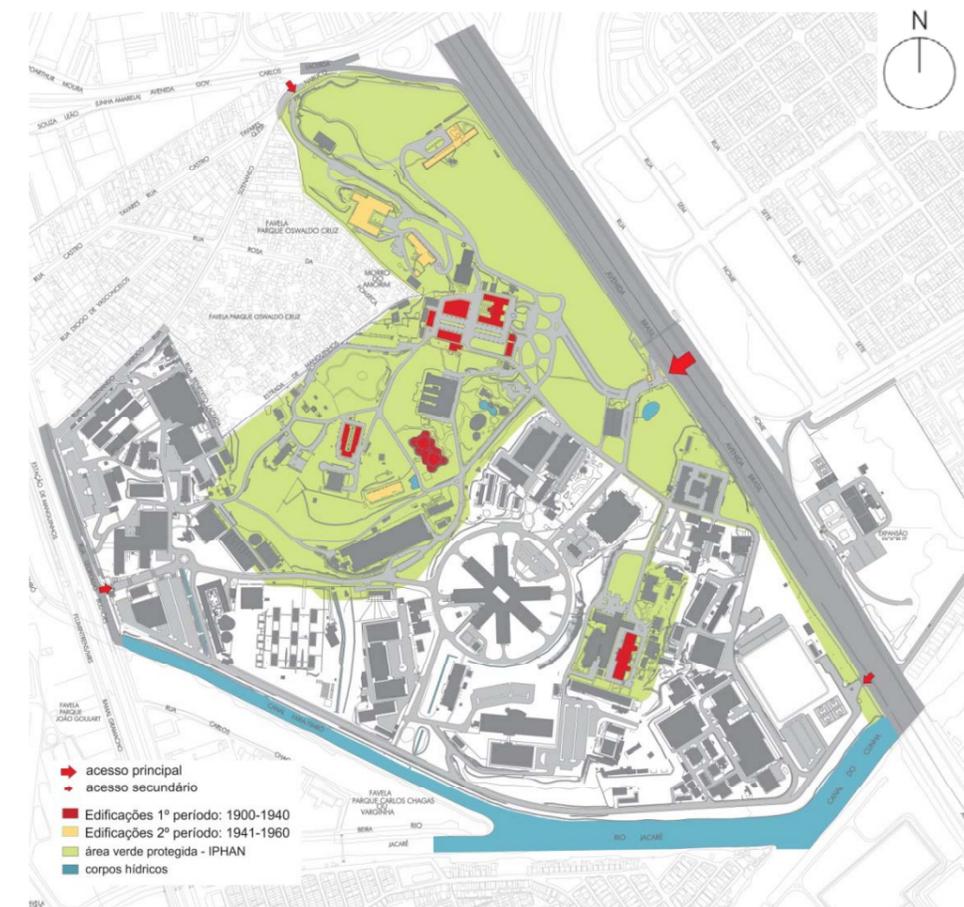


apresentam edificações de interesse para o patrimônio cultural.

O principal acesso ao Campus neste período inicial, além do Cais (1904), na Baía de Guanabara, a leste, era a Estação Amorim, da estrada de ferro, que se conectava ao Campus à oeste. O Caminho Oswaldo Cruz, que liga a rua Leopoldo Bulhões ao Castelo, é uma testemunha deste acesso inicial.

A localização do Campus, em sítio com relevo e, significativa expressão arquitetônica e paisagística, contrasta com a paisagem do entorno, plana, recortada por vias expressas, ocupada por edificações industriais e comunidades de baixa renda. A ambiência do Campus Manguinhos impregna este contexto urbano de significados e características peculiares.

MAPA 02 - EVOLUÇÃO HISTÓRICA EDIFICAÇÕES NOTÁVEIS. FONTE: EQUIPE LAURD. 2010.



A singularidade do sítio urbano do **Campus Manguinhos** foi legitimada pelo IPHAN, em 1981, ao designar os principais edifícios históricos do NHAM como **bens tombados**. Posteriormente, em 1986, inicia-se o processo de extensão da proteção para a área verde e demais edifícios históricos.

Fig. 005 – As primeiras edificações do Núcleo Histórico em torno da Praça Pasteur (Quinino, Pavilhão do Relógio e Cavalariça). 1904. Fonte: Acervo Fiocruz.

Fig. 006 – Construção do Hospital Evandro Chagas vendo-se, ao fundo, o Castelo. 1912. Fonte: Acervo Fiocruz.

Fig. 007 - Planta de Implantação do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos. 1904. Fonte: Acervo Fiocruz.

Figs. 008 a 010 - Vistas aéreas do Campus. 1933, c.1965 e 1990. Fonte: Acervo Fiocruz

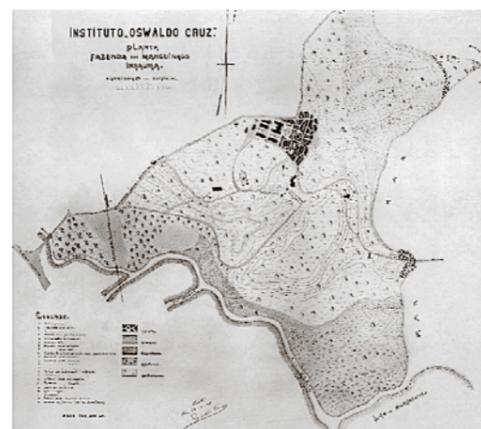


Fig. 007



Fig. 008

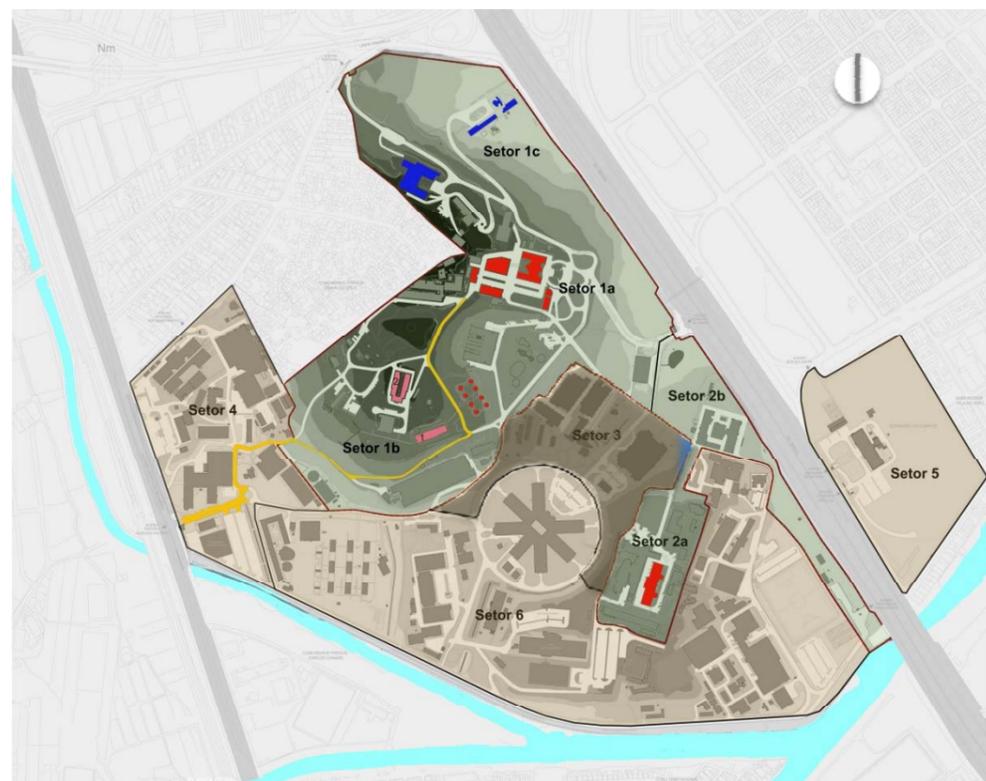


Fig. 009



Fig. 010

MAPA 03 – SETORES ATUAIS (DPH). FONTE: DPH, 2009..



- 
ÁREA PROTEGIDA - IPHAN
 - Caracteriza-se pela presença de bens tombados
 - Setores 1 e 2
- 
ÁREA SEM INTERESSE ESPECÍFICO PARA O PATRIMÔNIO
 - Caracteriza-se pela ausência de bens tombados
 - Setores 4, 5 e 6.
- 
ÁREA DE AMORTECIMENTO
 - Área de transição entre as outras duas.
 - Setor 3.

O Campus Manguinhos está organizado, do ponto de vista do patrimônio cultural, em duas grandes áreas, que compreendem um ou mais setores. Esta organização espacial considera as edificações, caminhos e massa arbórea de interesse para o patrimônio cultural; suas áreas de entorno; áreas com possíveis interferências na visibilidade aos bens de interesse para o patrimônio cultural; edificações e espaços livres sem interesse específico para fins de tombamento do patrimônio cultural. Estas áreas foram denominadas, respectivamente, como Área Protegida, Área de Amortecimento e Área sem interesse específico para fins de proteção do patrimônio cultural. Suas delimitações devem ser definidas no Plano de Preservação.

Essa classificação coaduna com os critérios dispostos na Portaria do IPHAN nº. 299 de 2004, a partir dos quais o Campus Manguinhos pode ser conceituado como uma Área Urbana de Interesse Patrimonial, na categoria **conjunto histórico**. O Campus Manguinhos pode ser qualificado, assim, como **Área de Interesse Histórico Paisagístico (AIHP)**, organizada espacialmente, para fins instrumentais, em três contíguas: **Área Protegida**; **Área de Entorno** e **Área(s) de Influência(s)**, conforme as terminologias da referida Portaria.

Observa-se que o Campus é composto por duas áreas de dimensões bastante próximas. Uma delas, a Área Protegida pelo IPHAN, caracterizada pela presença de bens tombados, sofre pressão constante da outra, cujo processo de adensamento foi intensificado a partir de meados dos anos 80, por edificações sem interesse específico para fins de tombamento pelo patrimônio cultural. Ao final daquela década foi elaborado um Plano Diretor (1988) com o objetivo de regular esse crescimento e preservar o rico patrimônio natural e edificado deste sítio urbano.

Este Plano, no entanto, precisa ser revisto, incluindo as áreas de influência direta sobre os bens tombados, e compatibilizado com o futuro Plano de Preservação da Área Protegida. Devem ser definidas diretrizes que regulem as áreas de transição entre as áreas de interesse patrimonial e o restante do Campus, que contemplem suas demandas.

A paisagem da AIHP caracteriza-se pela relação entre edificações e espaços livres em graus variados de interesse patrimonial, sendo as edificações tombadas isoladamente. A correspondência entre as categorias do IPHAN, a classificação adotada pelo DPH, e os graus de valor patrimonial do conjunto edificado estão sintetizadas no mapa e tabelas apresentados a seguir.

CONJUNTO HISTÓRICO:
Fragmento do tecido urbano da área-sede do município, ou de qualquer um dos seus distritos ou, ainda, sítio urbano que contenha monumentos tombados isoladamente, os quais configuram um conjunto arquitetônico-urbanístico de interesse de preservação, situado na área-sede ou nos distritos do município.

ÁREA PROTEGIDA:
Área tombada em nível federal e demais áreas tombadas em outros níveis. [Portaria do IPHAN nº. 299 de 2004]

Fig. 011- Visada do Castelo a partir da área de amortecimento. FONTE: EQUIPE LAURD. 2009.

Fig. 012 a 014- Aproximações ao Castelo. FONTE: EQUIPE LAURD. 2009.

Fig. 015 – O Castelo visto da saída da Ilha do Fundão. FONTE: EQUIPE LAURD. 2010.



Fig. 011



Fig. 012



Fig. 013



Fig. 014

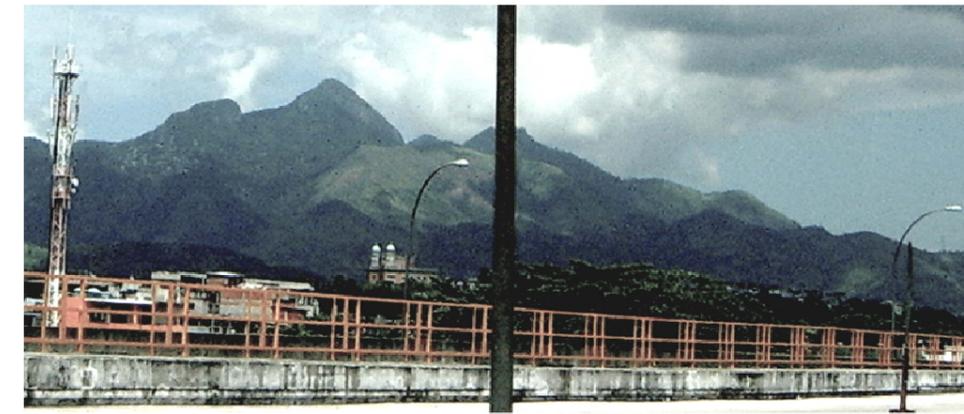


Fig. 015

ANÁLISE VISUAL URBANA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO DO CAMPUS MANGUINHOS • FIOCRUZ

MAPA 04 - CLASSIFICAÇÃO DAS EDIFICAÇÕES QUANTO AO VALOR PATRIMONIAL.

FONTE: EQUIPE LAURD. 2010.



TABELA 01 – CLASSIFICAÇÕES DO PATRIMÔNIO CULTURAL . FONTE: EQUIPE LAURD. 2010.

IPHAN	DPH		CONJUNTO EDIFICADO (Graus de valor patrimonial)
	setor	área	
Áreas protegidas	1 e 2	Área Tombada	Bens tombados pelo IPHAN e INEPAC; Bens de Interesse para preservação pelo DPH; Edificações da área de entorno dos bens tombados
Áreas de Entorno	3	Área de Amortecimento	Edificações situadas na área de influência da Área Tombada
Áreas de Influência	4, 5 e 6	Área sem Interesse para Tombamento	Edificações externas à Área de Influência

TABELA 02 – BENS TOMBADOS E DE INTERESSE PARA PRESERVAÇÃO. FONTE: EQUIPE LAURD. 2010.

BENS PROTEGIDOS PELO IPHAN	BENS TOMBADOS PELO INEPAC	BENS DE INTERESSE DE PRESERVAÇÃO
(Processo 1037-T-80- Tombamento em 29.01.1981; Processo 40099.060054/86-41 – Extensão do Tombamento)	[Processo E-18/001.538/98 - Tombamento em 22.10.2001]	DPH / COC / FIOCRUZ:
Área verde Protegida Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos Pavilhão Mourisco (Palácio de Manguinhos); Pavilhão do Relógio (Pavilhão da Peste); Pavilhão Figueiredo de Vasconcelos (Quinino); Cavalaria; Restaurante e Casa de Chá. Núcleo Pombal Pombal Núcleo Evandro Chagas Hospital Evandro Chagas	Núcleo Modernista Pavilhão de Cursos (Artur Neiva) e Pavilhão do Refeitório Central (Carlos Augusto da Silva)	Núcleo Pombal Vila Residencial Casa Amarela; Pavilhão Henrique Aragão (Febre Amarela); Núcleo Modernista Portaria da Av. Brasil .

ÁREA DE INFLUÊNCIA:
Área onde o uso do solo está diretamente articulado ao uso do solo da área a ser preservada.

ÁREA DE ENTORNO:
Área contígua à área protegida, onde o modo de urbanização e a escala das construções estejam interferindo, ou possam interferir na percepção visual do sítio urbano protegido, em sua ambiência, visibilidade e integração na paisagem.

Fig. 016 - Visada da Colina do NAHM com as primeiras edificações modernistas à frente. Ao fundo, o Maciço da Tijuca. c.1950. Fonte: Acervo FIOCRUZ.

Fig. 017 – Reconstituição digital da mesma visada anterior (modelagem digital) atualmente. Fonte: Equipe LAURD. 2009.

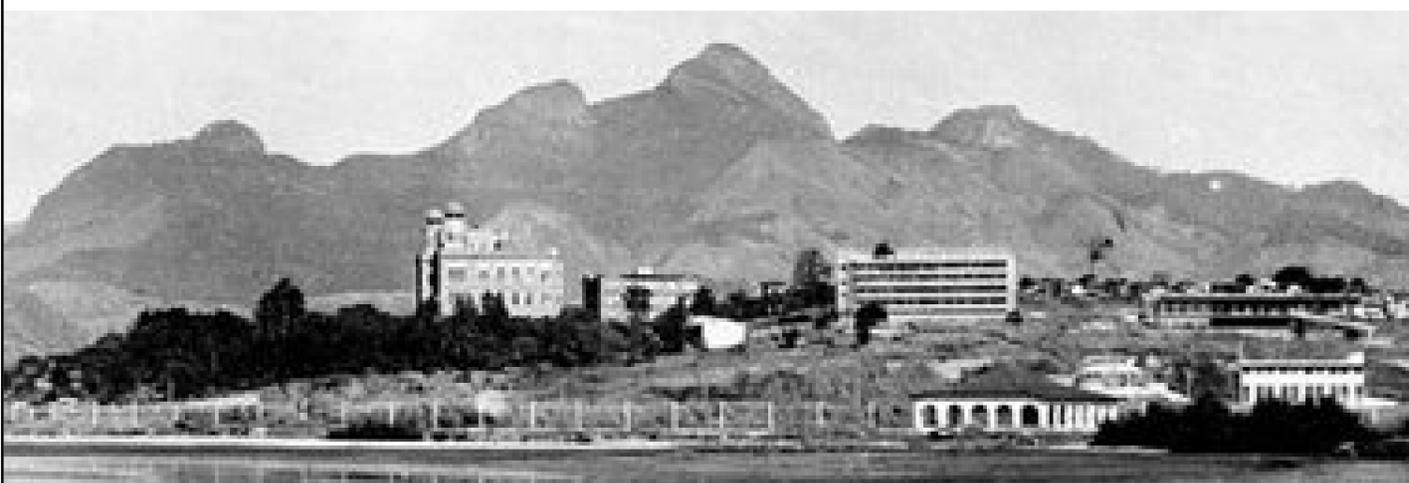


Fig. 016

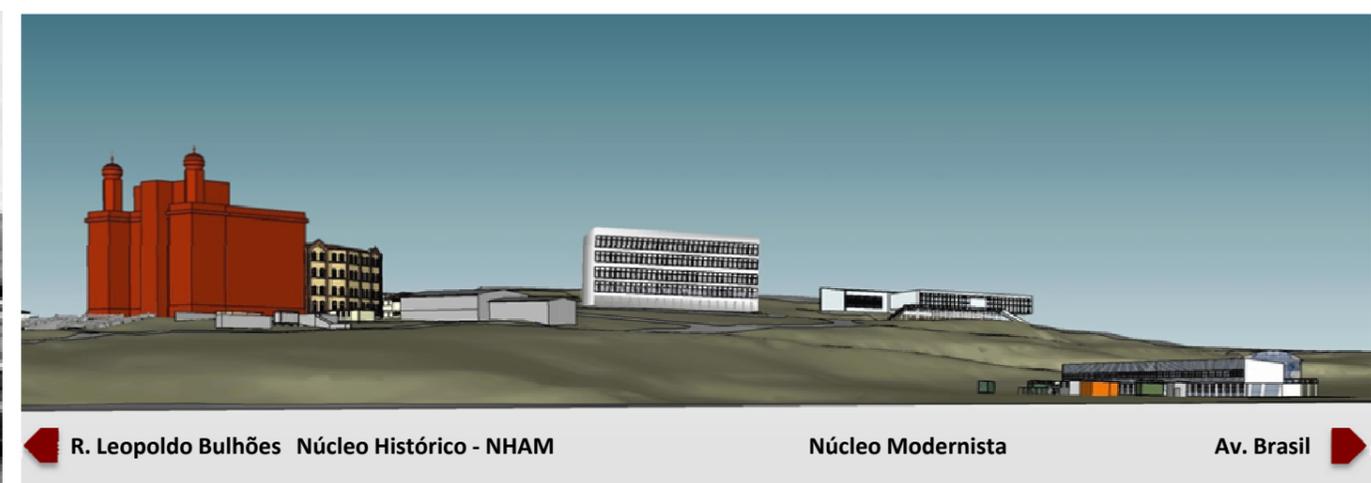
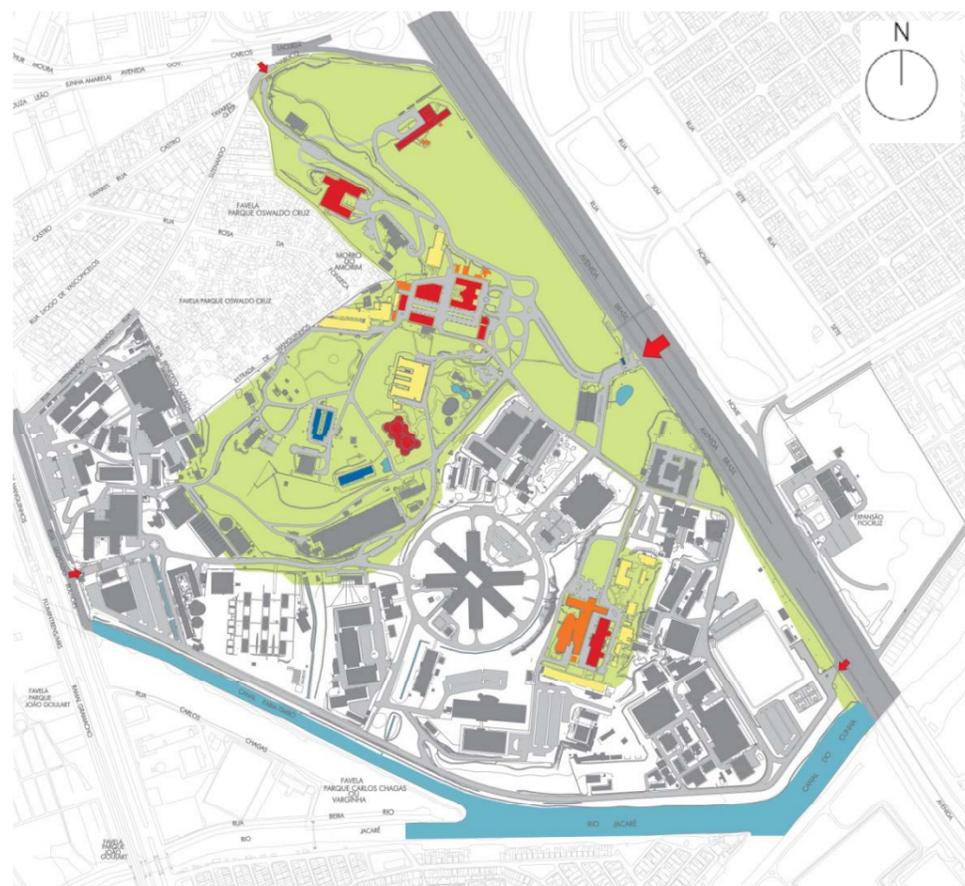


Fig.017

MAPA 05 - NÚCLEOS DE INTERESSE PARA O PATRIMÔNIO CULTURAL. FONTE: EQUIPE LAURD. 2010.



- edifícios do Campus Manguinhos
- bens protegidos
- edifícios com interferência direta no bem protegido
- edifícios no entorno de bem protegido
- bens de interesse de preservação (DPH/COC/FIOCRUZ)
- área verde protegida - IPHAN
- corpos hídricos

Optou-se, nesta Análise Visual, por organizar as edificações e espaços livres notáveis em **Núcleos de Interesse para o Patrimônio Cultural**, de acordo com as afinidades históricas e as linguagens arquitetônicas de suas ambiências.

A área de abrangência destes Núcleos está diretamente relacionada à identificação das

NÚCLEOS DE INTERESSE PARA O PATRIMÔNIO CULTURAL

principais visadas e eixos visuais das edificações notáveis consideradas nas diferentes escalas de análise. Inicia-se, assim, a análise dos Núcleos por suas edificações e espaços livres notáveis.

A Área Tombada e as edificações de cada Núcleo estão representadas no Mapa 5 e, na Tabela 3, uma breve apresentação de cada Núcleo.

TABELA 03- CARACTERIZAÇÃO DOS NÚCLEOS DE INTERESSE PARA O PATRIMÔNIO. FONTE: EQUIPE LAURD. 2010.

NÚCLEO ARQUITETÔNICO HISTÓRICO DE MANGUINHOS (NAHM)	Situado na Colina do Castelo, nele predominam as edificações históricas construídas entre 1904 e 1919, protegidas pelo IPHAN, que seguem linguagem arquitetônica eclética. São edificações notáveis, pertencentes ao primeiro período de formação do Campus, como o Pavilhão do Relógio, a Cavalariça, o Pavilhão Mourisco e o Quinino. O Centro de Recepção (1996) foi incluído neste Núcleo, uma vez que ele é o ponto de partida para os visitantes que vêm conhecê-lo.
NÚCLEO POMBAL	Núcleo contíguo ao NAHM. Nele predominam os espaços livres do Pombal, antigo Biotério (1904), protegido pelo IPHAN, e do horto. Integram este Núcleo também a Residência Oficial (a Casa Amarela, 1922) e o Pavilhão Henrique Aragão (Febre Amarela, 1955), bens de interesse para a preservação pelo DPH/COC/FIOCRUZ. Na área de entorno, interna ao Núcleo, localizam-se também o Horto e o Centro de Criação de Animais de Laboratório (CECAL); O Caminho Oswaldo Cruz atravessa o Núcleo no sentido oeste/leste.
NÚCLEO MODERNISTA	Situado próximo à Avenida Brasil, este Núcleo é composto por edificações notáveis tombadas pelo INEPAC, como os Pavilhões Arthur Neiva (1951) e Carlos Augusto da Silva (Restaurante/ASFOC, 1951) e pela portaria da Avenida Brasil (1955), bem de interesse para a preservação pelo DPH/COC/ FIOCRUZ .
NÚCLEO EVANDRO CHAGAS	Situado na colina oposta à do NAHM, mais próxima à Avenida Brasil e ao Canal do Cunha, o Hospital Evandro Chagas (1918), bem protegido pelo IPHAN, domina este Núcleo. No entorno deste bem predominam edificações sem interesse para preservação.

Fig. 018 - A colina do NHAM. c. 1916. Fonte: Acervo Fiocruz.

Fig.019 - Vista geral do Pombal. Fonte: Acervo Fiocruz.

Fig. 020 - Hospital Evandro Chagas. 1912. Fonte: Acervo Fiocruz.

Fig. 021 - Pavilhão Arthur Neiva. C.1950. Fonte: Acervo Fiocruz.



Fig. 018



Fig. 019



Fig. 020

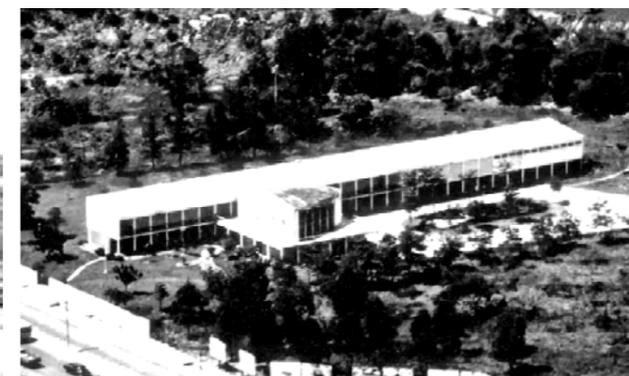


Fig. 021



FIG. 022- INTERPRETAÇÃO GRÁFICA DO CAMPUS MANGUINHOS. FONTE: EQUIPE LAURD

Na metodologia adotada para a realização desta **Análise Visual do Conjunto Urbano do Campus Mangueiras**, foram analisadas as características morfológicas e tipológicas do espaço natural e do conjunto urbanístico; os aspectos visuais das relações entre as edificações e seu espaço envolvente, e entre a Área de Interesse Histórico e Paisagístico (AIHP) e o restante do *campus*, com vistas à identificação das influências mútuas.

Enfocou-se, especificamente, aspectos pertinentes

à **legibilidade** do seu patrimônio cultural, a fim de orientar a análise morfológica do espaço urbano local. A leitura e análise das características morfológicas e visuais do sítio, através de utilização de instrumentos de representação visual e interpretação do patrimônio, viabilizaram análises do impacto visual gerados pelos diferentes elementos urbanos sobre os bens tombados e de interesse para a preservação (DPH).

O levantamento de dados relativos à visibilidade/legibilidade do sítio patrimonial de Mangueiras foi sistematizado em fotos, mapas, diagramas, cortes, eixos visuais e visadas. A modelagem digital permitiu produzir diferentes representações a partir da gradação de escalas e pontos de vista. Como resultado, foram construídos Cortes Analíticos dos principais Eixos Visuais e elaboradas simulações digitais das visadas privilegiadas. A fotomontagem de visadas emblemáticas foi um dos procedimentos adotados na análise comparativa entre a iconografia pesquisada e a produzida. Visadas, cortes, panoramas, eixos visuais, fotos, diagramas foram articulados na realização das análises visuais.

A partir da identificação dos marcos visuais e dos principais percursos, foram selecionadas visadas

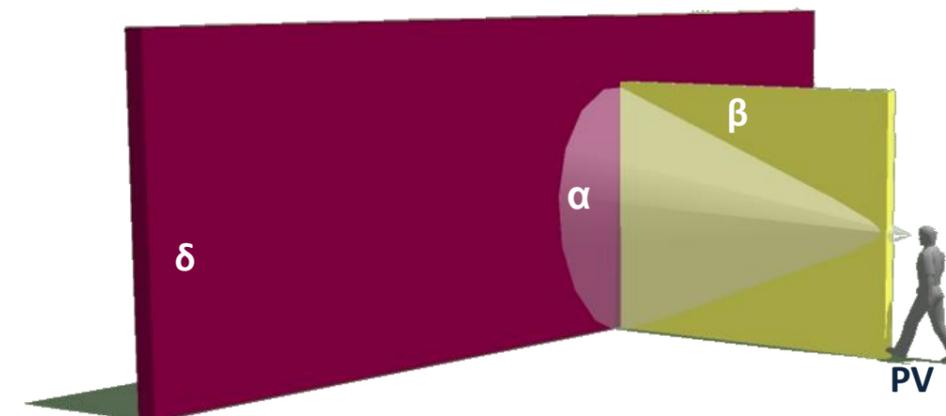


FIG.023 - DIAGRAMA CONES VISUAIS (α), VISADAS (δ), EIXOS VISUAIS (β). FONTE: EQUIPE LAURD

privilegiadas das edificações e espaços significativos da AIHP, a partir das quais foram elaborados os cortes parciais no modelo digital do Campus. As visadas privilegiadas foram o ponto de partida para a delimitação do campo visual dos pontos focais identificados e construção dos eixos visuais.

Estes cortes parciais construídos a partir do ponto de vista do observador permitem identificar **áreas de sombreamento** e **áreas de maior visibilidade** do bem tombado. A construção destes eixos visuais constitui-se, assim, em um instrumento adequado não apenas para a análise do impacto visual dos elementos constitutivos da configuração espacial abrangida em um determinado campo visual, como também para a elaboração de futuras diretrizes de preservação.

Esta sistematização das áreas de visibilidade dos Núcleos de interesse para o patrimônio cultural conduziram às *Análises Visuais* e *Sínteses Visuais*, apresentadas nesse documento.

Campo Visual:

Espaço abrangida pela visão do observador.

Legibilidade:

Facilidade das partes podem ser reconhecidas e organizadas em uma estrutura coerente

Impacto Visual

Diretamente relacionado ao campo visual e proporcionado pela distância de visualização (cones visuais).

Áreas de Sombreamento:

Áreas cujos elementos não interferem na visibilidade ao bem tombado.

Áreas de Maior Visibilidade:

Áreas nas quais alguns elementos podem vir a criar obstáculos à visibilidade do bem tombado.

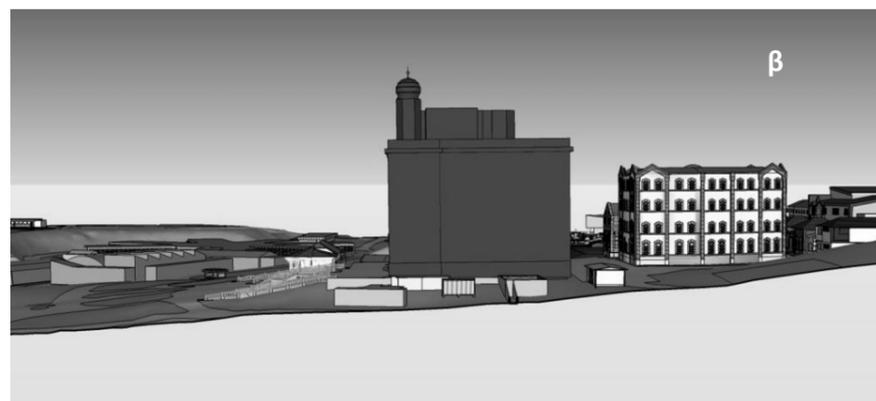


FIG. 024- CASTELO: EIXO VISUAL (β), FOTO E VISADA (δ). FONTE: EQUIPE LAURD

ETAPAS DE ANÁLISE

FIG. 025

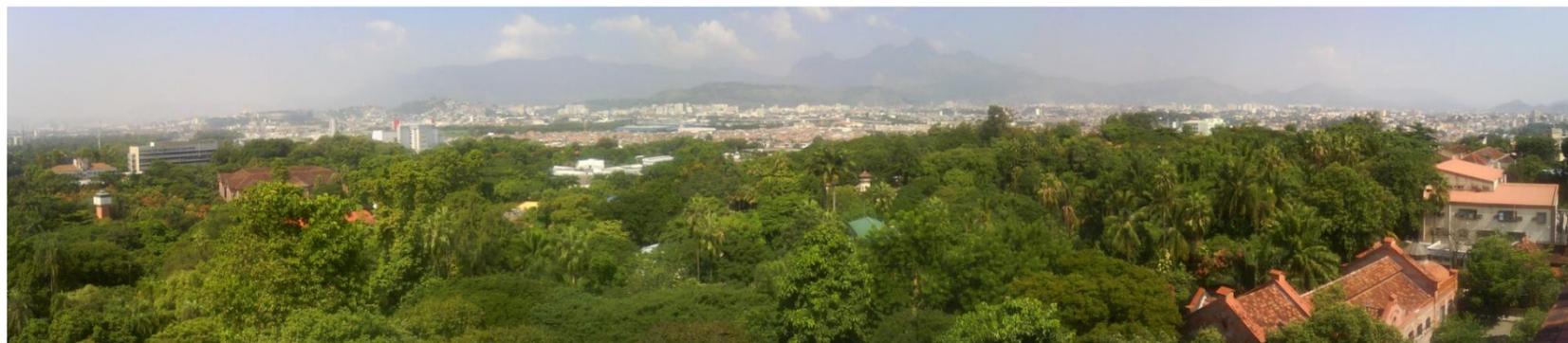


TABELA 04 – ETAPAS DE ANÁLISE. Fonte: EQUIPE LAURD. 2010.

LEVANTAMENTOS DOCUMENTAIS E EMPÍRICOS	SISTEMATIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	ANÁLISE E SÍNTESE
<ul style="list-style-type: none"> Levantamento dos dados iconográficos das edificações e espaços livres notáveis que integram a AIHP do Campus; Levantamento da legislação pertinente aos bens tombados; Observação direta do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico da Área Tombada e suas áreas de influência; Produção de registros fotográficos dos espaços livres e edificações dos Núcleos de Interesse para o Patrimônio Cultural; 	<ul style="list-style-type: none"> Modelagem digital do Campus (compatibilização entre o modelo existente e o levantamento de campo atualizado); Identificação das escalas de análise; Identificação dos percursos notáveis, marcos visuais, visadas e eixos visuais; Elaboração de Croquis, Diagramas, Cortes Analíticos dos principais Eixos Visuais e Fotomontagem das principais visadas. 	<p>Elaboração das Análises Visuais e das Sínteses Visuais, de acordo com o referenciais teóricos dos campos do urbanismo e do patrimônio cultural, destacando: as áreas de maior visibilidade do campo visual das edificações notáveis do Campus Manguinhos e as relações entre elas e demais elementos estruturantes das configurações espaciais observadas</p>

Diante da complexidade urbana, arquitetônica, paisagística e visual do Campus Manguinhos e, mais especificamente, da sua AIHP, optou-se por uma abordagem que considerasse as diferentes escalas de análise, permitindo ênfases específicas, tanto do ponto de vista gráfico quanto conceitual. Neste sentido, a escala constituiu-se em uma ferramenta analítica, que possibilitou hierarquizar os elementos constitutivos da configuração espacial e sistematizar os temas analisados.

Sendo as edificações notáveis os pontos focais para os quais convergem os principais eixos visuais, foram identificadas visadas privilegiadas a fim de delimitar o campo visual destas edificações.

De maneira complementar, buscou-se identificar visadas privilegiadas a partir do Pavilhão Mourisco, principal edificação notável do Campus, visível nas três escalas de análise.

As análises foram estruturadas de acordo com três escalas de aproximação, ou, **três escalas de análise da legibilidade** do Campus, determinadas a partir dos cones visuais específicos e dos campos visuais singulares por elas definidas.

Fig. 026 – Croquis inicial da identificação das escalas de análise e dos procedimentos correspondentes. Fonte: EQUIPE LAURD. 2009

Fig. 027- Hospital Evandro Chagas. Levantamento fotográfico identificando principais interferências às edificações notáveis. Fonte: EQUIPE LAURD. 2010.

Fig. 025 e 028- Levantamento fotográfico para identificação da legibilidade interna e externa do Campus Manguinhos. Fonte: EQUIPE LAURD. 2009.

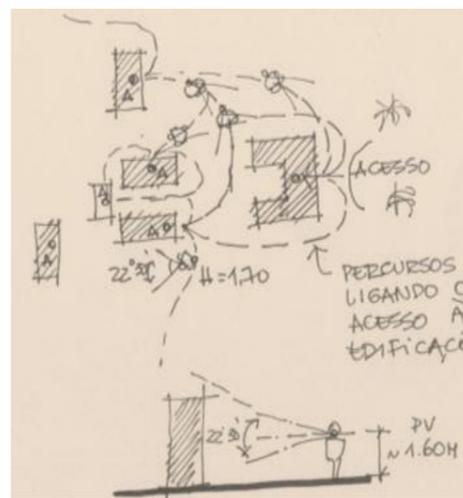


FIG. 026

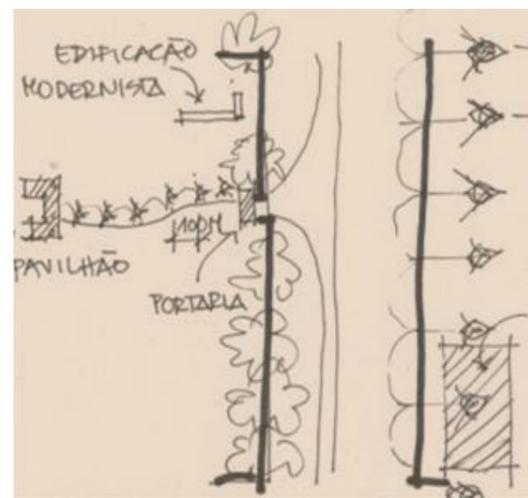


FIG. 027

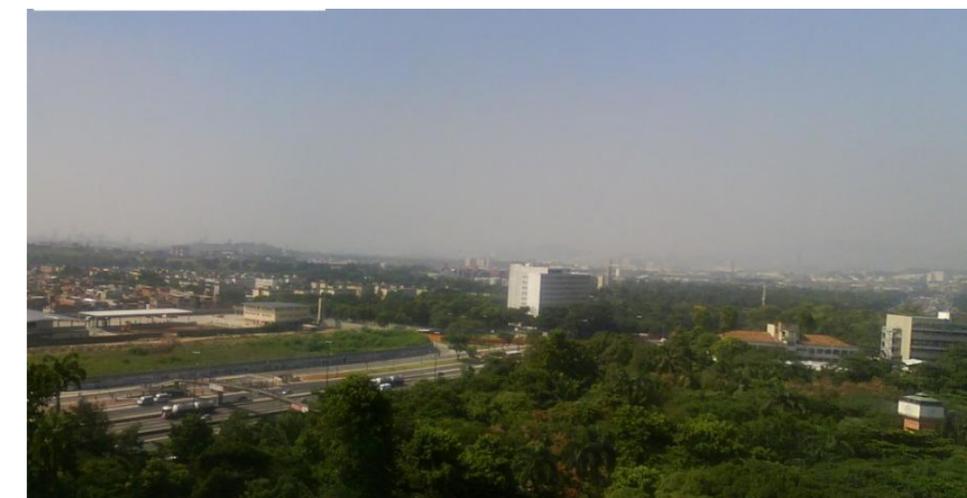


FIG. 028

ESCALAS DE ANÁLISE

TABELA 05: ESCALAS DE ANÁLISE. Fonte: EQUIPE LAURD. 2009.

ESCALA	GRANDE ESCALA [A DA CIDADE]	ESCALA INTERMEDIÁRIA [A DOS PRINCIPAIS ACESSOS]	ESCALA LOCAL [PERCURSOS ENTRE EDIFICAÇÕES]
CONE VISUAL	Considera-se uma altura de observador de 1,70m (com olhos, portanto, a cerca de 1,60m do piso) e um ângulo de visão de 6°.	Considera-se uma altura de observador de 1,70m (com olhos, portanto, a cerca de 1,60m do piso) e um ângulo de visão de variável entre 6° e 22°30'.	Considera-se uma altura de observador de 1,70m (com olhos, portanto, a cerca de 1,60m do piso) e um ângulo de visão de 22°30'.
CAMPO VISUAL	Nesta escala o campo visual abrange muito além do ponto focal e seu entorno imediato. O observador utiliza um menor ângulo de visão para enquadrar o ponto focal.	Nesta escala o campo visual abrange o ponto focal e seu entorno.	O Campo visual nesta escala de análise não é capaz de incluir, por vezes, todo o ponto focal, mas apenas partes do mesmo.
OBJETIVOS	Percepção da iconicidade e legibilidade do Castelo Mourisco e possíveis interferências.	Percepção da legibilidade dos marcos visuais internos ao Campus e possíveis interferências.	Reconhecimento da importância das edificações de interesse patrimonial na orientação desses percursos, bem como para o desenvolvimento do caráter do lugar (que inclui desde o pertencimento ao local até a identificação das características arquitetônicas dessas edificações)
INSTRUMENTOS DE ANÁLISE	Panoramas e cortes analíticos tendo o Castelo como foco, bem como a partir das torres do Castelo. Panoramas e cortes analíticos da fachada voltada para a Avenida Brasil.	Seqüências visuais (em intervalos de 100 metros) a partir da Avenida Brasil e da Portaria principal até o Castelo. Visão serial dos percursos de acesso aos Núcleos. Cortes a partir dos eixos visuais das principais visadas.	Visadas, inserção de análise sobre foto, assim como elaboração de croquis e diagramas analíticos das situações com características urbano (ângulos, detalhes, incompatibilidades, interferências, entre outras) relevantes para as análises visuais deste conjunto histórico. Visadas dos percursos internos interligando os acessos principais das edificações entre si.

Iconicidade

Propriedade que um signo icônico tem de representar, por semelhança, o mundo real. Por exemplo, a propriedade que o Castelo (Mourisco) tem de representar o Rio de Janeiro para quem chega na cidade.

Fig. 029 - Grande Escala – Visada do Campus Manguinhos a partir da Área de Expansão. O Castelo como marco visual da cidade. Fonte: Equipe LAURD. 2009.

Fig. 030 – Escala Intermediária – Visada à partir da Avenida Brasil. O Castelo como marco visual da paisagem local. Fonte: Equipe LAURD. 2009.

Fig. 031 – Escala Local – percurso pelo NAHM. Área de entorno imediato do Castelo (à direita na foto). Fonte: Equipe LAURD. 2009.



Fig. 029



Fig. 030



Fig. 031

Foram identificados, concomitantemente, os **principais percursos** e caminhos que conectam as edificações notáveis, de cada Núcleo, entre elas e aos acessos. Esses caminhos foram hierarquizados quanto às características e intensidades dos fluxos e ao valor patrimonial.

A partir da observação direta identificamos os percursos que atravessam a AIHP com maior fluxo de funcionários e de visitantes; os que observamos um fluxo significativo de pessoas, ainda que específico; e aqueles nos quais verificamos uma menor intensidade de fluxo. Os primeiros são os percursos que ligam a portaria da Avenida Brasil ao Castelo e ao Hospital Evandro Chagas. Os percursos de fluxo específico foram observados, muitas vezes, entre as edificações notáveis dos diferentes núcleos, sendo os percursos entre as edificações de um mesmo Núcleo.

A atribuição de valor patrimonial a estes percursos está relacionada tanto à visibilidade dos bens tombados como à própria historicidade do percurso. Tal é o caso do Caminho Oswaldo Cruz que, embora possua fluxo de média intensidade, pode ser considerado de interesse para preservação pelo seu valor histórico.

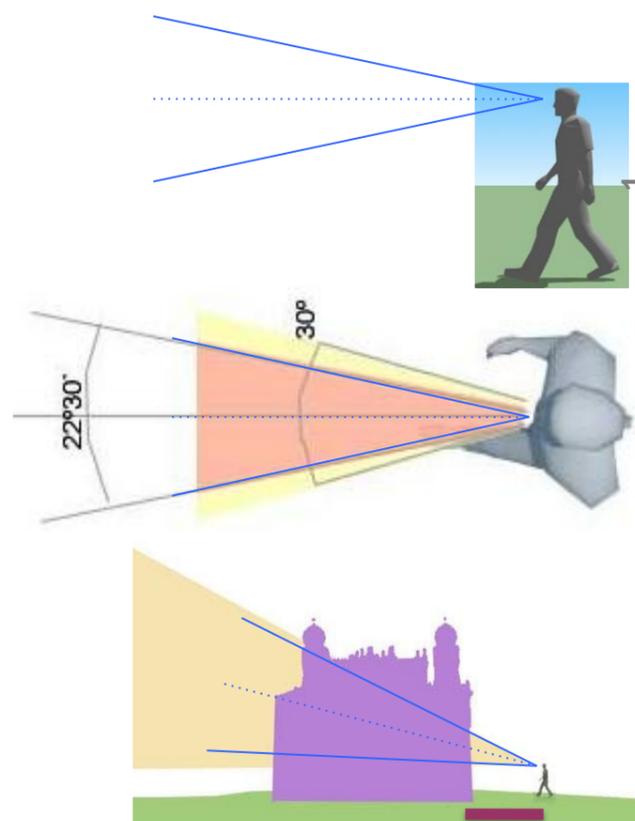


FIG. 032 – CONES VISUAL: ESCALA LOCAL.
Fonte: Equipe LAURD.2009.

Além da escala espacial, trabalha-se com a noção de **escala temporal**. A partir deste entendimento, foram levantados dados históricos, notadamente, documentação iconográfica, buscando-se salientar elementos estruturadores do processo de formação do Campus Manguinhos.

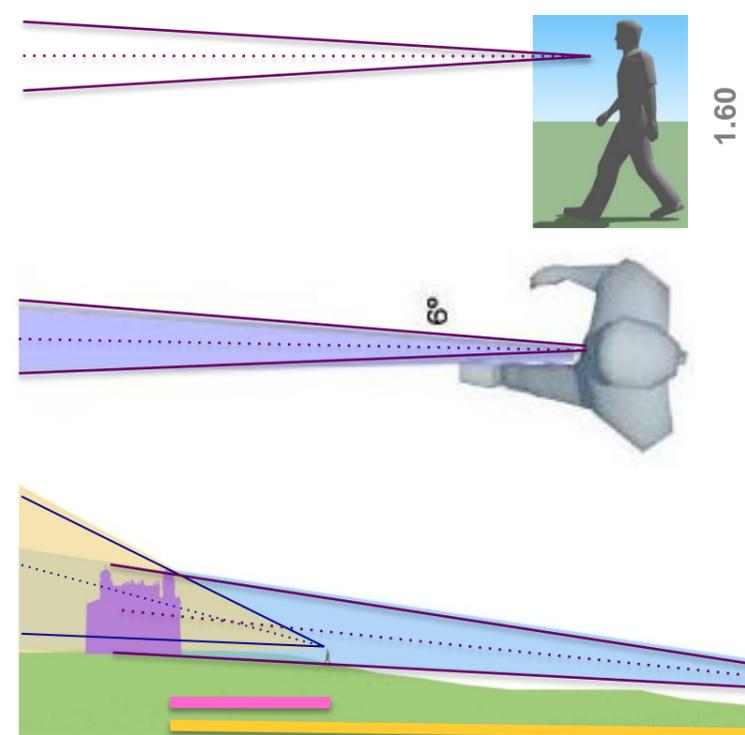


FIG. 033– CONES VISUAL: ESCALA INTERMEDIARIA E GRANDE ESCALA.
Fonte: Equipe LAURD.2009

Esta Análise visual incluiu também uma análise comparativa da paisagem do Campus atual e de diferentes momentos históricos, em particular, da sua fase de implantação, a partir do acervo iconográfico da FIOCRUZ.

Nos Mapas apresentados a seguir, estão representados os principais percursos e as escalas de análise pertinentes a cada Núcleo.

Escala Temporal
Permite relativizar os fatos às épocas em que ocorreram; informa os processos históricos; abordagem diacrônica.

Fig. 034 – Cavalariça nos primórdios do Campus. C.1910. Foto: Acervo FIOCRUZ.

Fig. 035 – Cavalariça hoje com o NAHM intensamente arborizado. Fonte: Acervo FIOCRUZ.

Fig. 036 – Pesquisadores chegando ao NAHM. c.1910. Fonte: Acervo FIOCRUZ.

Fig. 037 – Interpretação gráfica do percurso de fluxo intenso ligando a portaria da Av. Brasil ao Hospital Evandro Chagas. Fonte: EQUIPE LAURD. 2010.



Fig.034



Fig. 035



Fig. 036

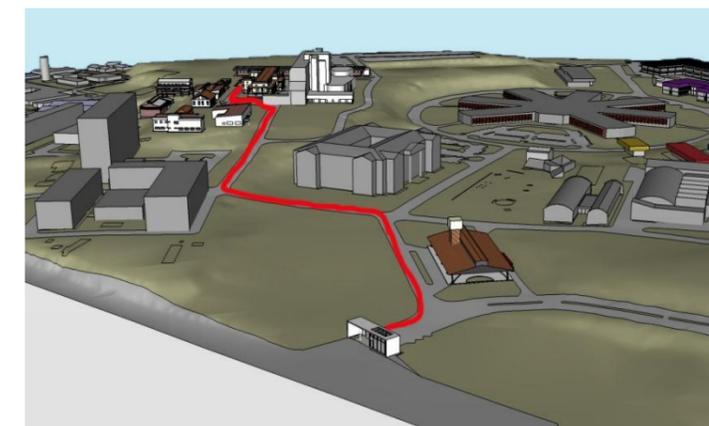
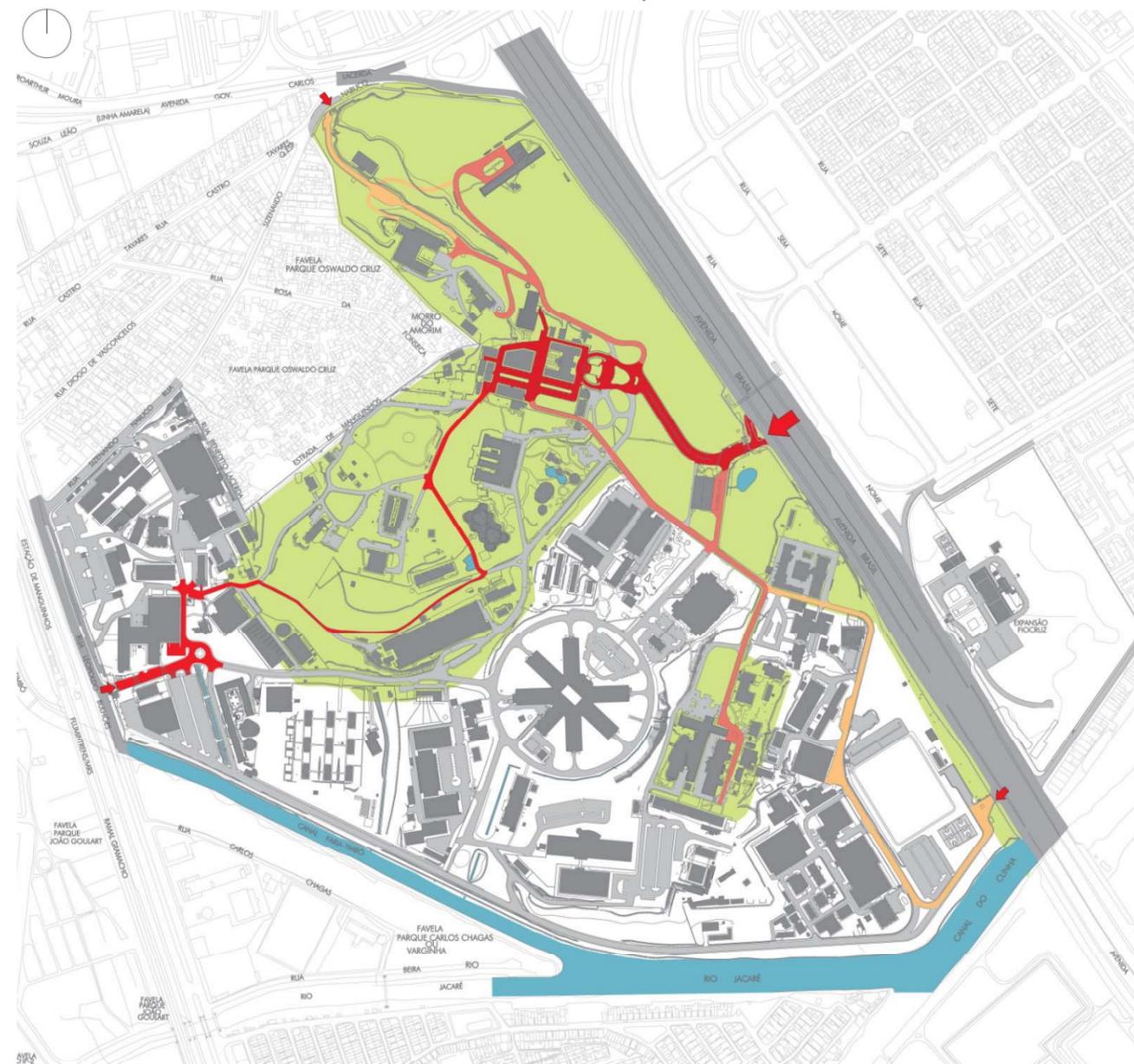


Fig. 037

ANÁLISE VISUAL URBANA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO DO CAMPUS MANGUINHOS • FIOCRUZ

BASES ANALÍTICAS: PERCURSOS, NÚCLEOS E CONES VISUAIS

MAPA 6 – PRINCIPAIS PERCURSOS E CAMINHOS NOTÁVEIS. FONTE: EQUIPE LAURD. 2010

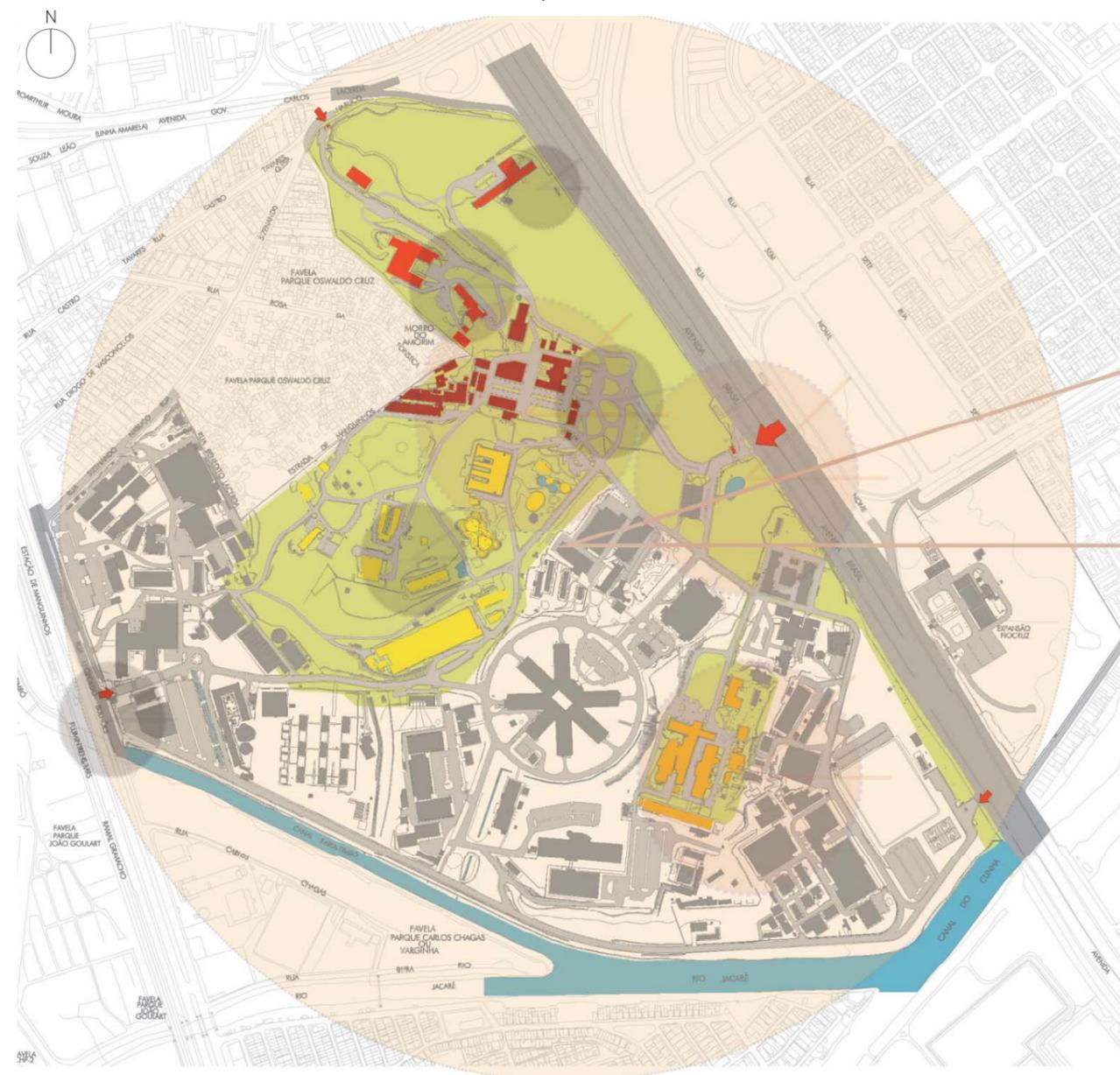


- ➔ acesso principal
- acesso secundário

- Caminhos notáveis: Caminho Oswaldo Cruz e Portaria principal ao Mourisco
- Caminhos internos interligando edificações notáveis
- Caminhos de acesso secundários às edificações notáveis
- área verde protegida - IPHAN
- corpos hídricos

0 100 200

MAPA 7 – ESCALAS DE ANÁLISE DOS NÚCLEOS. FONTE: EQUIPE LAURD. 2010



- ➔ acesso principal
- acesso secundário

- 22° 30' - escala local
- escala intermediária
- 6° - grande escala

- edificações do Campus Manguinhos
- edificações do Núcleo Colina do NAHM
- edificações do Núcleo Modernista
- edificações do Núcleo Pombal
- edificações do Núcleo Hospital Evandro Chagas
- área verde protegida - IPHAN
- corpos hídricos

0 100 200

MODELAGEM DIGITAL

MAPA 8 - AIHP, CAMINHO OSWALDO CRUZ E CONJUNTO EDIFICADO. Des: Equipe LAURD. 2010.



FIG. 038 – CAMPUS MANGUINHOS: MODELAGEM DIGITAL. Des: Equipe LAURD. 2010.

A modelagem digital do Campus Manguinhos, de suas edificações notáveis e daquelas na área de influência da AIHO, foi uma etapa importante do processo de elaboração das análises visuais.

Algumas edificações foram elaboradas a partir das plantas, cortes e fachadas existentes e complementadas pelo levantamento fotográfico feito em campo. Outras, que não possuíam esses dados, foram elaboradas a partir desses últimos.

Esta modelagem contribuirá, também, para a proposição de diretrizes no Plano de Preservação.

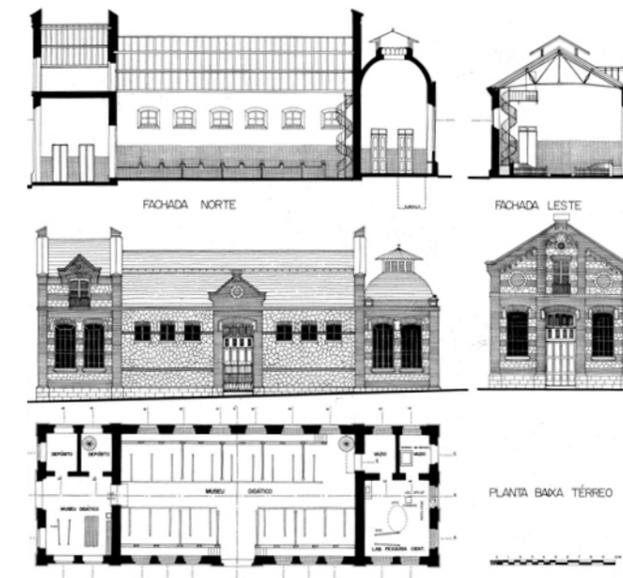


FIG. 040

Fig. 040. - Cavalariça: Planta, Cortes e Fachadas. Fonte: Acervo FIOCRUZ.

Fig.041 – Cavalariça já época da inauguração. 1904. Fonte: Acervo FIOCRUZ.

Fig.042 - Vista do telhado da Cavalariça. 2009. Fonte: Equipe LAURD. 2009.

Fig. 043 – Visadas do Modelo 3D da Cavalariça. Des: Equipe LAURD. 2009.

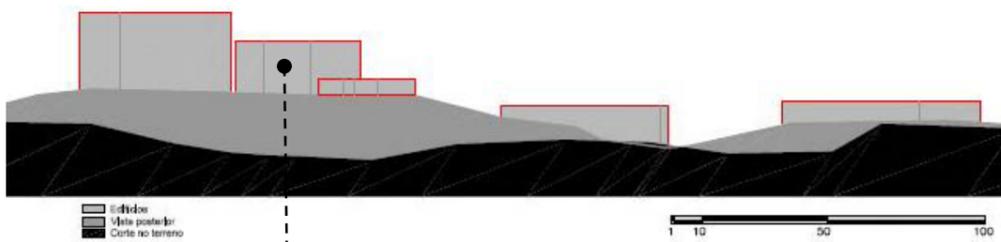


FIG. 039 – CORTE ESQUEMÁTICO PRELIMINAR (CASTELO/ NÚCLEO MODERNISTA). 2009.



FIG. 041



FIG. 042



FIG. 043



A Análise Visual realizada privilegiou o olhar humano, o ponto de vista daqueles que freqüentam, visitam o Campus e percebem suas edificações e espaços livres notáveis como marcos visuais de identificação da paisagem urbana carioca.

A leitura e análise da legibilidade dos espaços valeram-se da utilização de ferramentas da representação visual, como a Modelagem Tridimensional Digital do sítio patrimonial, a Iconografia histórica e os Registros Fotográficos (de Percursos, Panoramas, Visadas, Eixos Visuais e Cortes). Estas ferramentas gráficas proporcionaram uma variação de pontos de vista, ampliando as possibilidades de análise da paisagem urbana.

A articulação entre os elementos de análise gráfica e de interpretação do patrimônio permitiram a identificação de campos e seqüências visuais e valorização de elementos morfológicos significativos para o patrimônio cultural, bem como o impacto visual causado pelas e interferência.

A Análise Visual, aqui desenvolvida, considerou os atributos morfológicos do meio ambiente, através do reconhecimento das unidades morfológicas encontradas no sítio patrimonial, e das relações visuais e físicas que estas mantêm entre si e seu entorno. Essa análise busca explicitar os elementos naturais e construídos responsáveis pela produção de efeitos visuais que caracterizam a identidade configurativa do sítio histórico.

Foram considerados como objetos de análise os elementos arquitetônicos, os elementos do sítio físico (relevo e vegetação); o traçado viário, espaços construídos, abertos e semi-abertos; as silhuetas internas e externas produzidas pelos planos verticais; as relações volumétricas entre os edifícios e destes com o espaço público; além de elementos complementares como veículos de propaganda, de sinalização e mobiliário urbano.

As análises visuais realizadas tiveram como objetivo identificar as características morfológicas e

tipológicas do espaço urbano/natural e do conjunto construído que contribuem, ou criam obstáculos, para a **legibilidade** e **visibilidade** da AIHP, com ênfase nos aspectos relativos à proteção do patrimônio cultural. Neste sentido, foram considerados os seguintes aspectos nos diferentes elementos:

- **Nos elementos do sítio físico:** a conformação natural do sítio como suporte físico do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico na configuração da área considerada;
- **Nos elementos edificados:** a participação da forma dos edifícios, tanto isoladamente quanto formando conjuntos, na composição espacial das tipologias existentes, da predominância estilística, das características dos espaços construídos, da volumetria dominante, identificando padrões urbanísticos e arquitetônicos;
- **Nos elementos complementares:** a participação da forma de outros elementos de composição espacial, como sinalização e mobiliário urbano, isoladamente ou como conjuntos, na configuração local.

Essas análises serão apresentadas para cada **Núcleo de Interesse para o Patrimônio Cultural**, enfocando a relação entre esses conjuntos de elementos.

Fig.045– Vista da torre do Castelo. Fonte: Equipe LAURD. 2009.

Fig.046 - Vista do Castelo a partir da Avenida Brasil, próximo ao Canal do Cunha, c. de 1950, e simulação da situação atual, via modelagem digital do Campus. 2010. Fonte da Foto: Acervo FIOCRUZ. Des.: Equipe LAURD.2010.



Fig.045

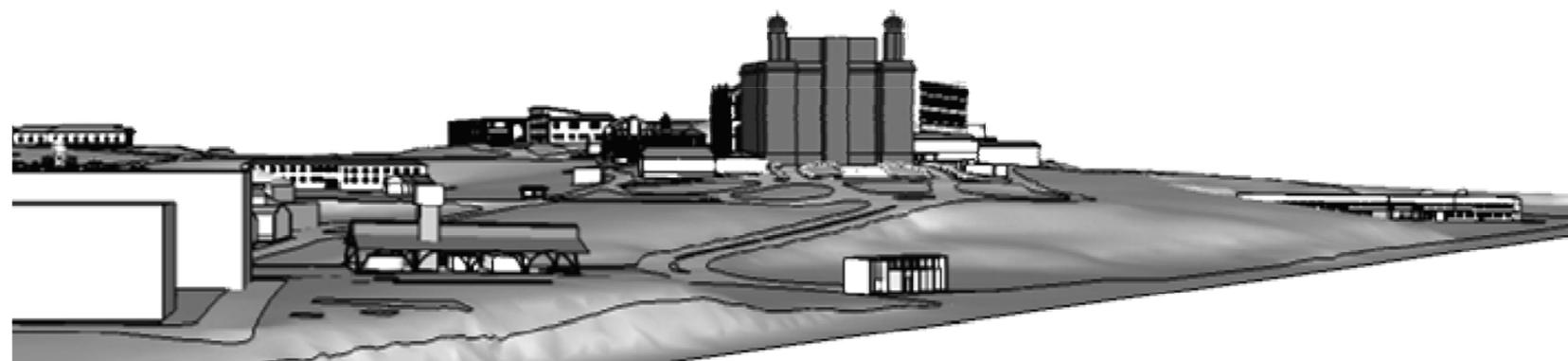


Fig.046

Fig.047 – IDENTIFICAÇÃO DOS NÚCLEOS SOBRE FOTO AÉREA ATUAL. BASE FOTO: GOOGLEMAPS. Des.: Equipe LAURD2010.



De acordo com os procedimentos metodológicos adotados, foram realizados cortes, identificadas as principais visadas e traçados eixos visuais (cortes analíticos). Enquanto os dois últimos constituem-se instrumentos gráficos de análise visual dos bens tombados centrados no olhar humano, os cortes gerais permitem compreender as relações que estabelecem as edificações e espaços livres entre si e o sítio do Campus Manguinhos.

Outro procedimento metodológico utilizado, foi a identificação e hierarquização dos principais caminhos e ligações que conectam as edificações notáveis entre si e os principais acessos ao Campus. As análises visuais desenvolvidas para cada Núcleo serão precedidas por uma apresentação do Sítio e Acessos Principais, através dos cortes gerais, dos panoramas da Avenida Brasil e do percurso realizado pelo Caminho Oswaldo Cruz, a partir do acesso pela Rua Leopoldo Bulhões.

As análises de cada Núcleo são complementadas por uma síntese das principais interferências e das características a serem preservadas.

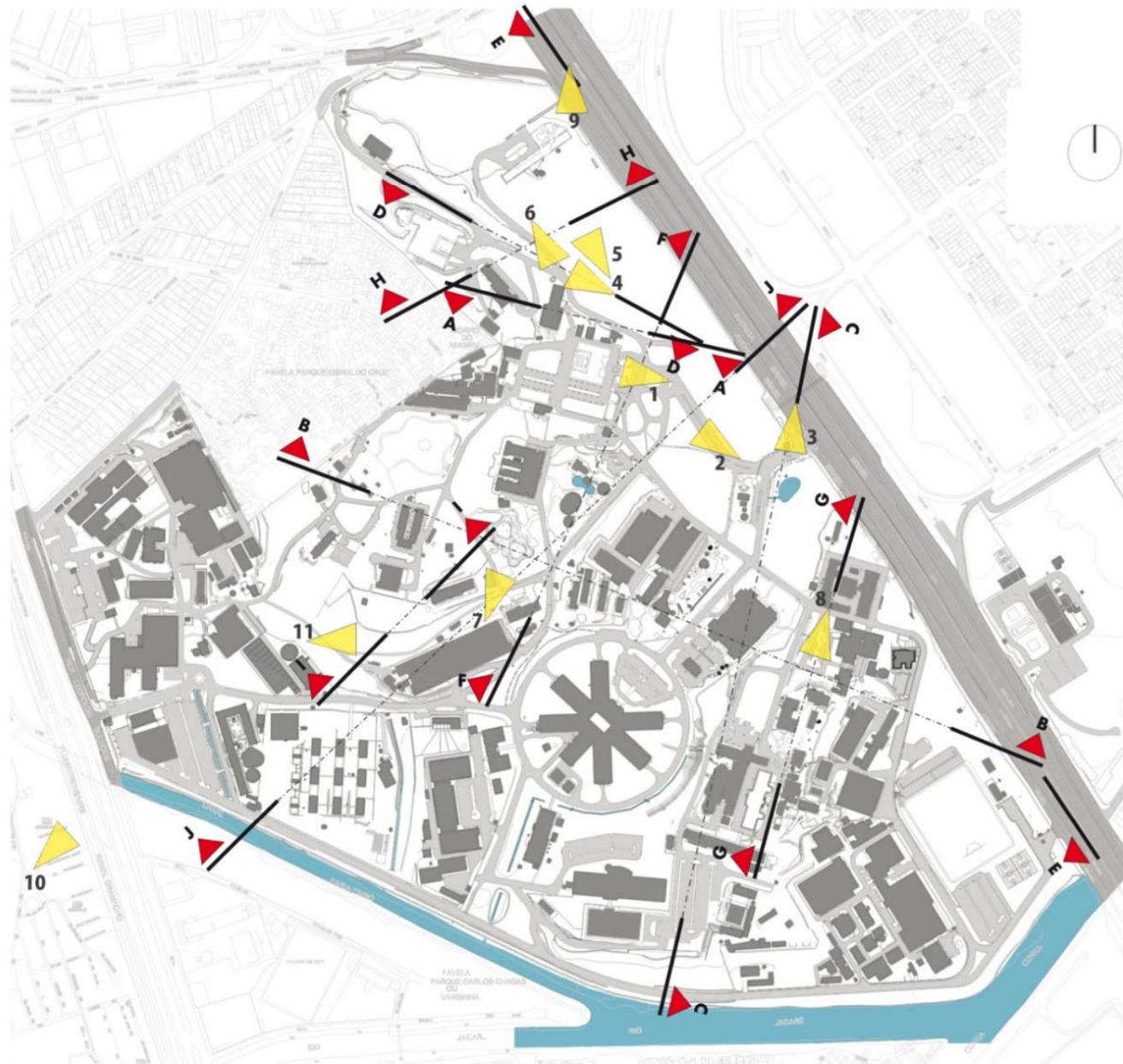
Fig. 048 – Panorama, em fotomontagem, do Campus Manguinhos a partir da Área de Expansão. Vendo-se à frente parte do Núcleo Evandro Chagas e ao fundo à direita o Castelo. À esquerda vê-se parte dos silos da Refinaria de Manguinhos, na outra margem do Canal do Cunha. Fonte: Equipe LAURD. 2009.



Fig.048

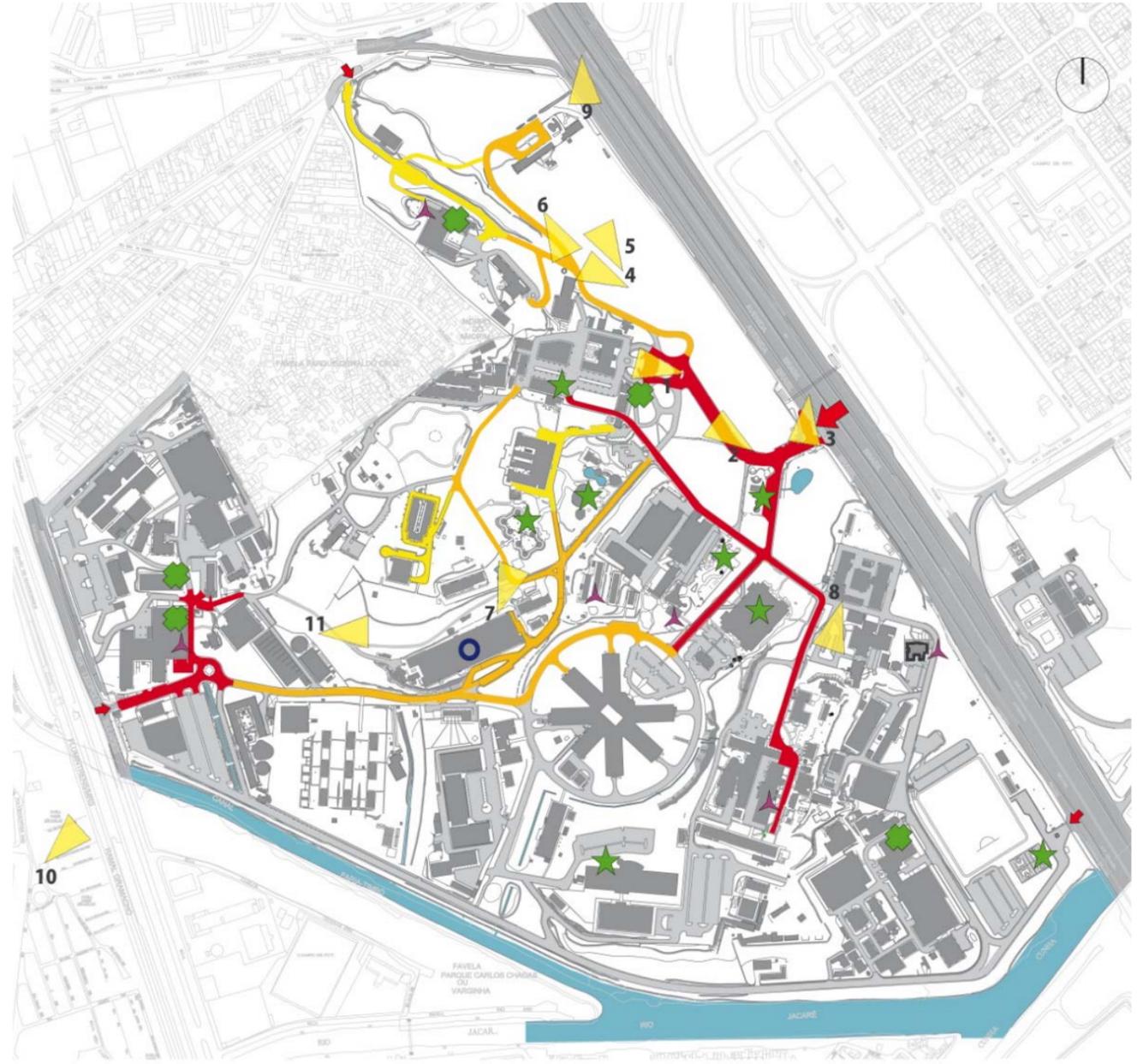
ANÁLISE VISUAL URBANA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO DO CAMPUS MANGUINHOS • FIOCRUZ

MAPA 9 – CORTES E VISADAS. Des.: Equipe LAURD. 2010.



- ➔ acesso principal
- ➔ acesso secundário
- ★ ponto de referência - cultural
- ponto de referência - alimentação
- ▲ ponto de referência - serviço
- ponto de referência - intenso uso

MAPA 10 – PERCURSOS: HIERARQUIA DOS FLUXOS. Des.: Equipe LAURD. 2010.



- ▲ visadas
- ➔ percursos de fluxo intenso
- ➔ percursos de fluxo médio
- ➔ percursos de fluxo específico
- ➔ planos de corte

O SÍTIO, OS ACESSOS

Na implantação do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos foi obedecida uma disposição que permitisse melhor ventilação e insolação dos edifícios; foi escolhido também o local mais alto do terreno para garantir melhor visibilidade do conjunto.

(Oliveira, Costa e Pessoa, 2003:46)

“Eu participei da escolha dos terrenos. Na época, o Pavilhão de Curso [Pavilhão Arthur Neiva] foi escolhido porque era perto da Avenida Brasil, que já era uma coisa projetada durante essa escolha. Mas depois fecharam aquilo ali e agora tem-se que dar a volta. O terreno do Refeitório [Pavilhão Carlos Augusto Silva] foi escolhido porque era o local mais ou menos central, relativamente perto do Castelo”

(Jorge Ferreira, autor dos projetos citados, em depoimento de 1999 in Oliveira, Costa e Pessoa, 2003:126)

O Sítio físico do Campus Manguinhos caracteriza-se pela presença de um relevo de suaves colinas em meio a uma área plana com manguezais às margens da Baía de Guanabara e do Canal do Cunha.

O Campus Manguinhos apresenta uma configuração espacial que se destaca visualmente na paisagem urbana. Densamente arborizado, às margens de vias expressas como a Avenida Brasil (a leste), a Linha Amarela (ao norte), a Linha Vermelha (ao sul) e R. Leopoldo Bulhões e Estrada de Ferro (a oeste), o Campus é pontuado por antigas edificações implantadas nos topos das colinas e outras, mais recentes, voltadas para as principais vias de acesso.

A dificuldade de identificação visual imediata do Portaria Principal, da Avenida Brasil, ocultada pelo ponto de ônibus, agrega um caráter de suspense ao Campus que em nada se assemelha ao *mistério* almejado por Oswaldo Cruz para o Castelo, como demonstram os panoramas da Av. Brasil a seguir.

O acesso secundário pela Rua Leopoldo Bulhões, por sua vez, é facilmente visualizado, mas pouco anuncia do patrimônio cultural do Campus.

A legibilidade do Campus está fortemente associada, externamente, à implantação do Castelo, no topo da Colina do NAHM, e do Pavilhão Arthur Neiva, com seu painel de azulejos de Burle Marx, às margens da Avenida Brasil.

Internamente, a visibilidade do Castelo a partir de vários pontos também confere uma significativa legibilidade. O Castelo pode ser avistado, em maior ou menor intensidade, de quase todos os Núcleos de Interesse para o Patrimônio, agregando, mesmo aos mais distantes, uma sensação de pertencimento ao processo histórico de formação do Campus Manguinhos.

Apesar da implantação estratégica das edificações notáveis, o Campus ainda carece de uma boa legibilidade interna. Isto se deve, em grande parte, à

construção desordenada de novas edificações na área em torno dos bens tombados. Este é o caso dos Núcleos Evandro Chagas e Pombal, que mesmo implantados em topo de colina têm sua visibilidade prejudicada por novos pavilhões. Nos Núcleos Histórico e Modernista são os containeres, dispostos de forma pouco criteriosa no terreno, e mesmo os outdoors, que criam significativos obstáculos visuais à apreciação patrimônio cultural de Manguinhos. Por fim, vale ressaltar a importância de elaboração de um plano de manejo da área verde, identificando as espécies que devem ser mantidas, das que representam apenas obstáculos visuais aos bens tombados.

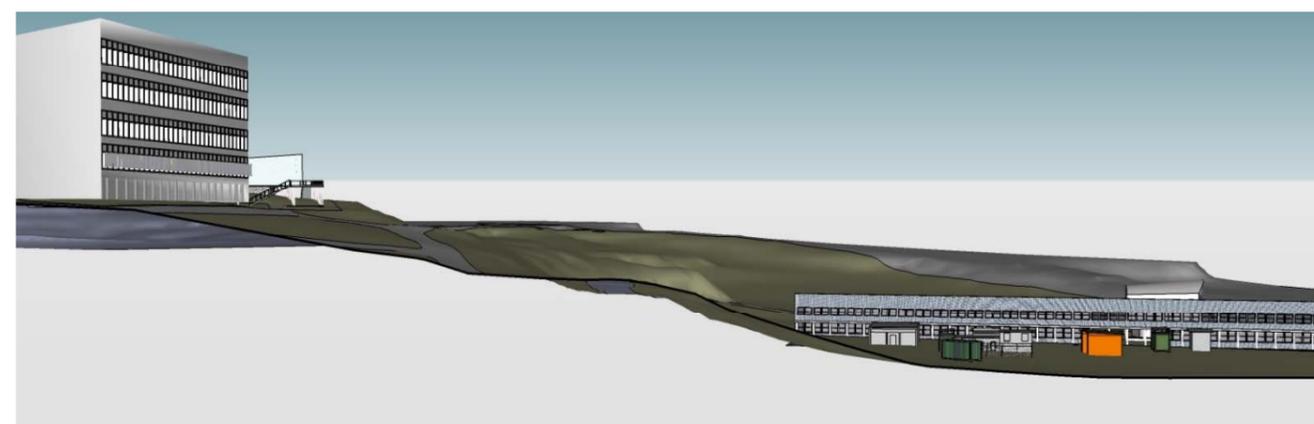
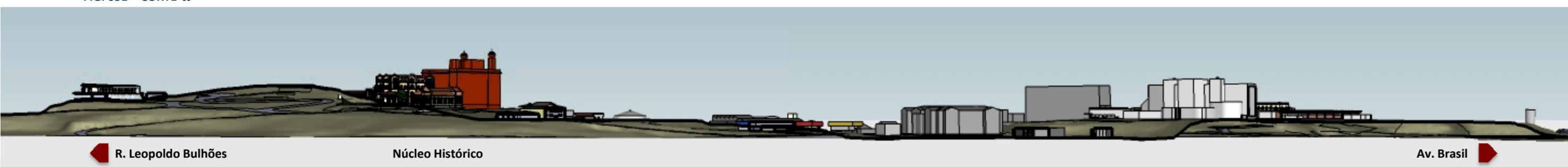


FIG. 049 - CORTE HH



FIG. 050- CORTE BB

FIG. 051 – CORTE JJ



AVENIDA BRASIL

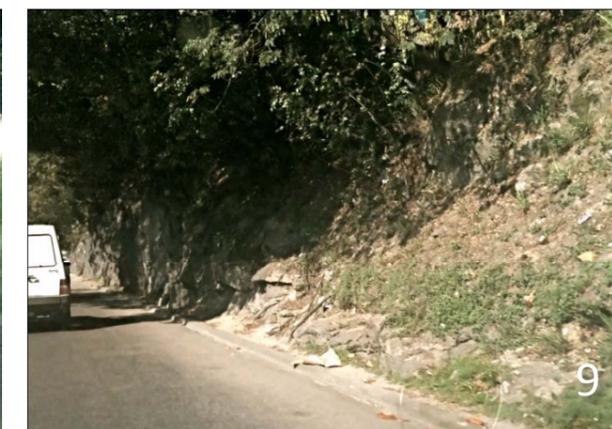
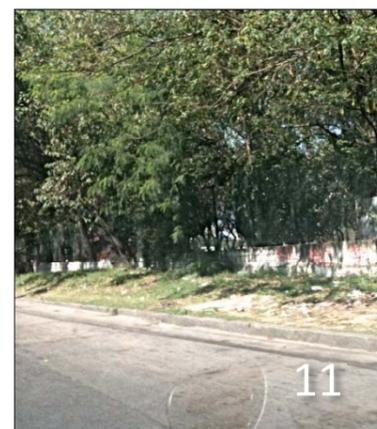
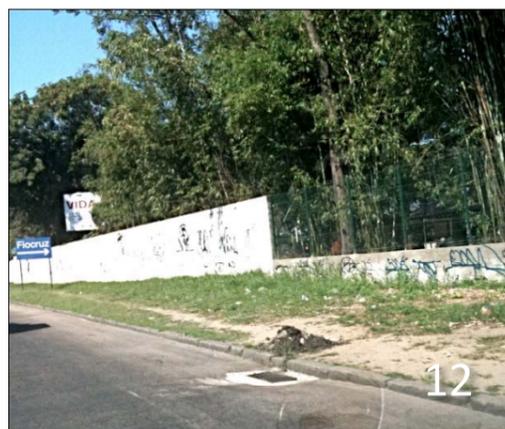


A Av. Brasil oferece uma visão distinta na escala local - a dos percursos - daquelas da grande escala e da escala intermediária - as dos panoramas. Destaca-se aqui, além da abundante massa arbórea, o Pavilhão Arthur Neiva e a Portaria Principal. Um provável alargamento da Avenida Brasil, próximo ao ponto de ônibus deverá considerar a manutenção da legibilidade local.

Fig. 52 – Percurso ao longo da Avenida Brasil.

Este percurso é uma representação do Corte EE na escala local.

Ele se inicia na rua Sizenando Nabuco, na confluência com o acesso à Linha Amarela (Campo Visual 1), e termina na esquina com o Canal do Cunha (CV 12). Os pedestres se concentram no trecho do ponto de ônibus situado na descida da passarela próxima à Portaria (CV 6). Este é um percurso feito, sobretudo, de carro ou ônibus. Trechos de passeios em péssimo estado de conservação convivem com trechos onde eles praticamente, somem (CV9), e outros que são até amplos (CVs 10, 11, 12). Nos trechos de corte de terreno a massa arbórea produz sombreamentos (CV 8 e 9) que oferecem riscos à segurança local.



ANÁLISE VISUAL URBANA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO DO CAMPUS MANGUINHOS • FIOCRUZ

AVENIDA BRASIL



Fig. 052

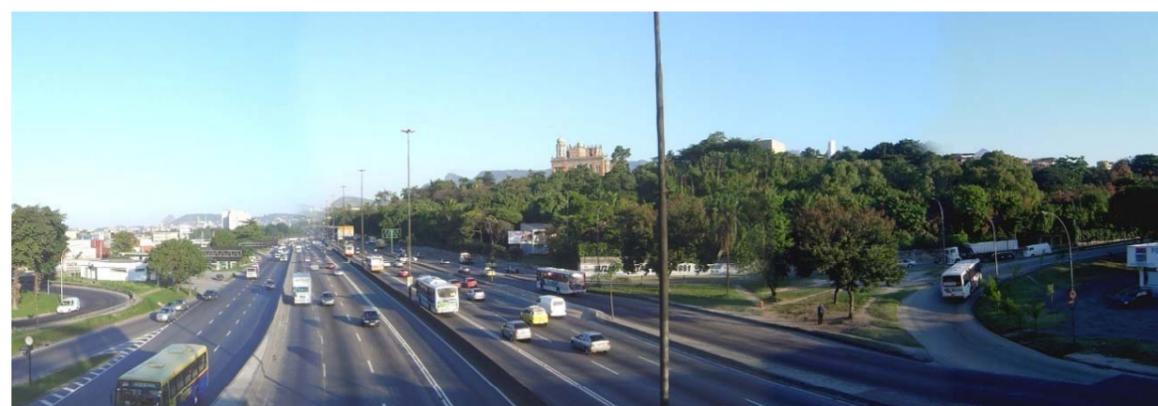


Fig. 053

Fig. 052 – Av. Brasil vista da Área de Expansão da FioCruz. Massa arbórea pontuada por edificações.

Fonte: Equipe LAURD.2009

Fig. 053 – Av. Brasil vista da Passarela da Linha Amarela. O contraste com o intenso da via expressa.

Fonte: Equipe LAURD.2009

Figs. 054, 055, 056 – Corte EE – Análise das relações de altura e proximidades entre os núcleos lindeiros à Av. Brasil. 2010. Des.: Equipe LAURD. 2010.



Canal do Cunha

NÚCLEO EVANDRO CHAGAS

Fig. 054



Centro de Recepção

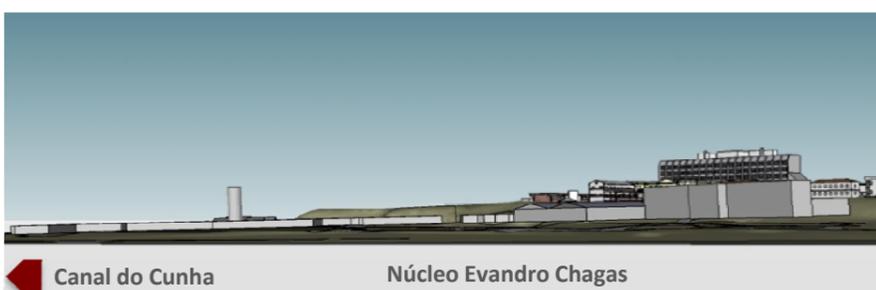
Núcleo Histórico - NHAM



Pavilhão Carlos Chagas

Núcleo Modernista

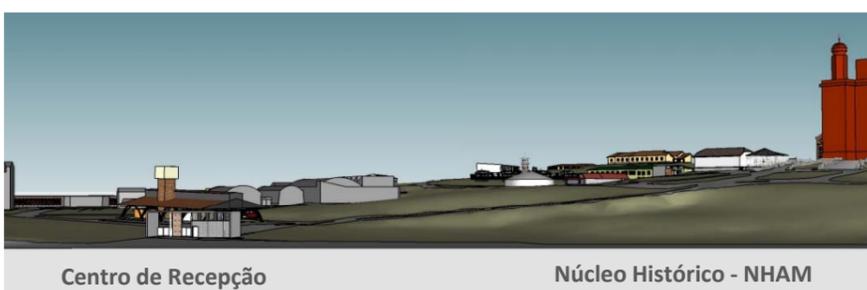
R. Sizenando Nabuco



Canal do Cunha

Núcleo Evandro Chagas

Fig. 055



Centro de Recepção

Núcleo Histórico - NHAM



Pavilhão Carlos Chagas

Núcleo Modernista

R. Sizenando Nabuco



Canal do Cunha

Núcleo Evandro Chagas

Centro de Recepção

NHAM

Pavilhão Carlos Chagas

Núcleo Modernista

R. Sizenando Nabuco

Fig. 056

VISUALIS [20] ANÁLISES

ANÁLISE VISUAL URBANA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO DO CAMPUS MANGUINHOS • FIOCRUZ

ACESSOS PRINCIPAIS



Fig. 057

Fig. 057 – Portaria da Av. Brasil vista da Passarela.
Fonte: Equipe LAURD. 2009.



Fig. 058



Fig. 58 – Visão serial do Acesso à Portaria pela Av. Brasil. Interferências visuais ao bem de interesse para a preservação para o DPH/COC/ Fiocruz. Fonte: Equipe LAURD. 2010.

Fig. 59 – Panorama do acesso secundário localizado à R. Leopoldo Bulhões. Antiga rua de acesso ao Caminho Oswaldo Cruz. Fonte: Equipe LAURD. 2010.



Fig. 059

V I S U A I S
[2 1]
A N Á L I S E S

ACESSOS AO CASTELO: DA PORTARIA PRINCIPAL E CAMINHO OSWALDO CRUZ

As imagens da página anterior introduzem aos percursos de fluxo intenso que conectam a Portaria da Avenida Brasil ao Castelo bem ao Caminho

Oswaldo Cruz, percurso de fluxo restrito, atualmente, mas de inegável importância histórica. A conexão e preservação dos três percursos pode

significar, simbolicamente, a conexão dos vários períodos de formação do Campus. Do antigo acesso por terra pela atual R. Leopoldo Bulhões até a

Portaria da Avenida Brasil, principal acesso ao Campus desde a abertura desta via nos anos 1940/1950, tendo como ponto focal o Castelo.

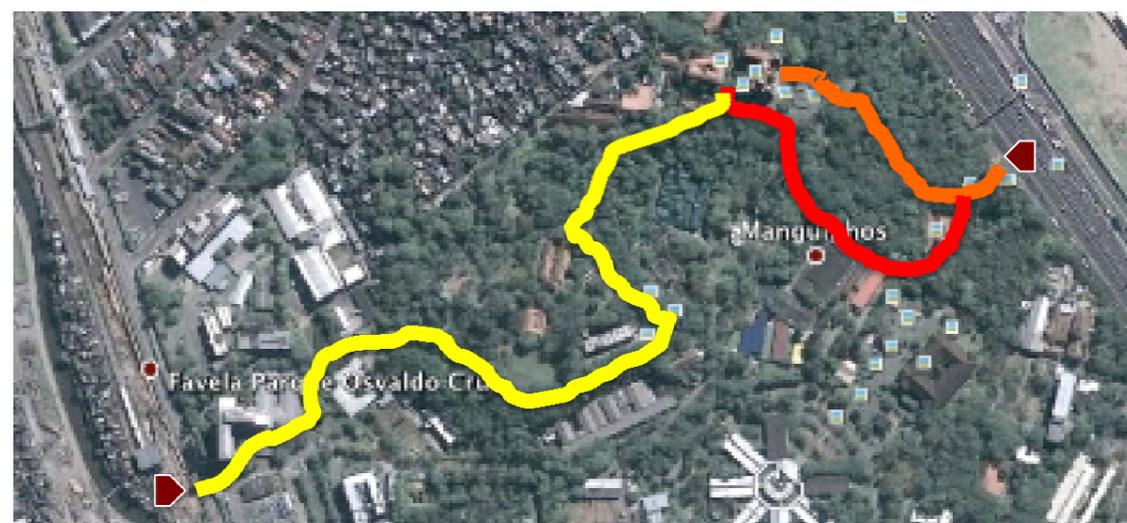


Fig.060 – PERSPECTIVA ESQUEMATICA E FOTO AÉREA DOS PERCURSOS QUE LIGAM O CASTELO AOS PRINCIPAIS ACESSOS



Fig.061 – VISADA 10

Fig.062 – CORTE II



Fig.063 – VISADA 3

Fig.064 – CORTE AA

CAMINHO OSWALDO CRUZ

O Caminho Oswaldo Cruz é um *caminho notável*, por excelência, mais como testemunha deste acesso histórico do que pela visibilidade das edificações notáveis. O início do Caminho, fora da AIHP, em área caracterizada por edificações construídas, em sua maioria, após a década de 1980, não faz antever

este percurso bucólico que evoca os primórdios da ocupação do Campus. No entanto, ao entrar no Núcleo Pombal esta viagem no tempo vai se materializando até tomar corpo até chegar ao Castelo, no NHAM.

A legibilidade deste Caminho, no entanto, encontra-se comprometida pelas edificações lindeiras, pela falta de continuidade da pavimentação e pela ausência de sinalização indicativa.

Este caminho notável demanda ações prementes de conservação, tendo em vista que parte do mesmo localiza-se em área sem interesse específico para tombamento do patrimônio cultural, isto é, em área privilegiada para a expansão institucional.

É necessário estabelecer diretrizes urbanísticas no Plano de Preservação a fim de garantir tanto a expansão institucional como a preservação do valioso patrimônio cultural do Campus.



Fig.065 – VISAO SERIAL DO CAMINHO OSWALDO CRUZ

ANÁLISE VISUAL URBANA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO DO CAMPUS MANGUINHOS • FIOCRUZ

PERCURSOS PORTARIA PRINCIPAL / CASTELO - FLUXO INTENSO

A partir do acesso principal de visitantes ao Campus pela Portaria da Avenida Brasil, o percurso ao Núcleo Histórico acontece em um suave aclive margeado por densa massa arbórea. Uma configuração espacial que, se por um lado, impede a visibilidade do Castelo em boa parte do percurso, por outro, gera um efeito visual de surpresa no encaminhamento até o seu jardim frontal.

A Alameda Oswaldo Cruz culmina no platô ajardinado à frente do Castelo, ampliando o efeito dramático de sua arquitetura imponente e misteriosa.

A proeminência alcançada por sua implantação no topo da colina reforça a monumentalidade de sua expressiva arquitetura.

Este percurso introduz o aspecto cênico de mistério e monumentalidade almejado por Oswaldo Cruz para o Castelo.

Este é um percurso priorizado pelos visitantes que o percorrem, muitas vezes, em um trenzinho que parte do Centro de Recepção.

As figuras 60 e 64, mostram perspectiva e cortes esquemáticos do percurso.



Fig.066 – VISO SERIAL DO PERCURSO DE ACESSO AO CASTELO A PARTIR DA PORTARIA DA AV. BRASIL. 2010

ANÁLISE VISUAL URBANA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO DO CAMPUS MANGUINHOS • FIOCRUZ

PERCURSO PORTARIA PRINCIPAL / PARQUE DA CIÊNCIA/ CASTELO - FLUXO INTENSO

O percurso de visitantes no Campus, a partir da Av. Brasil, inicia-se no Centro de Recepção, passa pelo Parque da Ciência, situado fora da Área verde tombada, para então encaminhar-se ao NAHM. Esse percurso é pontuado por edificações entremeadas na massa arbórea.

A partir da rua Hugo de Souza Lopes, em aclave, a massa arbórea e o muro de pedra constituem barreiras visuais que impedem a visibilidade do Pavilhão, gerando um efeito visual de surpresa no encaminhamento até o NAHM. A Cavaliariça, emoldurada pelas árvores, desponta no campo visual nesse percurso de chegada à Praça Pasteur e ao Castelo. Este caminho é também bastante utilizado pelos funcionários.

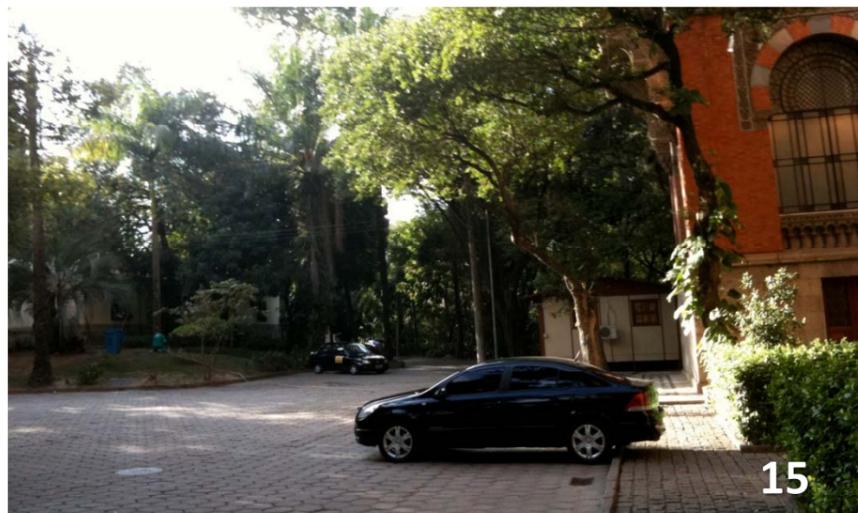


Fig.067 – VISO SERIAL DO PERCURSO DE ACESSO AO CASTELO A PARTIR DA PORTARIA DA AV.BRASIL PASSANDO PELO PAVILHAO DA CIENCIA. 2010.

V I S U A I S

[25]

A N Á L I S E S

NÚCLEO HISTÓRICO- NAHM

“A primeira idéia que ocorrera a **Oswaldo Cruz** ao arquitetar o levantamento de um grande edifício para Manguinhos, foi a fazê-lo em estilo bizantino, chegando mesmo a esboçá-lo; porém, depois de tratar do assunto com Luiz Moras Jr, suas preferências encaminham-se para o **estilo mourisco**, mais **grandioso** e mais fortemente evocador de **mistérios** como convinha à sede de uma instituição destinada a simbolizar **a grandeza da ciência** e perscrutar **os segredos da vida**”

(Henrique Aragão, 1950
apud FIOCRUZ, 2009)

Fig. 068



Situado no alto da colina, o **Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM)** caracteriza-se por uma ambiência singular, na qual uma notável massa arbórea emoldura edificações em tijolo aparente delicadamente adornadas, implantadas em função da dominância do Pavilhão Mourisco, o Castelo de Manguinhos.

O NAHM caracteriza-se pela marcante presença de edificações históricas em seu conjunto edificado, implantadas no platô onde se situa o Castelo. A possibilidade de pontos de vistas elevados a partir do Castelo gera surpresas para o observador local: o movimento das silhuetas rendilhadas e sinuosas marcam a paisagem a partir de diversas escalas.

A proeminência do Castelo proporciona distintos graus de legibilidade, conforme as escalas de visualização. Marco visual da cidade e da área de entorno, o Castelo possui uma extrema visibilidade desde pontos de vistas distantes. Internamente, porém, a vegetação e algumas edificações impedem a plena visibilidade do Castelo, em determinados campos visuais.

A implantação do NAHM em sítio elevado e arborizado propicia seu isolamento das demais atividades do Campus. A maioria delas, sediadas em edificações predominantemente utilitárias, nem sempre possuem qualidades arquitetônicas diferenciadas.

Os jardins de inspiração francesa valorizam a frente do Castelo e as áreas livres entre as edificações sem obstruir suas visadas. Enquanto as edificações se apresentam expostas junto a praça central do NAHM, externamente, a massa arbórea que o circunda, encobre e oculta o NAHM dos demais setores do Campus.

A análise comparativa de iconografia histórica revela que a vegetação do Campus se adensou

apenas a partir da década de 1960, não sendo, portanto, contemporânea à construção do NAHM.

Na escala local do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM), percebe-se uma ambiência harmônica, dominada pela imponência do Pavilhão Mourisco. A ambiência do conjunto arquitetural é impregnada pelas cores e ricas texturas das edificações em tijolo aparente, que conferem uma unidade visual e apurada qualidade estética. Percebe-se uma unidade na leitura das linguagens arquitetônicas das edificações históricas, configurando um conjunto arquitetural harmônico composto por edificações em tijolo aparente em linguagem arquitetônica de inspiração eclética, projetadas pelo engenheiro-arquiteto português Luis de Moraes Júnior.

Esse conjunto é protegido em nível federal através do tombamento pelo IPHAN das edificações históricas Pavilhão Mourisco, Cavalaria e Pavilhão da Peste (Relógio) em 1981, sendo posteriormente solicitada a extensão da proteção para o Pavilhão Quinino e Casa de Chá. A área de entorno desses bens é constituída por edificações contíguas e pela área verde livre envoltória.

O NAHM integra o roteiro de visitaçao do Campus como marco da história da ciência, se destacando pelas qualidades espaciais de seus elementos arquitetônicos. Nesse sentido, a imagem gerada a partir de seus atributos morfológicos dota de significação cultural o Campus Manguinhos como um todo. Tal condição exige que a proteção de sua ambiência seja a mais criteriosa possível. A *iconicidade* do Castelo em várias escalas deve orientar a salvaguarda de sua ambiência.

Fig. 068 – NAHM em construção. Fonte: Acervo FIOCRUZ.

Fig. 069 – Jardim frontal no início da construção do NAHM. Fonte: Acervo FIOCRUZ.

Fig. 070 – Jardim frontal atualmente. Fonte: Equipe LAURD..2009.

Fig. 071 – O Castelo na década de 20. Fonte: Acervo FIOCRUZ.

Fig.072 – O Castelo, atualmente, envolvido pela arborização. Fonte: Equipe LAURD..2009.



Fig. 069



Fig. 070



Fig. 071



Fig.072

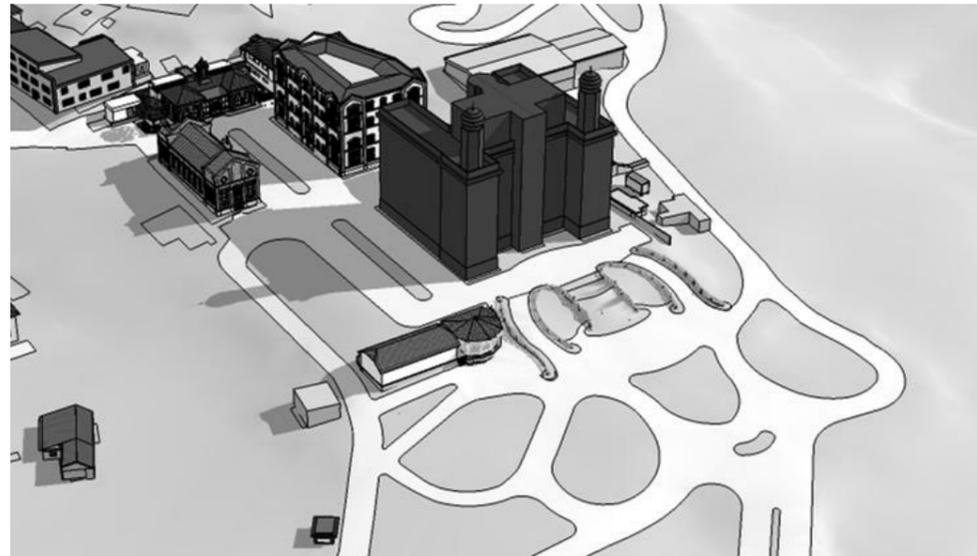


Fig. 073 – PERSPECTIVA ESQUEMÁTICA – NAHM. Des: Equipe LAURD. 2010.

As edificações integrantes da **área de entorno** dos bens tombados, pelo IPHAN, do conjunto arquitetural histórico possuem graus variados de interferência na legibilidade dos bens tombados. O NAHM é envolvida por várias edificações construídas, em sua maioria, antes do tombamento pelo IPHAN, em 1981.

Como se pode observar nas imagens e Tabela que compõem as Sínteses Analíticas do NAHM, as novas edificações podem ser consideradas, predominantemente, **edificações dissonantes**, ou seja, interferem visualmente no conjunto histórico. Entre estas, destaca-se o Pavilhão Gomes Faria, cuja presença ao fundo do Pavilhão do Relógio, interfere negativamente nas visadas a partir da Praça.

No entanto, nem todas as novas edificações interferem visualmente nos bens tombados. Algumas por não participarem de seu campo visual, outras por estarem visualmente contextualizadas ao conjunto histórico. A inserção de edificação anexa ao Pavilhão do Relógio é um exemplo deste último caso.



Fig. 075



Fig. 076



Fig. 077



Fig. 078

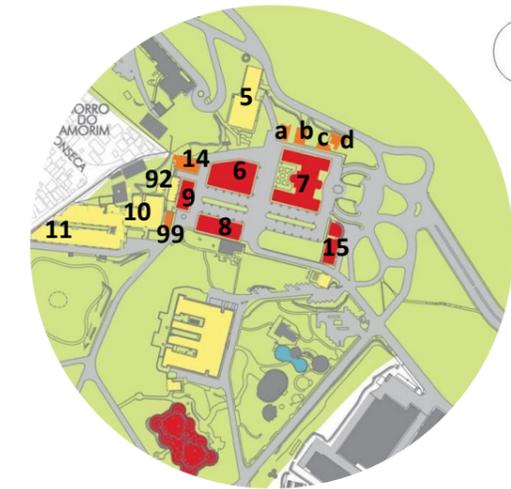


Fig. 079

TAB.06 – EDIFICAÇÕES / VALOR PATRIMONIAL-NAHM
FONTE: EQUIPE LAURD. 2010.

Nº	Descrição	VALOR PATRIMONIAL			
		Bem Tombado (IPHAN)	Não Tombado	Entorno BT	Interferência Direta BT
5	Antigo Almoxarifado Central				
6	Pavilhão Figueiredo de Vasconcelos (Quinino) (1919)				
7	Pavilhão Mourisco (1905)				
8	Museu (Cavaliária) (1905)				
9	Pavilhão do Relógio (Peste) (1904)				
10	Pavilhão Gomes de Faria (1962)				
11	Pavilhão Cardoso Fontes				
13	Caixa d'água				
14	Pavilhão Adolfo Lutz				
15	Restaurante e Casa de Chá (1905)				
91	Caixa d'água				
92	Anexo Administrativo COC				
95	Agência de Correios				
99	Casa de Força ETG.1 Relógio				
104	Anexo do Pavilhão Gomes de Faria				
105	Anexo do Pavilhão Cardoso Fontes				
252	Centro de Recepção				
a,b,c,d	edículas				

NAHM – SÍNTESES ANALÍTICAS



- edificações do Campus Manguinhos
- bens protegidos
- edificações com interferência direta no bem protegido
- edificações no entorno de bem protegido
- área verde protegida - IPHAN
- corpos hídricos

FIG. 74. DETALHE DO MAPA 8 – NAHM. Des: Equipe LAURD. 2010.

Figs. 075 e 076 – Interferência dos Containers e Edificações provisórias na visibilidade do Castelo. Fonte: Equipe LAURD. 2009

Fig. 077 - Edificação (COC) ao lado do Pavilhão do Relógio (bem tombado). Fonte: Equipe LAURD. 2009

Fig 078 – Edificação (Casa de força) dissonante ao conjunto histórico. Fonte: Equipe LAURD. 2009

Fig 079 – Conjunto histórico e Pavilhão Gomes Faria com edificação dissonante (Pavilhão Adolfo Lutz) ao conjunto histórico, ao fundo. Fonte: Equipe LAURD. 2009

NAHM – SÍNTESES ANALÍTICAS

Além desses casos, é importante mencionar ainda, a interferência direta das edificações com características transitórias (como containeres, banca de jornal, etc.) sobre os bens tombados do NAHM. A permanência destas edificações deveria ser revista de acordo com os critérios de visibilidade ao bem protegido.



Fig. 080

TAB.07 – QUADRO SÍNTESE LEGIBILIDADE PATRIMONIAL DO NAHM. FONTE: EQUIPE LAURD, 2010.

CARACTERÍSTICAS A SEREM PRESERVADAS	INTERFERÊNCIAS NA LEGIBILIDADE - NAHM
<p>A singular ambiência do NAHM provém da relação entre espaços livres e edificados, da dominância do Castelo no conjunto arquitetural e da moldura envoltória verde.</p> <p>A legibilidade do conjunto arquitetural deve ser reforçada e salvaguardada, através de medidas de conservação e proteção da ambiência, assegurando-se a visibilidade dos bens culturais e a coerência visual de seu entorno.</p>	<p>As principais interferências no NAHM são observadas na escala local, com a interferências diretas de elementos dissonantes no entorno dos bens tombados.</p> <p>Observa-se também edificações, por vezes provisórias, com características construtivas dissonantes da qualidade arquitetônica do conjunto arquitetural eclético.</p> <p>Elementos de mobiliário urbano e publicidade locados de forma inadequada completam o quadro de interferências aos bens tombados pelo IPHAN.</p>

Fig. 080 - Casa de chá.

Fig. 081 – Panorâmica do NAHM

Fig. 082 – Pavilhão do Relógio (da Peste).

Fig. 083 – Praça do NAHM.

Fig. 084 – Cavaleriça.

Fig. 085 – Quinino.

FONTE: EQUIPE LAURD. 2009.



Fig. 081



Fig. 082



Fig. 083



Fig. 084



Fig. 085

NAHM / ANTIGO ALMOXARIFADO CENTRAL - PERCURSO DE FLUXO INTENSO

Este trecho inicial do percurso que conecta o NAHM ao Núcleo Modernista está inserido no NAHM. Nele, a visibilidade e a legibilidade do Castelo e do Quinino sofrem interferências de edificações aparentemente transitórias, como edículas, e de uma arborização que carece de um plano de manejo. A visibilidade do Quinino sofre aqui interferências do Antigo Almojarifado.

É um percurso de fluxo intenso em função, sobretudo, de ser o trecho inicial de ligação com a ASFOC/ Refeitório Central e com o Pavilhão de Cursos (Pavilhão Arthur Neiva), onde se localiza um refeitório menor.

É importante assegurar uma boa legibilidade para o sítio patrimonial notadamente, para os percursos de fluxo intenso.

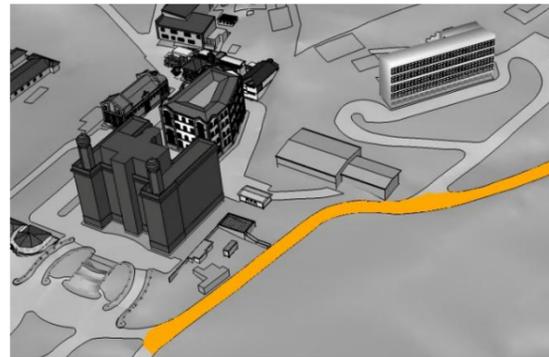


Fig. 086 – PERSPECTIVA ESQUEMÁTICA DO PERCURSO



Fig. 087 – CORTE DD



Fig. 088 – VISADA 1



CASTELO CONTAINERES ANT. ALMOXARIFADO PAVILHÃO CARLOS CHAGAS
Fig. 089

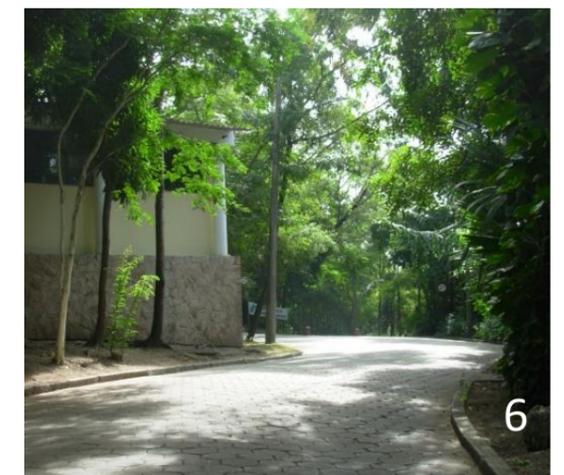
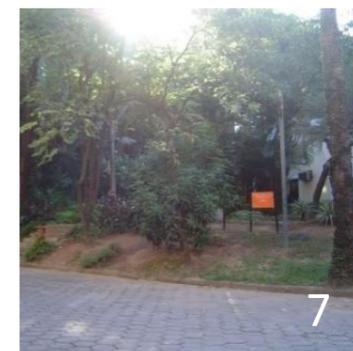
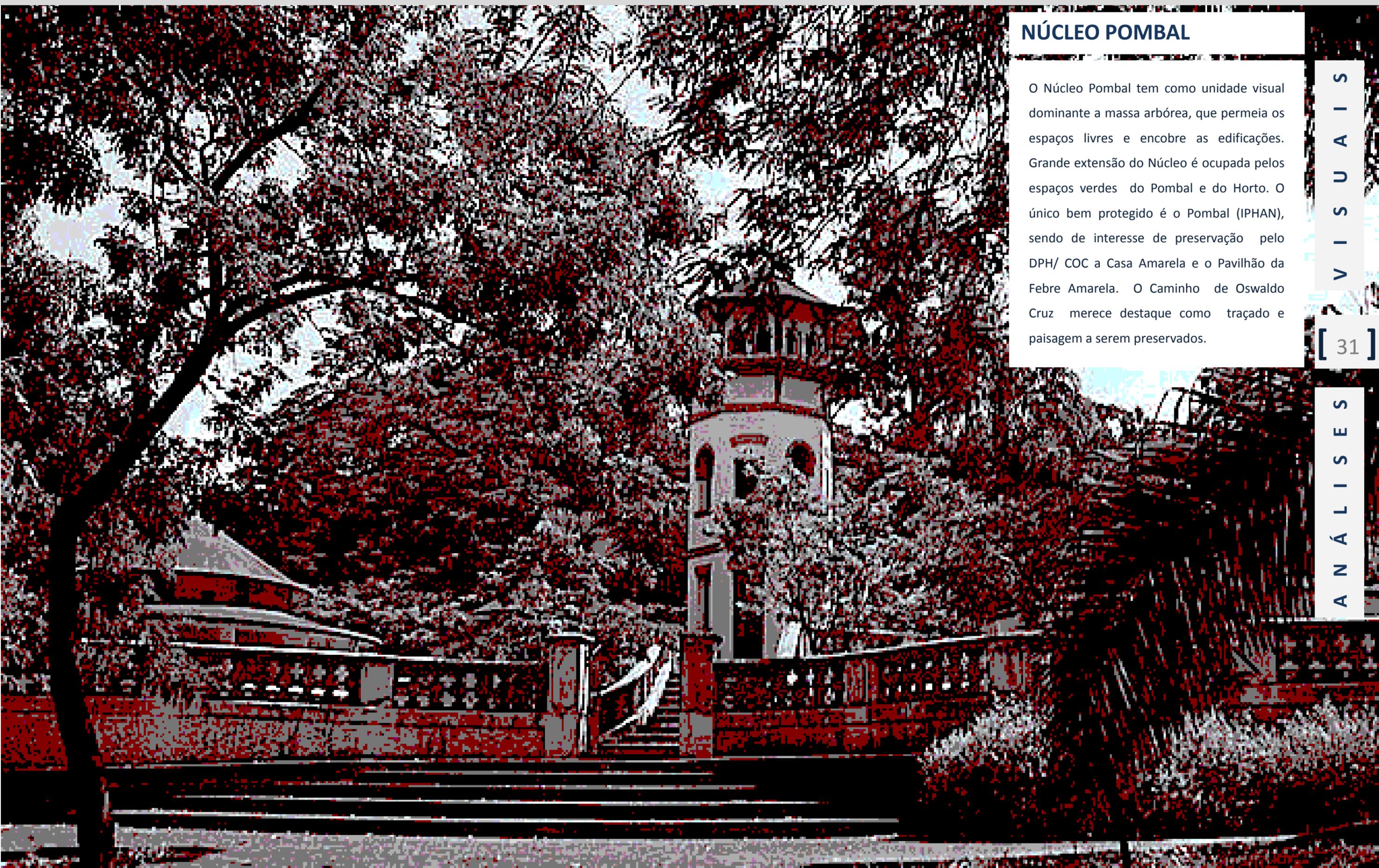


Fig. 090 – VISÃO SERIAL PERCURSO CASTELO/ANTIGO ALMOXARIFADO



NÚCLEO POMBAL

O Núcleo Pombal tem como unidade visual dominante a massa arbórea, que permeia os espaços livres e encobre as edificações. Grande extensão do Núcleo é ocupada pelos espaços verdes do Pombal e do Horto. O único bem protegido é o Pombal (IPHAN), sendo de interesse de preservação pelo DPH/ COC a Casa Amarela e o Pavilhão da Febre Amarela. O Caminho de Oswaldo Cruz merece destaque como traçado e paisagem a serem preservados.

Fig. 090



O Núcleo Pombal apresenta uma configuração distinta do contíguo NAHM. No Núcleo Pombal observa-se uma dominância das áreas verdes livre, em função do Pombal, do Horto e da densa massa arbórea, sobre edificações isoladas. Este Núcleo atua na configuração urbana do Campus Manguinhos como um setor de passagem e de distribuição de fluxos. Pela sua localização e configuração espacial, o Núcleo Pombal é uma barreira visual e ambiental entre o NAHM e a Área de Influência da AIHP, sem interesse para tombamento do patrimônio cultural, na qual se situam os setores ligados à ENSP.

A maior parte das edificações que integram o Núcleo Pombal são anteriores ao tombamento



Fig. 093

Fig. 091



do Pombal e das demais edificações históricas do Campus pelo IPHAN em 1981, e não apresentam qualidades arquitetônicas expressivas, do ponto de vista do interesse para o patrimônio cultural. Todavia, a predominância no campo visual local das áreas verdes livres encobre, parcialmente, as edificações, cria uma ambiência característica que minimiza os eventuais impactos dissonantes no entorno das edificações de interesse patrimonial.

Além do Pombal (1904), contemporâneo ao NAHM, e, também salvaguardado por tombamento federal, dois outros bens culturais que integram este Núcleo deveriam ser objeto de preservação: a **Vila Residencial Casa Amarela (1922)** e o **Pavilhão Henrique Aragão (Febre Amarela, 1955)**. Tais bens

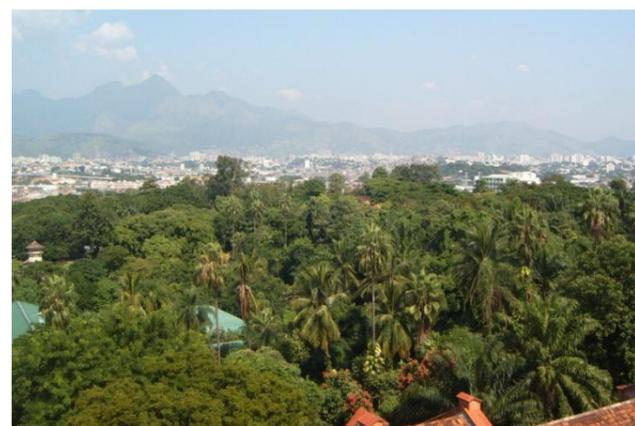


Fig. 094

Fig. 092



se distinguem pela sua significação cultural para o Campus Manguinhos.

A Vila Residencial Casa Amarela, o antigo Pavilhão Vacínico, foi um dos últimas edificações projetadas pelo arquiteto Luiz Moraes Jr. distinguindo-se das anteriores pelo aspecto mais simples. Este Pavilhão apresenta características estilísticas distintas das demais edificações do Campus de sua autoria. O Pavilhão Henrique Aragão é representativo da adoção dos cânones modernistas para as edificações construídas à época da abertura da Avenida Brasil. Este projeto do arquiteto Roberto Nadalutti foi implantado próximo ao Pombal em colina com suave aclive. Os pilares vazados são a sua característica estilística marcante.

Do ponto de vista do patrimônio cultural, histórico e paisagístico do Campus, merece destaque ainda o caminho Oswaldo Cruz que, como já foi ressaltado anteriormente, foi o primeiro acesso terrestre ao Castelo a partir da linha férrea. Por ele chegavam Oswaldo Cruz e equipe nos primórdios da ocupação do Campus. À exceção dos trechos inicial (localizado na Área de Influência da AIHP) e final (no NAHM), o Caminho Oswaldo Cruz localiza-se quase que integralmente no Núcleo Pombal, o que reforça, ainda mais, a qualidade visual bucólica associada a este Núcleo.

O espaço do Pombal estabelece importantes relações visuais com o NAHM, especialmente com o Castelo.



Fig. 095



Fig. 096

Núcleo Pombal ontem e hoje

Figs. 090 e 091 - A singular arquitetura do Pombal, primeiro biotério do Camus, manteve-se preservada.

Fig. 092 - Panorama do Caminho Oswaldo Cruz dentro do Núcleo Pombal.

Figs. 093 e 094; 095 e 096 Nestas vistas percebe-se o adensamento da massa arbórea do Núcleo Pombal. Se na década de 20 a proximidade ao NAHM era visível do Pombal, atualmente, da torre do Castelo observa-se que a densa massa arbórea encobre quase completamente o Pombal.

Fontes: Acervo FIOCRUZ (figs 90, 93 e 95); Equipe LAURD (figs 91, 92, 94 e 96)

NÚCLEO POMBAL – SINTESES ANALÍTICAS

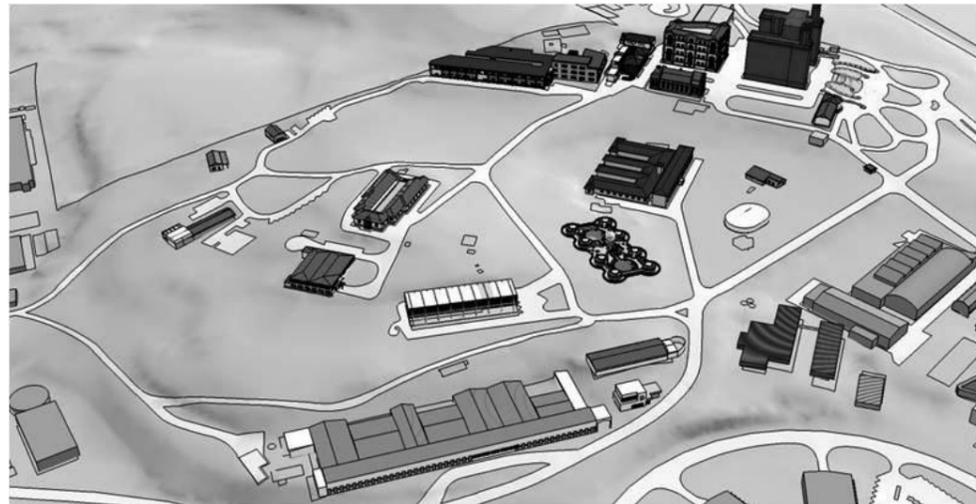


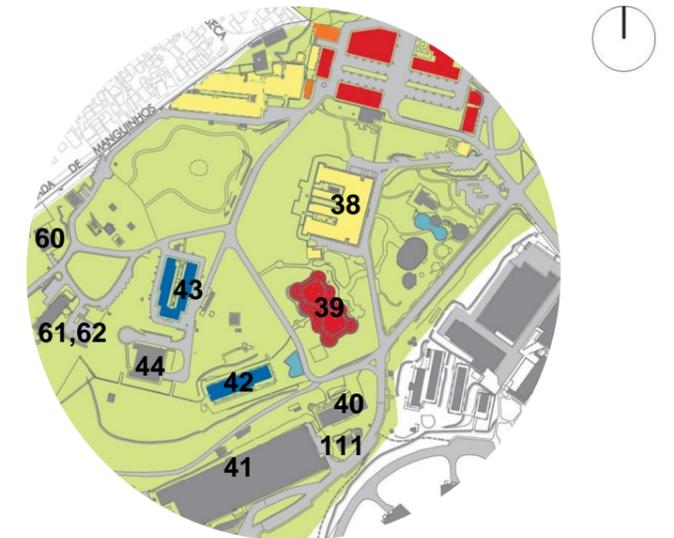
Fig. 097 – PERSPECTIVA ESQUEMÁTICA NÚCLEO POMBAL. Des.: Equipe LAURD. 2010.

TABELA 08 – QUADRO SÍNTESE LEGIBILIDADE PATRIMONIAL - NÚCLEO POMBAL. FONTE: EQUIPE LAURD. 2010.

CARACTERÍSTICAS A SEREM PRESERVADAS	INTERFERÊNCIAS NA LEGIBILIDADE DO CONJUNTO HISTÓRICO
A singular ambiência do Núcleo Pombal provém da relação entre espaços livres e edificados, na qual predominam os espaços verdes livres, que conformam uma moldura envoltória verde em relação ao Castelo. A legibilidade do Núcleo deve ser salvaguardada, através de medidas de conservação do caminho Oswaldo Cruz e proteção da ambiência dos bens culturais, assegurando-lhes visibilidade e coerência visual de seu entorno.	Observam-se na área de entorno imediato do Pombal, algumas interferências na unidade de seu conjunto arquitetural eclético, configuradas por edificações dissonantes localizadas na transição junto ao NAHM e ao CECAL. Há novas construções em andamento na área, devendo ser monitoradas de modo a assegurar a proteção dos espaços livres e a visibilidade dos bens culturais.

TABELA 9 – QUADRO SÍNTESE EDIFICAÇÕES E VALOR PATRIMONIAL – POMBAL. FONTE: EQUIPE LAURD. 2010.

No	Descrição	VALOR PATRIMONIAL			
		Bem Tombado	Não Tombado	Entorno BT	Interferência direta BT
38	Pavilhão Lauro Travassos (1938)				
39	Pombal				
40	Manutenção Civil do DIRAC				
41	CECAL – Centro de Criação de Animais para Laboratório				
42	Pavilhão Henrique Aragão (Febre Amarela) (1955)	Interesse DPH			
43	Vila Residencial (1922)- Casa Amarela	Interesse DPH			
44	Residência Oficial (1965)				
60	Vestiários Pessoal Limpeza/Jardinagem DIRAC				
61	Controle de Vetores DIRAC				
62	Estação ENSP - Canal Saúde				
63	Horto Florestal				
84	Caldeiras a Gás - Biotério Central				
85	Casa de Força ETG 13 - Biotério Central				
86	Casa de Força ETG.7 - Pav. Febre Amarela				
94	Restaurante Central				
111	Central Água Gelada - Biotério Central				



- edificações do Campus Manguinhos
- bens protegidos
- edificações com interferência direta no bem protegido
- edificações no entorno de bem protegido
- bens de interesse de preservação (DPH/COC/FIOCRUZ)
- área verde protegida - IPHAN
- corpos hídricos

Fig. 098 – DETALHE MAPA 8 – NUCLEO POMBAL. Des: Equipe LAURD. 2010

É importante destacar ainda que a contigüidade ao NAHM e as características da configuração espacial do Núcleo Pombal fazem da visibilidade do Castelo uma referência visual deste Núcleo.

Fig. 099 – Casa Amarela
Fig. 100 e 101 – Pav. Febre Amarela

Fig.101 e 102 – Pombal
Fonte: Equipe Laurd. 2009/2010.



Fig.099



Fig.100



Fig.101



Fig.102



Fig.103

PERCURSO CASTELO / FEBRE AMARELA - FLUXO RESTRITO

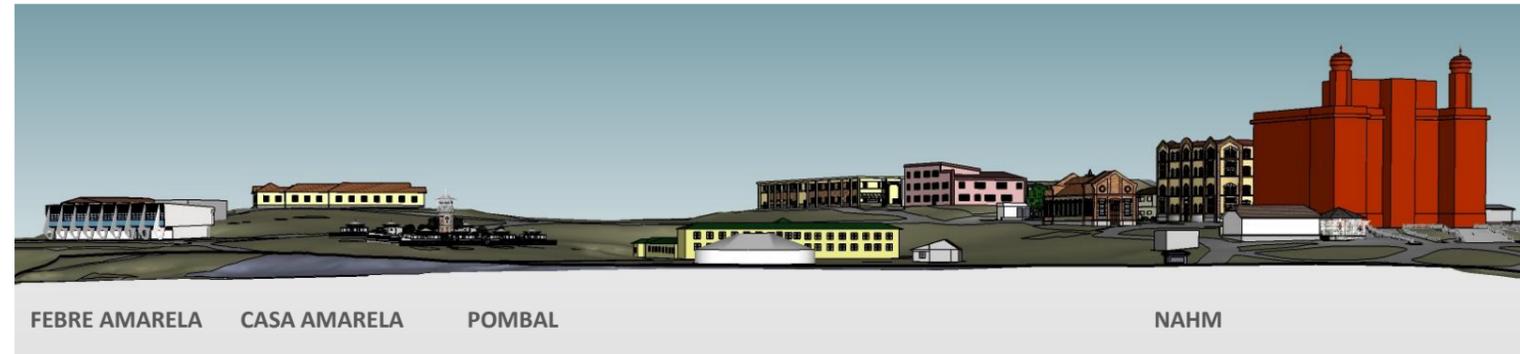


Fig. 104 – CORTE FF. Des.: Equipe LAURD.2010.

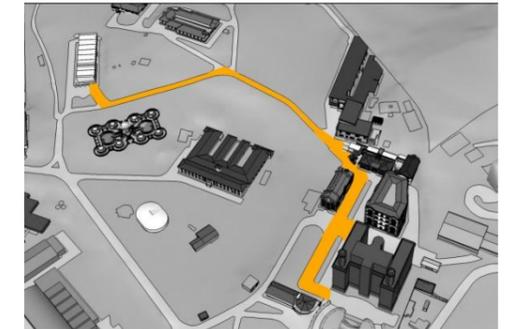


Fig. 105 – PERSPECTIVA ESQUEMÁTICA. Des.: Equipe LAURD.2010.



Fig. 106 – VISADA 7. Des.: Equipe LAURD.2010.



Fig. 106 – VISADA 7A. Des.: Equipe LAURD.2010.



Este percurso estabelece a ligação entre esses dois núcleos relacionados à ocupação inicial do Campus. Ele é a expressão da ambiência característica do Núcleo Pombal: forte presença da arborização que, por vezes, quase que encobre as edificações; com participação do NAHM no seu campo visual.

Este percurso transborda o mistério do Castelo, para este núcleo contíguo. Sendo de um percurso de fluxo restrito, sua percepção visual ocorre, sobretudo, na escala local.

Entre o Pavilhão da Febre Amarela e a Casa Amarela observa-se uma seqüência de tapumes que acredita-se ser uma interferência visual temporária.

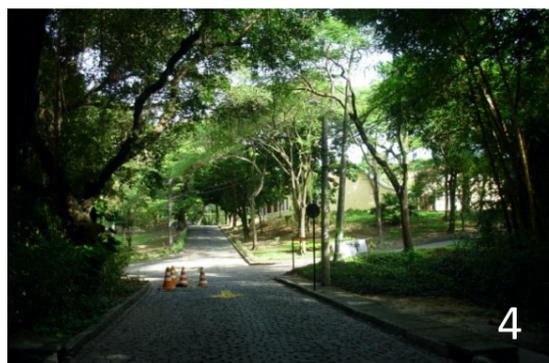


Fig. 107 – VISÃO SERIAL PERCURSO CASTELO/ FEBRE AMARELA (NAHM/ NÚCLEO POMBAL). Des.: Equipe LAURD.2010.

NÚCLEO MODERNISTA

“O programa do Refeitório [Central], praticamente só eu e o Henrique Aragão fizemos, era um programa muito simples. O Programa do Pavilhão de Cursos [Pavilhão Arthur Neiva] foi feito por várias pessoas. No projeto deste pavilhão, o auditório era mais separado do prédio, ficava bem mais bonito, mais solto. Em 1947, quando eu fui para a Europa, eles resolveram, não sei por que, enxugar um vão ali, e ficou muito próximo. Ficaria outra coisa, mais solto”

[Trecho do depoimento do Arquiteto Jorge Ferreira, autor dos dois projetos. APUD, Oliveira, Costa e Pessôa, 2003; 126)

Fig. 108



O Núcleo Modernista é composto por amplos espaços livres e três edificações principais junto à Av. Brasil: o Pavilhão Carlos Chagas (Pav. de Patologia, 1944), o Pavilhão Arthur Neiva (Pav. de Cursos, 1947) e o Pavilhão Carlos Augusto da Silva (Refeitório Central/ Asfoc, 1948). As duas últimas, de autoria do Arquiteto Jorge Ferreira foram tombadas pelo INEPAC em 2001.

A **Portaria Principal (1954)**, concebida pelo Arquiteto Nabor Foster, foi incluída entre as edificações notáveis deste Núcleo, por sua expressão arquitetônica moderna e por celebrar a Avenida Brasil como principal acesso ao Campus, a partir de então.

A análise comparativa de iconografia histórica revela que só podemos falar em densa massa

Fig. 109



arbórea a partir dos anos 1960. Ainda assim, a visibilidade externa continua sendo uma marca desse Núcleo, fazendo com que ele seja percebido visualmente tanto na escala local como na escala intermediária.

Os edifícios desse Núcleo trazem o selo da primeira geração do modernismo brasileiro, caracterizada por explorar as potencialidades plásticas da estrutura em concreto armado de modo a transmitir um leveza maior às edificações e liberação dos espaços internos e fachadas.

O tombamento estadual inclui os painéis de azulejos de Roberto Burle Marx no Pavilhão de Cursos e de Paulo Rossi Osir no Restaurante Central. Assim sendo, as medidas de conservação

Fig. 110



e proteção da visibilidade devem contemplar também os referidos painéis.

A arquitetura modernista do **Pavilhão Arthur Neiva (1947)** destaca-se na massa verde que margeia o campus. É a edificação tombada mais próxima ao observador que passa pela Avenida Brasil. É curioso observar a mudança do ponto de vista tomado como referência. Da visão à distância do Castelo implantado no alto da Colina, para o pedestre que circula pela Avenida Brasil. Note-se que esta edificação “conversa” mais com a Avenida Brasil do que com as demais edificações do Campus.

Já o **Pavilhão Carlos Augusto da Silva (1948)** situa-se numa clareira urbanizada com

estacionamentos contornados por áreas de jardim. A edificação notável modernista implantadas à montante da via se destacam na paisagem arborizada do Campus, tanto na escala local como intermediária.

Situado em platô elevado próximo ao Pavilhão Carlos Augusto da Silva, o **Pavilhão Carlos Chagas (1944)**, também se destaca na paisagem por sua tipologia arquitetônica, e principalmente, por sua altura, que concorre com a silhueta do Castelo em determinados campos visuais. Menos expressivo em termos de atributos formais do que os dois demais, essa edificação não é tombada e passa por reforma e ampliação.

Fig. 108 – Vista aérea Núcleo . 1950. Fonte: Acervo FIOCRUZ.

Fig. 109 – Vista da ASFOC em meio à densa massa arbórea.

Fig. 109 – Panorama do Pavilhão Arthur Neiva .

Fig. 110 – Panorama da Avenida Brasil a partir do Pavilhão Arthur Neiva.

Fonte: Equipe LAURD. 2009.



Fig. 110



Fig. 111

NÚCLEO MODERNISTA – SÍNTESES ANALÍTICAS

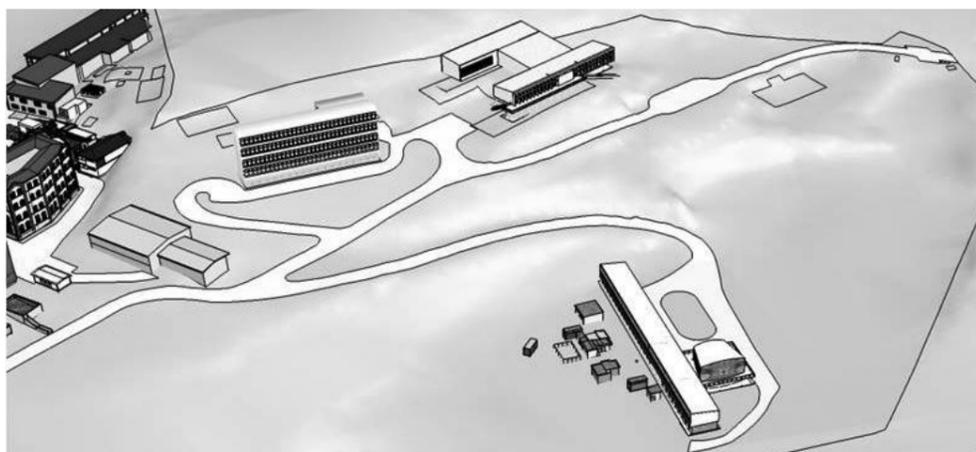


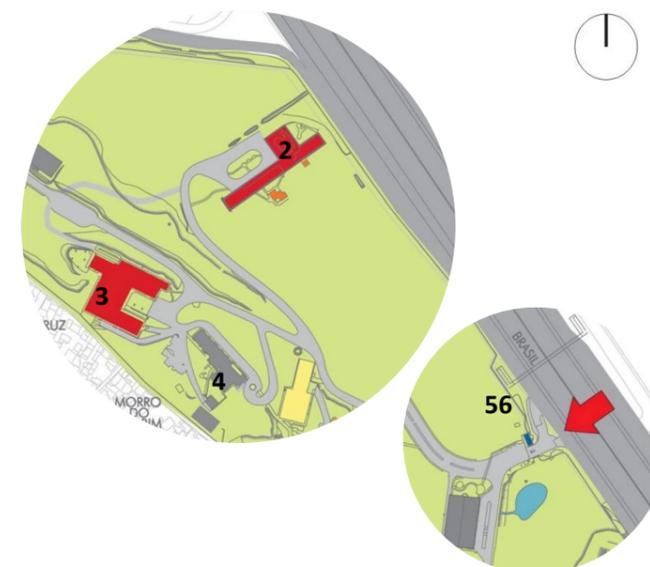
FIG. 112 – PERSPECTIVA ESQUEMÁTICA NÚCLEO MODERNISTA. DES.: EQUIPE LAURD. 2010.

TABELA 10 – QUADRO SÍNTESE LEGIBILIDADE PATRIMONIAL – NÚCLEO MODERNISTA

CARACTERÍSTICAS A SEREM PRESERVADAS	INTERFERÊNCIAS À LEGIBILIDADE DO CONJUNTO HISTÓRICO
A ambiência do Núcleo Modernista contrasta com o NAHM e demais núcleos em termos de linguagem arquitetônica. Nele predominam a relação edificação/ espaço livre preconizada pelo modernismo. A visibilidade e legibilidade deste Núcleo deve ser salvaguardada, através de medidas de conservação das edificações e do paisagismo, bem como a proteção da ambiência dos bens culturais, assegurando-lhes plena visibilidade e coerência visual de seu entorno, com grande visibilidade para a Avenida Brasil.	Observa-se algumas interferências conformadas por edificações dissonantes, de caráter temporário, na área de entorno imediato do Pavilhão Artur Neiva, mas também por placas publicitárias junto a Avenida Brasil. Considerando o porte e proeminência do Pavilhão Carlos Chagas, quaisquer alterações de fachada e volumetria podem interferir na legibilidade e visibilidade dos bens deste Núcleo e do Castelo.

TABELA 10 – QUADRO SÍNTESE EDIFICAÇÕES E VALOR PATRIMONIAL – NÚCLEO MODERNISTA. FONTE: EQUIPE LAURD, 2010.

Nº	Descrição	VALOR PATRIMONIAL			
		Bem Tombado (INEPAC)	Não Tombado	Entor no BT	Interferência direta BT
2	Pavilhão Arthur Neiva (1947)				
3	Pavilhão Carlos Augusto da Silva ASFOC/NUST (1948)				
4	Pavilhão Carlos Chagas (1944)				
56	Portaria Av. Brasil (1955)	Interesse DPH			
93	Cisterna rede geral				
102	Casa de força				
191	Subestação ETG2 – Pavilhão Carlos Chagas				



- edificações do Campus Manguinhos
- bens protegidos
- edificações com interferência direta no bem protegido
- edificações no entorno de bem protegido
- bens de interesse de preservação (DPH/COC/FIOCRUZ)
- área verde protegida - IPHAN
- corpos hídricos

FIG. 113 – DETALHE DO MAPA 8 – MODERNISTA. DES.: EQUIPE LAURD. 2010.

A Avenida Brasil também cria interferências diretas à visibilidade e legibilidade deste núcleo, sobretudo, na Portaria e no Pavilhão Arthur Neiva. A portaria sofre interferências diretas da passarela, do ponto de ônibus e da degradação do espaço público tumultuado naquele local.



FIG. 114 – VISÃO SERIAL DO PAVILHÃO ARTHUR NEIVA. DES.: EQUIPE LAURD. 2010.

ASFOC / ARTHUR NEIVA – PERCURSO DE FLUXO ESPECIFICO

Este percurso em suave decline, atravessa uma extensa área de espaços livres verdes, composta não apenas por uma diversificada arborização, mas também por gramados. Uma ambiência que contrasta com os demais núcleos da AIHP.

Ainda que se observe um relativo fluxo de veículos e de pedestres, a paisagem predominante ao longo do percurso transmite tranquilidade. Aqui as edificações não se sobrepõem umas às outras; a Avenida Brasil, embora próxima, está, relativamente,

distanciada pela diferença de nível no trecho anterior ao Pavilhão Arthur Neiva; a rua principal é, praticamente sem saída, já que termina em um acesso secundário localizado na Rua Sezinando Nabuco.

Há, no entanto, previsão de alargamento da Avenida Brasil no trecho entre o Pavilhão Arthur Neiva e a Portaria, o que demanda o estabelecimento de diretrizes para salvaguardar esta ambiência.



Fig. 115. – VISADA 9

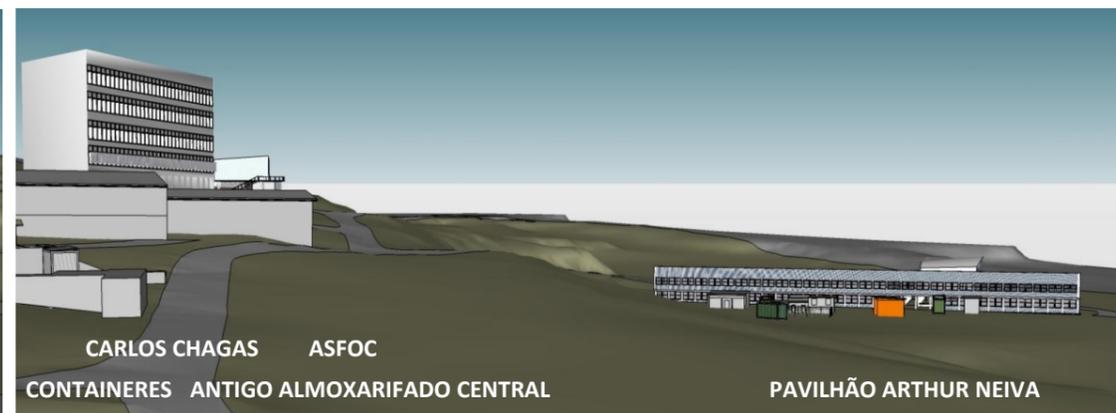


Fig. 116. – VISADA 5

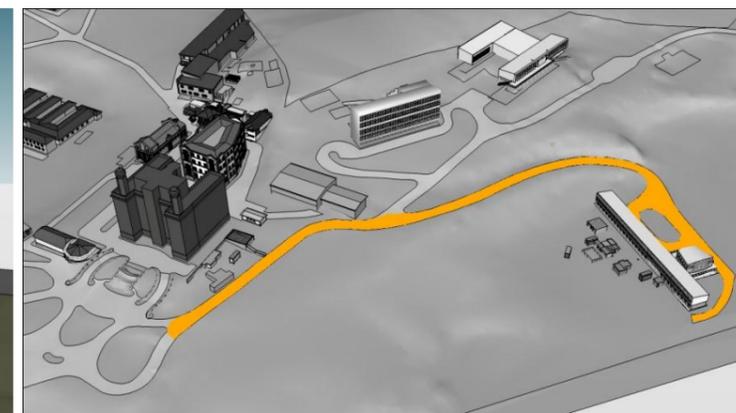


Fig. 117 – PERSPECTIVA ESQUEMÁTICA DO PERCURSO. DES.: EQUIPE LAURD.2010.



Fig. 118 – VISÃO SERIAL DO PERCURSO ASFOC/ ARTHUR NEIVA. Fonte: Equipe LAURD



ARTHUR NEIVA / ASFOC – ASFOC / CASTELO – PERCURSO DE FLUXO RESTRITO



Fig. 119 – VISÃO SERIAL DO PERCURSO ARTHUR NEIVA ASFOC (1 A 9) . FONTE: EQUIPE LAURD. 2009.



O Percurso que interliga o Pavilhão Arthur Neiva à ASFOC também se destaca pela presença marcante da densa arborização e pelo “efeito surpresa” criado pela visada da chegada ao Pavilhão Carlos Augusto da Silva/ ASFOC. É interessante observar que também a favela é revelada no meio do percurso. Prosseguindo neste caminho até o Castelo, novas construções, permanentes e provisórias começam a aparecer e a criar interferências visuais.

Fig. 120. – VISÃO SERIAL ASFOC/ CASTELO. FONTE EQUIPE PROURB. 2009/2010.

NÚCLEO EVANDRO CHAGAS



Fig. 121



Situado na colina oposta à do NAHM, mais próxima à Avenida Brasil e ao Canal do Cunha, o Núcleo do Hospital Evandro Chagas é organizado em torno do antigo Hospital de mesmo nome (1918). Este hospital, destinado ao tratamento de doenças infecto-contagiosas é também um dos testemunhos do início da implantação do Campus.

Este Núcleo se caracteriza pela alta densidade de edificações implantadas em torno do Hospital em detrimento dos espaços livres, das áreas verdes e de melhores orientação solar e ventilação. Critérios que haviam sido condicionantes iniciais para sua

Fig. 122



implantação isolada, tendo em vista a sua área de atuação.

O Hospital foi concebido, tal qual as edificações do NAHM, como uma arquitetura inspiração eclética pelo mesmo engenheiro-arquiteto Luiz Moraes Jr. A linguagem arquitetônica, no entanto, mesmo sendo de inspiração eclética, difere das construções do NAHM. Este Hospital, de estrutura pavilhonar, com varandas ladeando as enfermarias, é o único bem protegido pelo IPHAN nesse núcleo.

Ainda que o acesso principal do Núcleo seja ameno, emoldurado por uma alameda arborizada, a

Fig. 123



visibilidade do bem encontra-se bastante reduzida, em função das edificações em seu entorno, algumas, inclusive, de maior porte, como o Pavilhão Leônidas Deane (1956), contemporâneo ao Pavilhão da Febre Amarela (1955), mas que dele difere em escala, linguagem e implantação.

O Hospital Evandro Chagas é considerado, há muitas décadas, como um hospital de pequeno porte que não atende à demanda. Este Hospital, no entanto, se mantém em atividade, apesar de algumas propostas para a sua demolição ou transformação de uso.

É importante que seja salvaguardada a visibilidade e legibilidade do Hospital Evandro Chagas, resguardando-o de maiores interferências visuais, e valorizando a ambiência arborizada e tranqüila que ainda se vivencia no local.

Fig. 124



Fig. 121 – Hospital Evandro Chagas (HEC) à época da inauguração. C. 1920. Fonte: Acervo Fiocruz.

Fig. 122 – Visada do HEC a partir das torres do Castelo

Fig.123 – Visada do HEC a partir da Área de Expansão

Fig. 124 – As varandas dos fundos e o caminho de acesso ao HEC atualmente.

Fig. 125 – Panorama do Campus a partir da Área de Expansão, mostrando o entorno do HEC.

Fonte: Equipe LAURD. 2010.

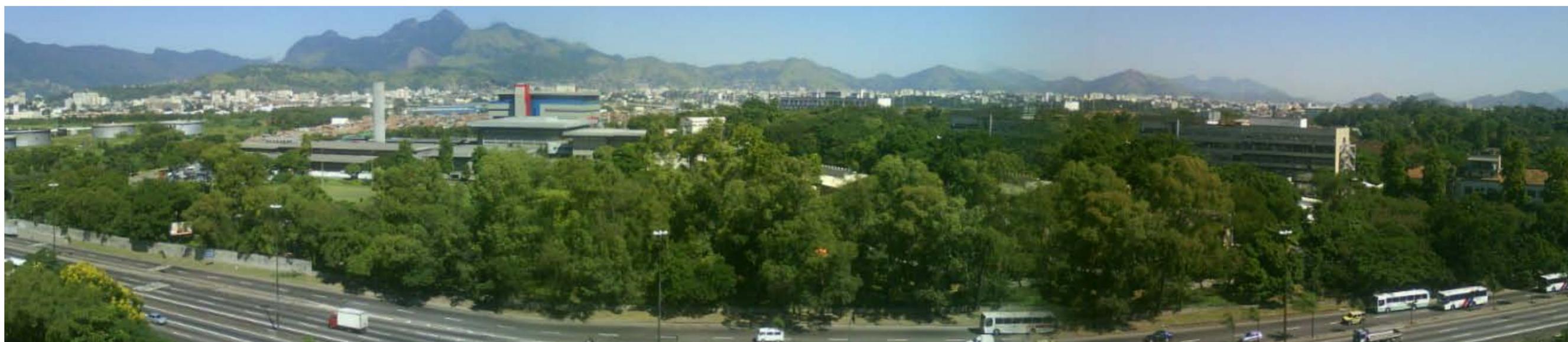


Fig. 125

NÚCLEO EVANDRO CHAGAS – SÍNTESES ANALÍTICAS

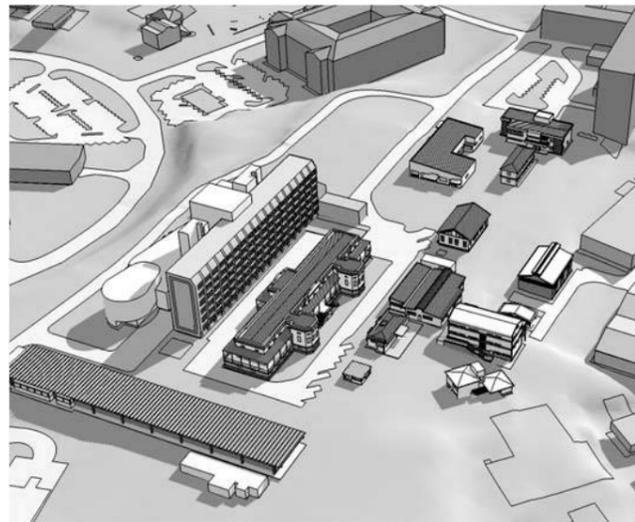


FIG. 126 – PERSPECTIVA ESQUEMÁTICA NÚCLEO EVANDRO CHAGAS

O Núcleo Evandro Chagas conta apenas com um edificação salvaguardada em nível federal, que é próprio Hospital que dá nome ao núcleo. As edificações integrantes da Área de entorno do Hospital Evandro Chagas possuem graus variados de interferência na legibilidade do bem cultural. Embora algumas edificações, como a Administração, o Ambulatório e o Biotério do HEC, tenham sido construídas logo após o Hospital, a maior parte das edificações da área de entorno deste Núcleo foram construídas após a. Elas podem ser consideradas edificações dissonantes, por interferirem visualmente na legibilidade da edificação histórica, conforme quadro síntese.

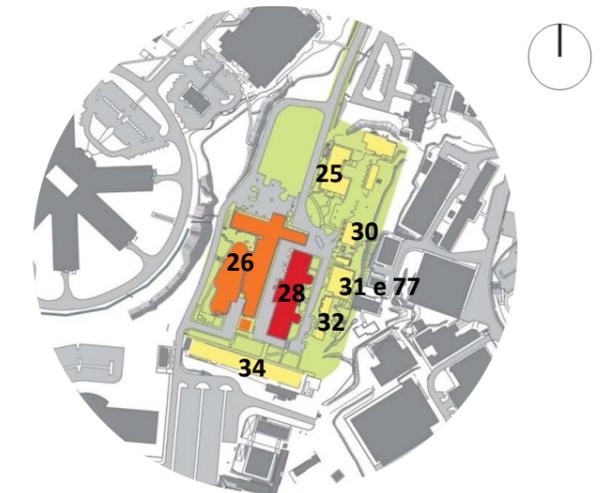
TAB. 12 – EDIFICAÇÕES / VALOR PATRIMONIAL – NÚCLEO EVANDRO CHAGAS. FONTE: EQUIPE LAURD, 2010.

Nº	Descrição	VALOR PATRIMONIAL			
		Bem Tombado	Não Tombado	Entorno BT	Interferência direta BT
25	Multimeios (Gráfica)/ 129 Editora				
26	Pavilhão Leônidas Deane (1956)				
27	Castelo d'água				
28	Hospital Evandro Chagas - HEC/ IPEC – Instituto de Pesquisa Clínica (1917)				
30	Administração do HEC				
31	Ambulatório do HEC				
32	Biotério do HEC				
33	Depósito da DIRAC				
34	Laboratórios do HEC				
77	Subestação ETG5 HEC				
234	Cantina IPEC				
244	Pós-Graduação IPEC				

Outras edificações situadas no entorno do HEC não interferem visualmente, por não participarem de seu campo visual, não sendo, portanto, consideradas dissonantes.

A maior interferência visual ao Hospital Evandro Chagas é o Pavilhão Leônidas Deane. Além de extremamente próximo ao BTF, este pavilhão possui uma perna perpendicular que interfere na visada de chegada ao HEC, impedindo sua percepção visual.

A ampliação prevista do edifício de laboratórios do HEC, deve ser cuidadosamente estudada a fim de que sua volumetria para não agrave a situação de obstrução e sufocamento visuais do bem tombado pelas edificações maiores a sua volta.



- edificações do Campus Manguinhos
- bens protegidos
- edificações com interferência direta no bem protegido
- edificações no entorno de bem protegido
- área verde protegida - IPHAN

FIG. 127 – . DETALHE DO MAPA 8 – NAHM. Des: Equipe LAURD. 2010.



Fig. 130

Fig. 128 – Visada do HEC em direção à Biblioteca.

Fig. 129 – Pavilhão Leônidas Deane ao fundo com perna térrea perpendicular que obstrui visibilidade do HEC.

Fig. 130 – Padrão construtivo adotado nas edificações aos fundos do HEC.

Fig. 131 – Pátio de acesso ao HEC.

Fonte: Equipe LAURD. 2010.

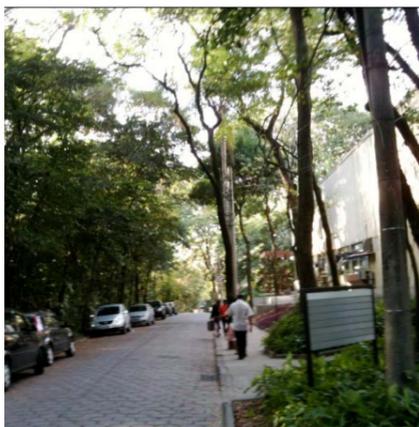


Fig. 128



Fig. 129



Fig. 131

PERCURSO PORTARIA PRINCIPAL / HOSPITAL EVANDRO CHAGAS - FLUXO INTENSO

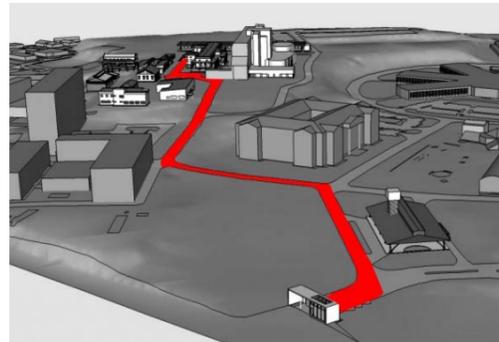


FIG. 132 – PERSPECTIVA DO ACESSO AO HEC

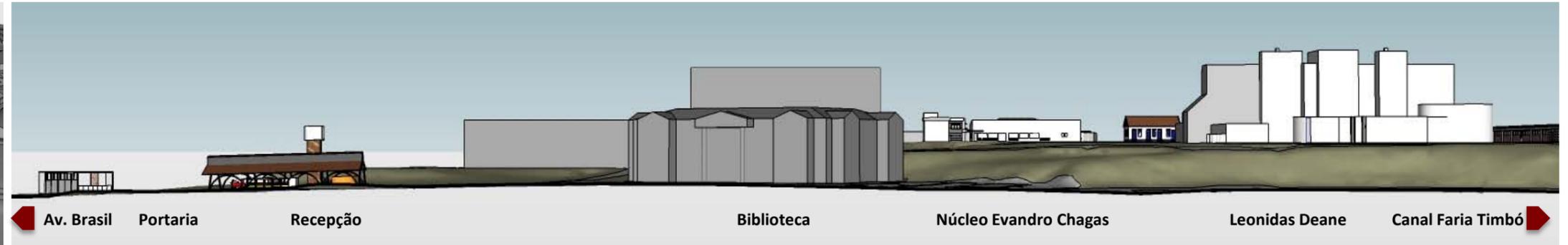


FIG. 133 – CORTE CC

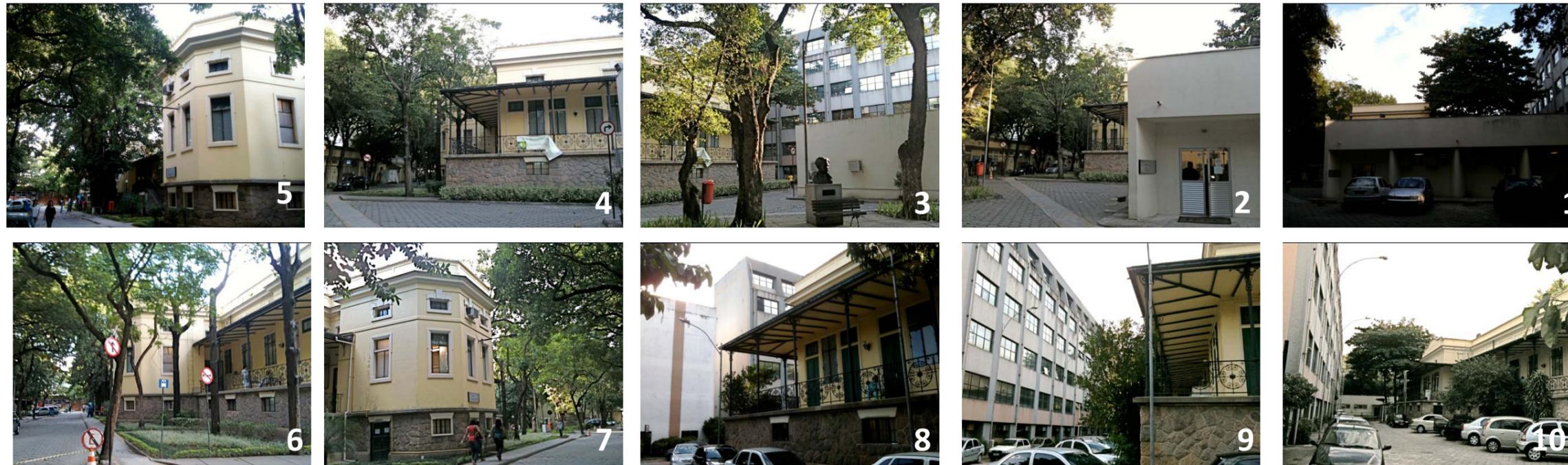


FIG. 134 – VISÃO SERIAL DO PERCURSO DE ACESSO AO HOSPITAL EVANDRO CHAGAS (HEC). FONTE: EQUIPE LAURD. 2010.

O Corte CC mostra o percurso que conecta a Portaria Principal ao Núcleo Evandro Chagas, enquanto a Visada 8 mostra a perspectiva deste percurso mais próximo ao Hospital.

A visão serial deste percurso se concentra no entorno do Hospital a fim de ressaltar as interferências visuais a ele impostas pelo pavilhão vizinho, Leônidas Deane, como expostas no Corte GG, bem como a permanência de uma ambiência agradável no local.



FIG. 135 – VISADA 8



FIG. 136 – CORTE GG

CRITÉRIOS NORTEADORES PARA PRESERVAÇÃO

As **Sínteses Visuais** consolidam as análises visuais realizadas ao longo deste trabalho de acordo com os principais critérios orientadores da salvaguarda da legibilidade e da visibilidade das edificações e espaços livres notáveis que integram o rico patrimônio da AIHP, assim como à identidade dos Núcleos de Interesse para o Patrimônio Cultural do Campus Manguinhos.

As Análises foram apresentadas por sítio/ principais acessos e núcleos de interesse patrimonial. Elas evidenciaram, assim, as principais características da paisagem do sítio patrimonial, destacaram as áreas de maior visibilidade do campo visual das edificações notáveis do Campus Manguinhos, assim como as relações entre elas e os demais elementos estruturantes das configurações espaciais observadas. Já as **Sínteses Visuais** interpretam os resultados das Análises dos Núcleos e os consolidam em critérios indutores da Proteção do Patrimônio Cultural. Elas identificam, fundamentalmente, as **características a serem preservadas** e as **interferências na legibilidade do bem cultural**, que traduzem a síntese da legibilidade patrimonial.

As ações para salvaguarda do patrimônio cultural do Campus deveriam considerar, inicialmente, a **preservação das ambiências e das qualidades visuais** de cada Núcleo de Interesse Patrimonial e, conseqüentemente, da Área de Interesse Histórico e Paisagístico de Manguinhos.

As análises morfológicas e visuais do sítio, realizadas com a utilização de recursos de representação visual e interpretação do patrimônio, proporcionaram a avaliação da legibilidade do seu patrimônio cultural, particularmente, do impacto visual gerado pelos diferentes elementos do espaço urbano/natural e do conjunto construído que contribuem, ou criam obstáculos, para a legibilidade e visibilidade da AIHP como um todo.

Foram evidenciadas as qualidades visuais da AIHP – tanto seus pontos fortes como os desequilíbrios – revelando seu potencial paisagístico como sítio patrimonial.

O fio condutor de todo o trabalho é a **conservação da significação cultural** e, conseqüentemente, dos valores patrimoniais dos bens culturais desta AIHP. Para tanto, as possíveis ameaças à integridade do bem, em termos de impactos visuais, identificadas

ao longo das análises realizadas, serão agrupadas e articuladas nas **Sínteses Visuais**, concluindo, assim, o **diagnóstico dos impactos visuais à legibilidade patrimonial da AIHP Manguinhos**. Este diagnóstico integra o escopo do Plano de Preservação.

O **Pavilhão Mourisco** é preconizado como a **imagem-síntese** do Campus Manguinhos e como tal, a salvaguarda de sua proeminência em relação ao sítio é medida fundamental.

Sendo o Castelo e as edificações notáveis os pontos focais para os quais convergem os principais eixos visuais, foram identificadas visadas privilegiadas a fim de delimitar o campo visual destas edificações. As análises foram estruturadas de acordo com três escalas de aproximação, ou, três escalas de análise da legibilidade do Campus, determinadas a partir dos cones visuais específicos e dos campos visuais singulares por elas definidas. Essas escalas determinaram as Bases Analíticas: Percursos, núcleos e cones visuais.

Os percursos apresentados são aqueles relevantes para o registro, a compreensão e salvaguarda da AIHP. A atribuição de valor patrimonial a estes percursos relaciona-se tanto à visibilidade dos bens

culturais como à própria historicidade desses percursos.

Foram analisadas as características morfológicas e tipológicas do espaço natural e do conjunto urbanístico; os aspectos visuais das relações entre as edificações e seu espaço envoltório, e entre a Área de Interesse Histórico e Paisagístico (AIHP) e o restante do *campus*, com vistas à identificação das influências mútuas. A análise dessas inter-relações permitiu identificar a coesão ou a fragmentação do grupamento de edificações, interna e externas aos núcleos, configurando distintas qualidades visuais em termos de coerência visual e harmonia.

Imagens-Sínteses dos Núcleos de Interesse Patrimonial

Fig. 137 – NAHM: o Castelo

Fig. 138 – Núcleo Pombal: O Pombal arborizado com visada do Castelo ao fundo.

Fig. 139 – Núcleo Modernista: painel de azulejos de Burlle Marx (Pavilhão Arthur Neiva),

Fig. 140 – Núcleo Evandro Chagas – O hospital arborizado.

Fotos: Equipe LAURD, 2010,



Fig.137



Fig.138



Fig.139

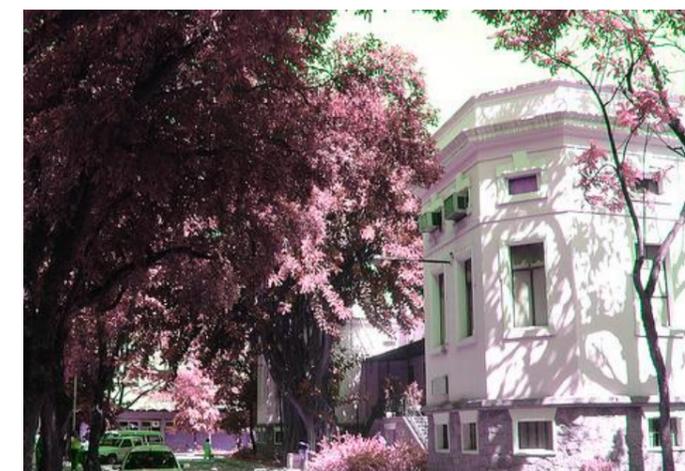


Fig.140

LEGIBILIDADE PATRIMONIAL POR NÚCLEOS

A **legibilidade patrimonial** destaca-se como critério norteador para assegurar a conservação dos valores patrimoniais, da autenticidade e da integridade do bem, através da identificação de potencialidades e possíveis ameaças. Segue-se, assim, os objetivos preconizados pela UNESCO/WHC (2005) para a gestão de sítios tombados.

A legibilidade patrimonial será abordada, inicialmente, por núcleo. Serão sintetizadas suas principais qualidades visuais e a participação dos mesmos na construção da legibilidade patrimonial do sítio histórico do Campus Manguinhos. Em seguida, serão destacados os pontos fortes e as ameaças à esta construção, em texto e quadros-sínteses, através de questões aos núcleos, à relação entre eles, ou, a alguns deles mais especificamente



Fig.141

. São elas: *interferências visuais internas e externas, arquitetura temporária, novas construções, mobiliário urbano e massa arbórea*. Por fim, são apresentadas algumas *diretrizes para proteção e valorização do sítio patrimonial de Manguinhos*.

A percepção da legibilidade patrimonial, tal como já apresentado nas Análises Visuais, está relacionada à escala visual de observação e aos fatores naturais como luz e clima. Esta percepção pode ser considerada, inicialmente, por Núcleos de Interesse para Preservação, uma vez que eles podem ser reconhecidos por suas imagens ambientais singulares, dotadas de **identidade, estrutura e significado**, no sentido conferido aos bairros por Lynch (1970).

As unidades morfológicas dos Núcleos possuem distintos graus de pregnância em termos de qualidades visuais e, conseqüentemente, uma maior ou menor adaptabilidade e tolerância às eventuais intervenções. Os **efeitos adversos** à legibilidade patrimonial podem ser **imperceptíveis, moderados** e de **grande impacto**, conforme a legibilidade patrimonial do sítio, dada por seu caráter mais coeso ou fragmentado.



Fig.142

A adoção desta classificação por Núcleos teve por finalidade estabelecer sub-áreas de proteção, com características próprias e independentes, que guardam coerência com as diretrizes para o sítio como todo.

No caso do **Núcleo Histórico**, o NAHM, destacam-se as qualidades visuais de **monumentalidade e mistério**, como já apontava Oswaldo Cruz, ao

considerar a adoção do estilo Mourisco para a arquitetura do Castelo, no início do século XX. A implantação no alto de uma colina enaltece a grandiosidade do Castelo, que nas vistas externas parece pairar sobre a notável massa arbórea. A moldura vegetal encobre o Castelo nos acessos ao platô, gerando um efeito surpresa que enriquece a experiência visual.

O NAHM caracteriza-se pela proeminência das edificações notáveis em relação às áreas verdes livres, tendo sido este conjunto arquitetural implantado em função da dominância do Castelo. A organização espacial e a situação topográfica notabilizam, assim, a legibilidade do Castelo e sua dominância em todas as escalas.

Destaca-se, ainda, a coesão da unidade visual do conjunto arquitetural do NAHM. Sua ambiência harmônica, impregnada de edificações de ricas cores e texturas, é vulnerável às interferências de novas intervenções. Nesse sentido, o impacto de interferências no NAHM é proporcionalmente maior do que nos núcleos menos coesos, como o HEC, ou mais arborizados como o Pombal e o Modernista.

As qualidades visuais que identificam a ambiência do **Núcleo Pombal** são o aspecto bucólico gerado pela presença de poucas e baixas edificações implantadas em suave colina intensamente arborizada. Os espaços verdes do Pombal e do Horto promovem uma unidade visual de espaços verdes livres. A dominante massa arbórea permeia os espaços livres e encobre as edificações.

Qualidades Visuais

Fig. 141– O Mourisco identifica à distância a chegada ao Rio pela Av. Brasil. Fonte: Equipe laurd, 2010.

Fig. 142 – Os preceitos da arquitetura moderna e a identidade visual ao Pavilhão Arthur Neiva. Fonte: Equipe laurd, 2010.

LEGIBILIDADE PATRIMONIAL POR NÚCLEOS

O **Núcleo Modernista** caracteriza-se pela grande densidade da área verde e poucas edificações, em linhas arquitetônicas modernas, voltadas para a Av. Brasil. No entanto, devem ser diferenciados os graus de legibilidade de seus dois principais bens, tendo em vista suas distintas implantações. A visibilidade do Pavilhão Arthur Neiva, de frente para a Avenida Brasil, realçada pelos espaços livres à sua volta e pelo terreno plano ratifica sua filiação moderna.

Sua singular expressão arquitetônica domina aquele espaço e atrai o olhar do transeunte para o Campus. Embora a moldura verde resguarde ambos os pavilhões modernistas, minimizando interferências de grande porte, cabe destacar que a qualidade visual do núcleo se inscreve justamente na singularidade de suas arquiteturas, cujo branco contrasta com a moldura verde.

Já o **Núcleo Evandro Chagas** é o mais prejudicado em termos de legibilidade, tendo em vista a alta densidade de edificações implantadas em volta do Hospital, em detrimento dos espaços livres e áreas verdes. A visibilidade do bem cultural encontra-se bastante comprometida, tendo em vista as edificações em seu entorno, em particular, o Pavilhão Leônidas Deane. Nesse sentido, o impacto

de novas intervenções é mais moderado, desde que resguarde a legibilidade do seu único bem tombado. Por fim, a legibilidade patrimonial dos principais limites e acessos, isto é, a Avenida Brasil e a Rua Leopoldo Bulhões está relacionada à intensa presença da massa arbórea e à visibilidade dos pontos notáveis. Isto é às portarias e ao Pavilhão Arthur Neiva.

TAB. 13: QUADRO LEGIBILIDADE POR NÚCLEO. FONTE: EQUIPE LAURD, 2010.

LEGIBILIDADE	POTENCIALIDADES	AMEAÇAS
SITIO E ACESSOS	Massa arbórea; ambiência; qualidade arquitetônica dos bens patrimoniais	Ocupação desordenada do espaço público: passeios da Av. Brasil e estacionamentos a frente de bens tombados
NAHM	Unidade Visual das edificações históricas; relação dos espaços livres e edificados	Edificações novas sem qualidade arquitetônica
POMBAL	Qualidade ambiental; Massa arbórea	Novas intervenções no Núcleo e nas áreas limítrofes.
MODERNISTA	Qualidade arquitetônica dos bens patrimoniais; ambiência	Novas intervenções e publicidades
EVANDRO CHAGAS	Qualidade arquitetônica do bem cultural individualmente; arborização resguarda a ambiência do HEC.	Alta densidade do entorno; risco de maior verticalização do entorno do HEC.

TAB. 14: QUADRO AMBIÊNCIAS À PRESERVAR. FONTE: EQUIPE LAURD, 2010.

AMBIÊNCIAS A PRESERVAR	QUALIDADES VISUAIS
SITIO E ACESSOS	Massa arbórea
NAHM	Monumentalidade; Unidade Visual dada pela expressão arquitetônica das edificações históricas; Moldura verde.
POMBAL	Bucolismo; Predomínio dos espaços verdes livres
MODERNISTA	Expressão arquitetônica singular das edificações modernistas; Moldura verde.
EVANDRO CHAGAS	Expressão arquitetônica singular da edificação histórica



Fig.143- SILHUETA DO CASTELO AO LONGO DO DIA. Fonte: Equipe LAURD, 2010.

Observam-se diversos níveis de interferências na legibilidade e na visibilidade do conjunto arquitetônico e paisagístico de Manguinhos. Algumas dessas interferências dificultam a sua apreensão como bem cultural.

Abaixo podem ser verificadas interferências externas e internas, como a enorme publicidade colocada à frente do Pavilhão Arthur Neiva (BTE) e uma série de edificações que deveriam ser provisórias, ou então, alocadas em edificações de caráter permanente, que descaracterizam o Núcleo Modernista e o NAHM.



Fig.144



Fig.145

Evitar interferências é prerrogativa das legislações de proteção, que determinam que o órgão de tutela seja consultado previamente quanto a execução de obras, afixação de anúncios, cartazes, ou letreiros, ou instalação de atividade comercial ou industrial, em imóvel tombado.

Nesse sentido, as normas de proteção impedem novas construções nos entornos de bens tombados, que impeçam ou reduzam sua visibilidade, a fim de preservar a integridade estética e evitar repercussões na segurança, na ambiência ou na visibilidade do bem tombado, assim como em sua inserção no conjunto panorâmico ou urbanístico circunjacente.

(Decreto-Lei Estadual nº 2, de 11/04/ 1969, Decreto –Lei Federal nº. 25 de 30 /11/ 1937 e Portaria IPHAN nº 122, de 2 /4/2004)



Fig.146

TAB. 15: QUADRO DE INTERFERÊNCIAS VISUAIS.. FONTE: EQUIPE LAURD, 2010.

INTERFERÊNCIAS VISUAIS	INTERNAS	EXTERNAS
SITIO E ACESSOS	Estacionamento a frente de bens tombados	Ocupação desordenada e precariedade do espaço público da Av. Brasil
NAHM	Novas edificações dissonantes; mobiliário urbano;	A moldura verde resguarda o NAHM de interferências externas
POMBAL	Novas edificações dissonantes no Caminho Oswaldo Cruz e arredores	Proximidade da Comunidade Oswaldo Cruz , que integra campos visuais nos limites do Campus
MODERNISTA	Novas edificações provisórias dissonantes – containers; descaracterização dos bens	Proximidade da Av. Brasil; Comunidade Oswaldo Cruz participa das visadas da ASFOC
EVANDRO CHAGAS	Alta densidade do entorno; proeminência do Pavilhão Leônidas Deane	A moldura verde resguarda o HEC de interferências externas

Interferências Visuais Internas e Externas à Legibilidade Patrimonial do Sítio Histórico de Manguinhos.

Figs. 144 e 145 – Comunidade Parque Oswaldo Cruz muito próxima à ASFOC (BTE)

Fig. 146 – Carros estacionados muito próximos aos bens tombados.

Fig.147 – Ocupação desordenada do espaço público (ponto de ônibus e descida de passarela) em frente à Portaria principal.

Fig. 148 - Outdoors em frente ao Pavilhão Arthur Neiva

Fotos: Equipe LAURD



Fig.147

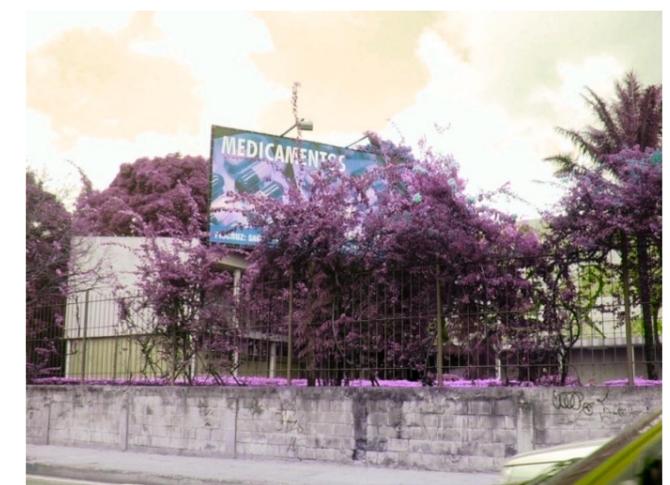


Fig.148

ARQUITETURA TEMPORÁRIA: INTERFERÊNCIA VISUAL PERMANENTE?

TAB. 15: QUADRO DE INTERFERÊNCIAS VISUAIS AO BEM TOMBADO. FONTE: EQUIPE LAURD, 2010.

INTERFERÊNCIAS VISUAIS NO BEM TOMBADO:	NOVAS CONSTRUÇÕES	ARQUITETURAS TEMPORÁRIAS	MOBILIÁRIO URBANO
SITIO E ACESSOS	Não foram observadas interferências visuais causadas por novas arquiteturas.	Não foram observadas interferências visuais causadas por arquiteturas temporárias.	As principais interferências visuais são observadas nos acessos ao Campus
NAHM	A Agência dos Correios no percurso Portaria/Pavilhão da Ciência/ Castelo, a Casa de Bomba, O Pavilhão Adolf Lutz podem ser consideradas edificações dissonantes em relação à ambiência a ser preservada neste Núcleo.	Presença de vários containeres no lado direito do Castelo (no percurso que liga este ao Antigo Almojarifado e à ASFOC) interferem moderadamente na visibilidade e legibilidade do Castelo.	Podem ser observados letreiros (de bancos, correios, etc.) que promovem leve interferência visual aos bens tombados. A Banca de jornal, no percurso Portaria/Praça da Ciência/ Castelo, interfere na ambiência a ser preservada neste Núcleo.
POMBAL	Foram observadas interferências visuais causadas por novas arquiteturas junto ao CECAL.	Foram observadas em menor quantidade interferências visuais causadas por arquiteturas temporárias.	Não foram observadas interferências visuais aos bens tombados causadas mobiliário urbano.
MODERNISTA	A previsão de construção de anexo ao Pavilhão Arthur Neiva poderá gerar interferência visual, caso a singularidade do bem não seja preservada.	Presença de containeres no lado esquerdo do Pavilhão Arthur Neiva que causam grande interferência visual neste bem tombado.	Destaca-se a obstrução visual ao Pavilhão Artur Neiva causada pelo enorme painel publicitário à sua frente, junto a Av. Brasil.
EVANDRO CHAGAS	A principal obstrução visual ao HEC é causada pelo Pavilhão Leônidas Deane.	Foram observadas interferências visuais no bem cultural causadas por quiosques.	Não foram observadas interferências visuais nos bens tombados causadas mobiliário urbano.

Ao percorrer o Sítio Histórico de Manguinhos pode-se observar que muitas vezes as arquiteturas temporárias, o mobiliário urbano e as novas construções, configuram interferências visuais à visibilidade e à legibilidade aos bens tombados e/ou aos bens com interesse para tombamento. Isto ocorre de maneira mais freqüente no NAHM e no Núcleo Modernista, sendo observados ainda alguns casos no Núcleo Pombal, próximo à Área de Amortecimento e ao Caminho Oswaldo Cruz.

A permanência de arquiteturas temporárias é, por si só, um paradoxo. Arquiteturas permanentes, concebidas como arquiteturas temporárias, apontam, sobretudo, para a persistência de uma demanda por espaços destinados à determinadas atividades que permanece não atendida. Em geral, além da obstrução visual, essas arquiteturas possuem características construtivas dissonantes da qualidade arquitetônica do conjunto histórico.

É necessário que se estabeleçam critérios quanto à volumetria, cores e distância entre as arquiteturas temporárias e entre essas e os bens tombados.

O Mobiliário Urbano é outro item que demanda a definição de diretrizes que evitem interferências

visuais aos bens tombados. Essas diretrizes devem se aplicar tanto aos empachamentos quanto aos elementos de mobiliário urbano, como totens, publicidades e bancas de jornais.

A interferência direta das edificações com características transitórias – temporárias e mobiliário urbano - sobre os bens tombados e de interesse patrimonial deveria ser revista de acordo com os critérios de visibilidade ao bem tombado.



Fig.149

Figs. 149 – Totens sobrepostos criando obstáculos à visibilidade do bem tombado.

Fig. 150 e 153 – Containeres ao lado do Castelo.

Fig.151 – Visada dos containeres ao lado do Castelo a partir Almojarifado Central.

Fig. 152 - Perspectiva aérea do Castelo e containeres.

Fotos: Equipe LAURD



Fig.150

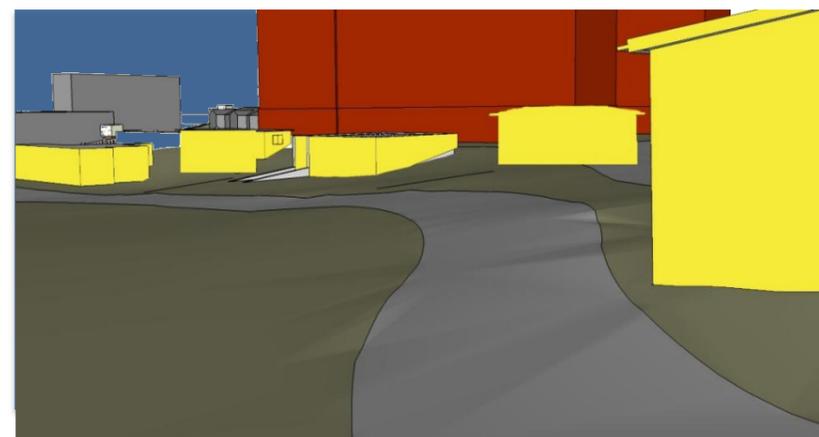


Fig.151

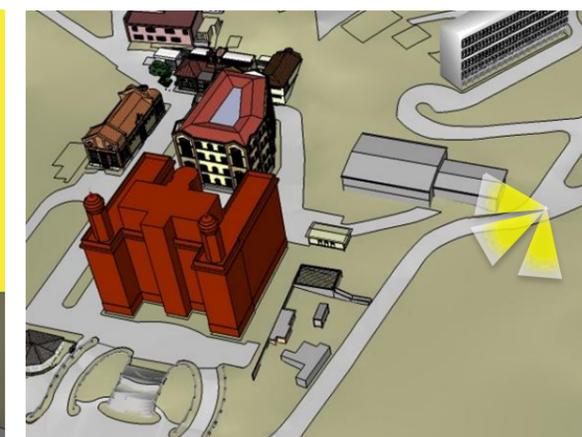


Fig.152

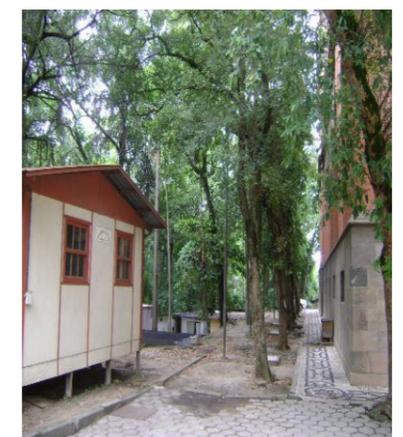


Fig.153

NOVAS CONSTRUÇÕES

As novas construções também causam significativas interferências visuais aos bens tombados. É necessário esclarecer que consideramos “novas construções”, aquelas erguidas posteriormente à inauguração do bem tombado e à despeito da visibilidade/legibilidade

do mesmo. Casos emblemáticos desta situação são: a obstrução visual causada ao Hospital Evandro Chagas pelo ala perpendicular ao volume principal, do Pavilhão Lêonidas Deane; e a Casa de Força e os Pavilhões Cardoso Fontes e Adolfo Lutz, no NAHM.

Sobressai nesta ambiência, a perfeita contextualização do Anexo da COC, atrás do Pavilhão do Relógio.

Lucio Costa em seu parecer sobre o projeto de Oscar Niemeyer para o Grande Hotel Ouro Preto, toca no ponto crucial desse caso:

“...a boa arquitetura de um determinado período vai sempre bem com a de qualquer período anterior, o que não combina com coisa alguma é a falta de arquitetura.” (Costa, 1939 apud Motta, 1987)

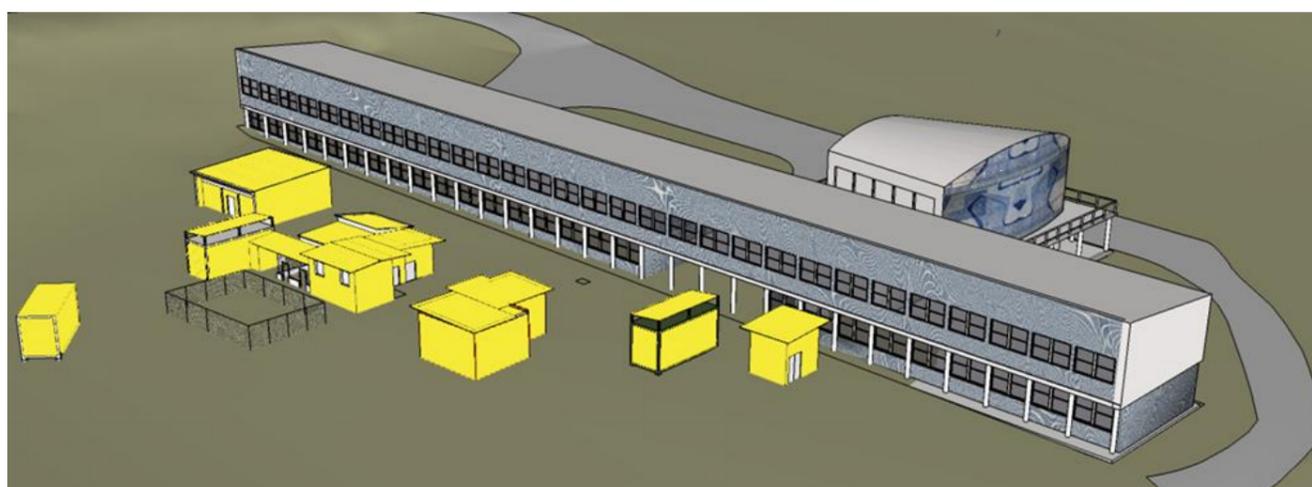


Fig.154



Fig.155

Fig. 154 e 155 – Containers próximo ao Pavilhão Arthur Neiva, obstruindo suas visadas.

Fig. 160 a 163 – Interferência do Pavilhão Leônidas Deane ao Hospital Evandro Chagas.

Fig. 156 a 159 – As novas construções no entorno do Pavilhão do Relógio, com destaque para o contraste entre a edificação (COC) integrada ao conjunto histórico e edificações dissonantes do conjunto histórico (Casa de força e Pavilhão Adolfo Lutz)

Fotos: Equipe LAURD, 2009/2010.



Fig.156



Fig.157



Fig.158



Fig.159



Fig.160



Fig.161

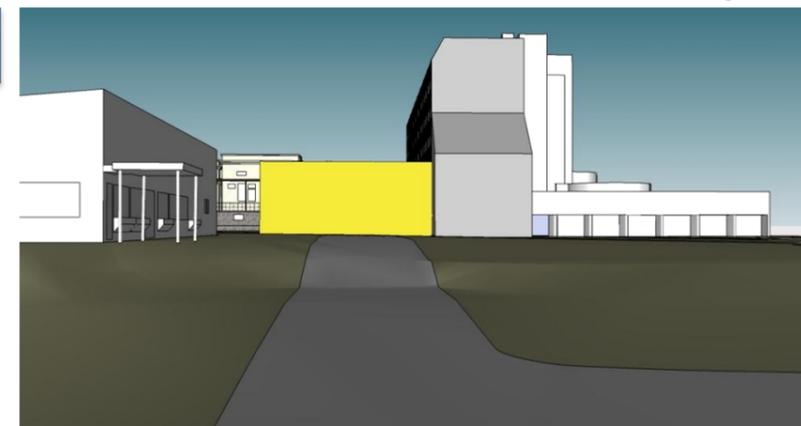


Fig.162



Fig.163

A MASSA ARBÓREA: PRESERVAÇÃO E MANEJO

A necessidade de reconhecimento da importância de preservação da exuberante massa verde do Campus foi ratificada no parecer técnico do IPHAN, no processo de extensão do tombamento do Sítio Histórico de Manguinhos.

Nesse sentido, a massa arbórea do Campus é, não apenas, o próprio objeto de preservação, como atua como “moldura” ou “envoltória” que resguarda os bens culturais.

Na pesquisa realizada observou-se que esta notável massa arbórea foi se adensando gradativamente ao longo do tempo, sendo mais recente que os Núcleos Patrimoniais. Atualmente, a massa arbórea desempenha um papel fundamental na caracterização das ambiências do

Campus. No entanto, sendo um patrimônio vivo, ela demanda um manejo adequado, tanto em termos de preservação ambiental, quanto em relação à preservação da identidade e do caráter dos Núcleos Patrimoniais.

Este manejo deve equalizar, portanto, o crescimento da massa vegetal e a preservação da ambiência das áreas livres de modo articulado à salvaguarda da visibilidade das edificações notáveis, preservando, ainda, a hierarquia das unidades morfológicas constituídas em núcleos.

A área arborizada realiza a transição entre a área tombada e o restante da malha urbana da cidade, caracterizando-se, assim, como uma zona de amortecimento vegetada, que anuncia a proximidade à área protegida.

A área arborizada emoldura paisagisticamente, os bens tombados ou com interesse para a preservação.

No levantamento de campo realizado esta necessidade de reconhecimento e manejo das espécies arbóreas tendo em vista a preservação desta ambiência característica de sombras, luzes, mistérios e descobertas.

Fig. 164 – A relação da vegetação com as edificações do Sítio Histórico nos anos 1930. Foto: Acervo FIOCRUZ

Fig. 165 - A relação da vegetação com as edificações do Sítio Histórico em 2009.

Fig. 166 O pavilhão do Quinino cercado por uma diversidade de espécies arbóreas.

Fig. 167. – A Alameda Oswaldo Cruz.

Fig. 168 – Panorama dos Caminhos que conduzem ao Refeitório Central, à esquerda, e ao Pavilhão Arthur Neiva, à direita.

Fig. 169 – A moldura paisagística do Castelo.

Fotos: Equipe LAURD, 2009/ 2010.

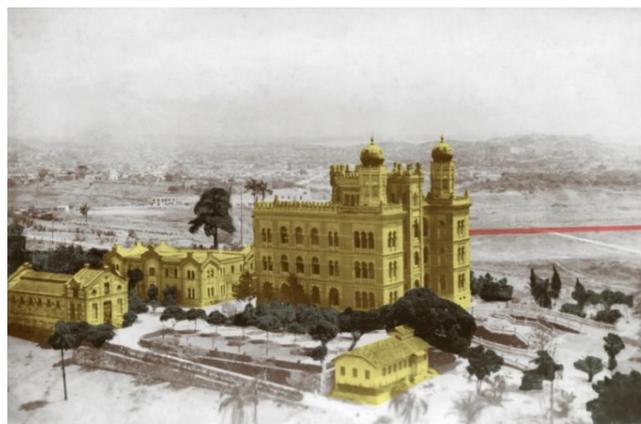


Fig.164



Fig.165



Fig.166



Fig.167



Fig.168

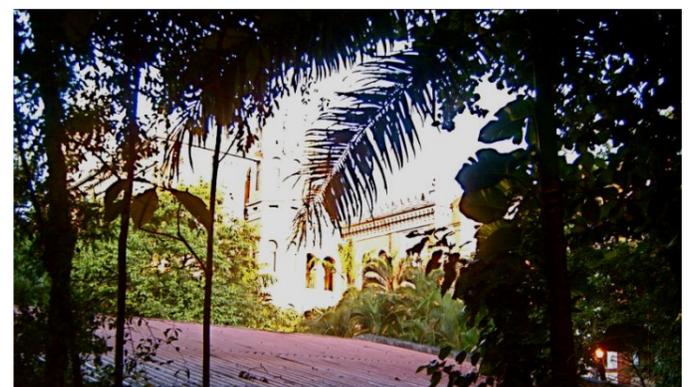


Fig.169

SÍNTESES VISUAIS DOS PERCURSOS

TAB. 16: QUADRO DE LEGIBILIDADE E INTERFERÊNCIAS VISUAIS DOS PERCURSOS. FONTE: EQUIPE LAURD, 2010.

PERCURSOS		LEGIBILIDADE			INTERFERÊNCIAS	
		POTENCIALIDADES	AMEAÇAS	QUALIDADES VISUAIS	INTERNAS	EXTERNAS
1	AV. BRASIL	Visibilidade e permeabilidade visual da ambiência verde e do Castelo, imagens-sínteses do Campus. Preservá-las.	Precariedade do estado de conservação dos passeios e muros e proliferação de barreiras visuais. Novas intervenções urbanas na via.	O <i>pulmão urbano</i> de Manguinhos. A Grande massa arbórea desta extensa e movimentada via expressa	Elementos de Publicidade implantados dentro do Campus, tendo como o público alvo os usuários da Av. Brasil, estabelecem obstáculos visuais à visibilidade dos bens.	Ponto de ônibus e passarela em estado precário de conservação e implantados de forma pouco criteriosa com relação ao Sítio Patrimonial de Manguinhos.
	Páginas 19 e 20					
2	CAMINHO OSWALDO CRUZ	Testemunho histórico do primeiro acesso ao Campus e ao Castelo.	Novas construções dissonantes e pavimentação descontínua.	Preservação da dimensão bucólica de uma temporalidade histórica.	Novas construções dissonantes	Não foram observadas interferências externas ao Campus.
	Páginas 22 e 23	Indicação de sinalização para educação patrimonial.				
3	MODERNISTA/ NAHM: PORTARIA PRINCIPAL/ CASTELO	Surpresa na aproximação pela Alameda Oswaldo Cruz.	Não foram observadas ameaças relevantes ao patrimônio cultural local atualmente.	Surpresa na aproximação. Aspecto cênico da visada do Castelo.	Este percurso encontra-se preservado em sua grande parte, não tendo sido observadas interferências internas relevantes.	Pouca visibilidade e legibilidade da portaria
	Página 24					
4	NAHM: PORTARIA PRINCIPAL/ PARQUE DA CIÊNCIA / CASTELO	Alameda Oswaldo Cruz; Centro de recepção/trenzinho.	Edificações da área de amortecimento	Surpresa na aproximação. Aspecto cênico na visada do Castelo.	Edificações da área de amortecimento	Pouca visibilidade e legibilidade da portaria
	Página 25					
5	NAHM: CASTELO / ANTIGO ALMOXARIFADO CENTRAL	Início da ligação com o Núcleo Modernista	Inúmeros containeres e novas construções de pequeno porte	Ambiência arborizada. Contraste de escalas (Castelo / modernistas)	Inúmeros containeres e novas construções	Não foram observadas interferências externas ao Campus.
	Página 30					
6	NAHM/POMBAL: CASTELO/ FEBRE AMARELA	Ambiência arborizada; permeabilidade visual com a presença do Castelo no campo visual	Tapumes e novas construções	Aspecto bucólico; Castelo no campo visual externo.	Tapumes e novas construções	Não foram observadas interferências externas ao Campus.
	Página 34					
7	MODERNISTA: ASFOC/ ARTHUR NEIVA	Ambiência arborizada	Previsão de alargamento da Av. Brasil;	Aspecto bucólico; presença de gramados e áreas arborizadas	Estacionamentos próximo aos bens tombados.	Presença da Comunidade Parque Oswaldo Cruz no campo visual ao fundo
	Página 38					
8	MODERNISTA: A. NEIVA/ ASFOC / CASTELO	Ambiência arborizada	Previsão de alargamento da Av. Brasil; Obra no Pavilhão Carlos Chagas	Aspecto bucólico; presença de gramados e áreas arborizadas	Inúmeros containeres	Presença da Comunidade Parque Oswaldo Cruz no Campo visual ao fundo
	Página 39					
9	PORTARIA PRINCIPAL / HEC	Valorização da edificação tombada	Construções de maior porte obstruindo a visibilidade do HEC	Surpresa na aproximação.	Muitas edificações obstruindo a visibilidade do HEC	Pouca visibilidade e legibilidade da portaria na Av. Brasil
	Página 43					

DIRETRIZES DE PROTEÇÃO E VALORIZAÇÃO DO SÍTIO PATRIMONIAL

Foi realizada uma leitura do sítio histórico de forma sistêmica, proporcionando o conhecimento do todo, sem perder o reconhecimento das especificidades das partes, identificadas em Núcleos de Interesse de Preservação, dotados de caráter e identidades próprios.

As análises realizadas revelam a necessidade de implantação de medidas de proteção e conservação dos bens tombados, visando à valorização da ambiência dos bens culturais e a salvaguarda dos valores patrimoniais que motivaram a preservação. Buscou-se desenvolver um instrumento capaz de fornecer bases concretas para justificar medidas de proteção e avaliar o impacto de novas intervenções no sítio patrimonial.

Através das sínteses visuais consubstancia-se a contribuição da análise visual para o Plano de

Preservação da Área de Interesse Histórico e Paisagístico (AIHP) do Campus Manguinhos a ser elaborado. Cabe ressaltar que os aspectos visuais ora analisados devem ser articulados às demais análises do diagnóstico realizado para o Plano de Preservação.

Cabe apontar a importância do Plano de Preservação como instrumento normativo para a regulação do sítio patrimonial, dispondo sobre a delimitação da área protegida e a ordenação do uso e ocupação da AIHP. Destaca-se, sobretudo, a possibilidade de ampliar a concepção da proteção, que atualmente se aplica aos bens tombados individualmente, integrando valores culturais e paisagísticos em valores patrimoniais do sítio como um todo, que congrega a ambiência dos bens edificados e a área verde, ou seja, a paisagem.

Apesar da implantação estratégica das edificações notáveis, o Campus ainda carece de uma boa legibilidade patrimonial interna. Aprimorar e assegurar essa legibilidade devem ser premissas do Plano de Preservação, e para tanto, devem ser considerados, em termos de aspectos visuais, o manejo da massa arbórea, a colocação de sinalização informativa adequadas às ambiências preservadas e a salvaguarda das edificações notáveis.

Tendo em vista as características fluidas da paisagem, os Núcleos de Interesse de Preservação devem ser demarcados a partir das escalas de observação, relativas aos campos visuais, estes limitados por barreiras visuais dadas pela variação topográfica do sítio.

Embora o foco das Análises recaia sobre o sítio patrimonial, é indispensável, do ponto de vista da proteção, a definição de Áreas de Amortecimento limítrofes à área protegida, conformando transições entre o sítio patrimonial e o restante do Campus. Tais áreas atuam como gradientes de proteção entre os parâmetros de uso e ocupação mais restritivos e mais permissivos. Configuram-se como Áreas de Amortecimento a região da Praça da Ciência e o trecho entre o Núcleo Pombal e a portaria da ENSP.

Fig.170- Containers, veículos, massa arbórea indistinta produzindo interferências visuais à visibilidade e à legibilidade do Castelo.

Fotos: Equipe LAURD, 2009.

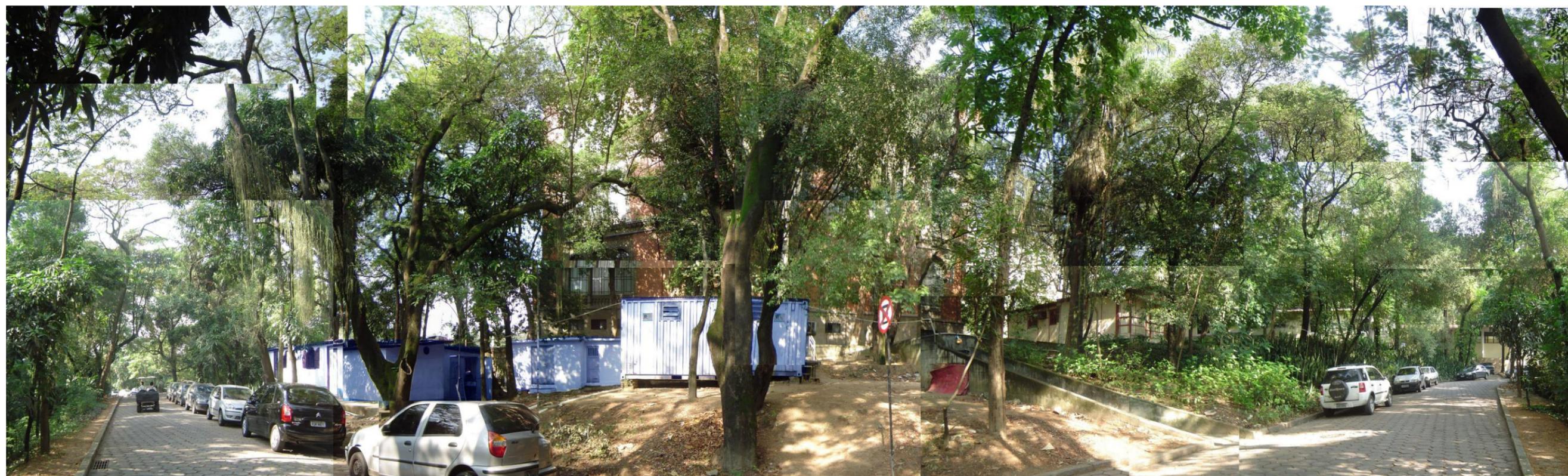


Fig.170

Ambiência dos conjuntos históricos ou tradicionais

O quadro natural ou construído que influi na percepção estática ou dinâmica desses conjuntos, ou a eles se vincula de maneira imediata no espaço, ou por laços sociais, econômicos ou culturais. (Recomendação de Nairóbi, 1976, art. 1º)

Área de entorno

Área contígua à área protegida, onde o modo de urbanização e a escala das construções possam interferir na ambiência, visibilidade e integração na paisagem. (Portaria IPHAN no. 299 de 06/7/2004).

Caráter

Qualidade que singulariza o lugar.

Dissonante

Que destoa; desarmônico, discordante.

FIG. 171. Início do Percurso da Portaria Principal ao Centro de Recepção (à direita) e ao Hospital Evandro Chagas (em frente).

Fonte: Equipe LAURD. 2010..

Conservação

Cuidados a serem dispensados a um bem para preservá-lo as características que apresentam um significado cultural. O objetivo da conservação é preservar o significado cultural de um bem, implicando medidas de segurança e manutenção, assim como disposições que prevejam sua futura destinação. A conservação de um bem exige a manutenção do entorno visual apropriado, nos planos da forma, da escala, das cores da textura, etc. Não deverão ser permitidas qualquer nova construção, nem qualquer demolição ou modificação susceptíveis de causar prejuízo ao entorno. A introdução de elementos estranhos ao meio circundante, que prejudiquem a apreciação ou fruição do bem, deve ser proibida. (Carta de Burra, 1980, arts. 1º e 8º)

Pode ser empregada como o termo geral para salvaguarda e proteção do patrimônio histórico, e a ação de prevenção de sua decadência. (Jokilehto, 2002).

Entorno

O entorno de uma edificação, um sítio ou uma área de patrimônio cultural se define como o meio característico seja de natureza reduzida ou extensa, que forma parte de – ou contribui para – seu significado e caráter peculiar. A definição do entorno requer compreender a história, a evolução e o caráter dos arredores do bem cultural. Trata-se de um processo que deve considerar múltiplos fatores, inclusive a experiência de aproximação ao sítio e ao próprio bem cultural. (Declaração de Xi'an Sobre a Conservação do Entorno Edificado, Sítios e Áreas do Patrimônio Cultural, 2005, arts. 1º e 3º)

Interferência

Qualquer elemento não desejado que afete a recepção de sinais desejados; intromissão.

Interferir

Interpor-se, misturar-se, alterando a estrutura ou as características (de algo); ser prejudicial (a algo); afetar.

Legibilidade

Clareza aparente do bem, que pode ser visualmente apreendido como um modelo de símbolos identificáveis; uma cidade legível seria aquela cujas partes pudessem ser facilmente reconhecidas e organizadas num modelo coerente (Lynch, 1999).

Preservação

A manutenção, no estado da substância de um bem e a desaceleração de um processo pelo qual ela se degrada. A preservação se limita à proteção, à manutenção e à eventual estabilização da substância existente. Não poderão ser admitidas técnicas de estabilização que destruam a significação cultural do bem. (Carta de Burra, arts. 1º e 12º)

Significação cultural

Designa o valor estético, histórico, científico ou social de um bem para as gerações passadas, presentes ou futuras. (Carta de Burra, 1980, art. 1º)



BENTLEY, Ian, et al. *Responsive Environments: a manual for designers*. Oxford, U.K.: Architectural Press, 1985.

CASTRIOTA, Leonardo B. Patrimônio Cultural: conceitos, Políticas, Instrumentos. São Paulo: Annablume/ Belo Horizonte: IEDS, 2009.

COSTA, Renato da Gama-rosa ; PESSOA, Alexandre ; RIBEIRO, Cristina. A Restauração do Refeitório Central. In: *Anais do V SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL*, 2005, Niterói. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005.

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1984.

CURY, Isabelle (Org.). Cartas Patrimoniais. Coleção Edições do Patrimônio. Brasília: IPHAN, 2004.

CZAIJKOWSKI, Jorge. *Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, PCRJ, 2000.

CZAIJKOWSKI, Jorge. *Guia da Arquitetura Eclética no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, PCRJ, 2000.

FIOCRUZ. DPH . *Plano Geral de Trabalho*: elaboração de Plano de Preservação para a Área de Interesse Histórico e Paisagístico do Campus FIOCRUZ Manguinhos. (mimeo), 2009.

IBAM. *Plano Diretor do Campus Manguinhos FIOCRUZ*. Rio de Janeiro: (mimeo), 1988.

IPHAN . Portaria nº. 299 de 06 de julho de 2004. (Criar o Plano de Preservação de Sítio Histórico Urbano – PPSH e estabelece um Termo Geral de Referência)

_____. Termo Geral de Referência de Plano de Preservação de Sítio Histórico Urbano do Brasília: IPHAN, 2005.

JOKILEHTO, Jukka. Conceitos e Idéias Sobre Conservação. In: Jokilehto, J. et al. *Gestão do Patrimônio Cultural Integrado*. Recife: CECI/ Ed. Universitária da UFPE, 2002, p.11-19

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

OLIVEIRA, Benedito T. de; COSTA, Renato da Gama-Rosa ; PESSOA, Alexandre José de S. *Um lugar para a ciência: a formação do Campus de Manguinhos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

PARIS. Fuseaux de protection du site de Paris. Disponível em <<http://www.paris.fr>> Acesso: 01/03/2010.

PREFEITURA da Cidade do Rio de Janeiro. *Guia do Patrimônio Cultural Carioca. Bens Tombados 2008*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2008. 4a ed. Revisada.

MOTTA, Lia. “A SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios.” in *Revista do Patrimônio*, n. 22, 1987, Rio de Janeiro, pp. 108-122.

MOURA, Ana Clara M. Geoprocessamento na Gestão do Patrimônio Histórico. In: *Forum Patrimônio: ambiente construído e patrimônio sustentável*. Belo Horizonte, v.2, n.2, mai/ago 2008.

UNESCO. Orientações Técnicas para a Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial. Centro do Patrimônio Mundial. Lisboa: julho 2010. Disponível em <<http://whc.unesco.org/en/guidelines>>

FIG. 172. O Castelo visto da área de Expansão em obras.
Fonte: Equipe LAURD. 2009.





DPH/COC/FIOCRUZ

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Paulo Gadelha

DIRETORA DA CASA OSWALDO CRUZ

Nara Oliveira

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Márcia Franqueira

CHEFE DO SERVIÇO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO

Ana Maria Marques

GERÊNCIA DE PROJETO

Rosana Zouain

ARQUITETA E PESQUISADORA

Inês El-Jaick Andrade

ARQUITETO DO DPH

Daniel Lopes Moreira

LAURD/ PROURB/ FAU/ UFRJ

DIRETORA FAU

Profª Drª Denise Pinheiro Machado

COORDENADORA PROURB

Profª Drª Rachel Coutinho

COORDENADOR LAURD

Prof. Dr. Roberto Segre

COORDENADORA DO PROJETO

Profª Drª Andréa de L. Pessoa Borde

VICE-COORDENADORA

Profª Drª Andréa da R. Sampaio
(UFF)

ARQUITETAS

Tainá Reis de Paula

Helena Junqueira Schmidt Pontes

GRADUANDOS FAU/ UFRJ

Mateus Barbosa Seixas Pinto

Karina Comissanha

Jefferson Duarte

COLABORADORES

Prof. Dr. Naylor Vilas Boas

Arq. Cesar Jordão